



CATOLICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

LISBOA · PORTO

NUMERAIS CARDINAIS EM LINEARIDADE
E INCORPORADOS
EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos

Por

Neide Catarina Nogueira Gonçalves

Lisboa

2022



CATÓLICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

LISBOA · PORTO

NUMERAIS CARDINAIS EM LINEARIDADE E INCORPORADOS EM
LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA

CARDINAL NUMBERS IN LINEARITY AND INCORPORATED

IN PORTUGUESE SIGN LANGUAGE

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau
de mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos

Por

Neide Catarina Nogueira Gonçalves

Sob a orientação da Professora Doutora Mara Susana Pereira Moita e
da Professora Doutora Celda Maria Gonçalves Morgado

Lisboa

2022

RESUMO

Na literatura, são raros os estudos que descrevem sistematicamente os elementos, as estruturas e o funcionamento da Língua Gestual Portuguesa (LGP). Sendo uma língua oficialmente reconhecida no ensino de crianças surdas (Decreto de Lei N.º Lei1/97, nº2, artigo 74º h), importa desenvolver estudos de descrição gramatical de forma que a LGP possa ser metalinguisticamente ensinada e aprendida, além de linguisticamente conhecida.

De forma a descrever e a compreender o uso da quantificação numeral cardinal em LGP, o presente estudo analisa sistematicamente a distribuição do quantificador numeral cardinal (QC) no sintagma nominal (SN) com base no Corpus de Referência da LGP (Projeto Corpus & Avatar da LGP (Ref.^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017)). Até então, a quantificação nominal fora unicamente abordada por Amaral et. al. (1994), em que, com base na produção de dados por um número limitado de gestuantes, se atribuiu a posição pós-nominal ao QC no SN como sendo a ordem correta em LGP e se identifica a posição pré-nominal do mesmo em estruturas de LGP consideradas influenciadas pelo português.

Na procura de se analisar e descrever sistematicamente a posição do QC no SN em LGP, foram analisados 177 SN quantificados com QC, que foram produzidos por 39 gestuantes de LGP, entre 1992 e 2019, de Portugal Continental e do Arquipélago da Madeira. Nesta análise de linguística de corpora, identificou-se uma tendência de ocorrência do QC em posição pré-nominal em LGP transversal a todos os gestuantes e nas várias funções sintáticas do SN, observando-se, ainda, que as percentagens mais altas de ocorrência se registaram à medida que o discurso se apresentou mais naturalístico. Dado que a posição pré-nominal do QC no SN já havia sido identificada em Amaral et. al. (1994), poder-se-á considerar que estes resultados poderão refletir que estamos perante uma fase de transição ou de consolidação da posição pré-nominal do QC no SN em LGP. Um processo de evolução linguística típico das línguas naturais.

Palavras-chave: numerais cardinais, quantificação no sintagma nominal, *corpus linguístico*, Língua Gestual, Língua Gestual Portuguesa.

ABSTRACT

In the literature, studies that systematically describe the elements, structures and function of Portuguese Sign Language (LGP) are rare. Being an officially recognized language in the teaching of deaf children (Decree of Law N.º Lei1/97, nº2, article 74º h), it is important to develop studies of grammatical description so that LGP can be metalinguistically taught and learned, besides being linguistically known.

In order to describe and understand the use of cardinal numeral quantification in LGP, the present study systematically analyses the distribution of the cardinal numeral quantifier (QC) in the nominal syntagma (SN) based on the LGP Reference Corpus (Projeto Corpus & Avatar da LGP (Ref. PTDC/LLT-LIN/29887/2017)). Until then, nominal quantification had only been addressed by Amaral and colleagues (1994), where, based on the production of data by a limited number of gesturers, the post-nominal position of the QC in the SN is attributed as the correct order in LGP and the pre-nominal position of the same is identified in Portuguese-influenced LGP structures.

In the quest to systematically analyse and describe the position of QC in the SN in LGP, 177 SN quantified with QC that were produced by 39 LGP signers between 1992 and 2019 from mainland Portugal and the Madeira Archipelago were analysed. In this corpora linguistics analysis, a trend of occurrence of QC in pre-nominal position in LGP was identified across all the gesturers and the syntactic function of the SN, observing that the highest percentages of occurrence were recorded as the discourse became more naturalistic. Given that the prenominal position of the QC in the SN had already been identified in Amaral and colleagues (1994), these results may reflect a transition or consolidation phase of the prenominal position of the QC in the SN in LGP. A process of linguistic evolution typical of natural languages.

Keywords: cardinal numerals; quantification in nominal phrases; linguistic corpus, sign language; Portuguese Sign Language

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa que tão bem me acolheu, em especial aos meus colegas de investigação no projeto do *corpus*, e à professora doutora Ana Mineiro, investigadora responsável do projeto, elementos fundamentais à concretização do presente estudo, a todos, pelo incentivo, colaboração, partilhas e amizade, o meu profundo e sincero obrigada.

À comunidade surda, em especial aos participantes no meu estudo.

Às professoras orientadoras professora doutora Celda Morgado e professora doutora Mara Moita que caminharam comigo neste desafio, obrigada pelas magníficas orientações, rigor científico, críticas, correções e sugestões, disponibilidade e apoio.

A todos os professores e colegas do mestrado em geral pela transmissão de conhecimentos e partilhas ao longo desta caminhada.

Aos meus colegas de trabalho da Escola secundária de Amora, particularmente à equipa EREB.

À minha família e amigos pela motivação e apoio constantes, em especial à minha irmã e ao meu namorado por me ouvirem tantas vezes e terem de lidar com o meu stresse, obrigada pelo afeto e amparo e principalmente por nunca terem deixado de acreditar em mim.

“Os sonhos são como uma bússola, indicam-nos os caminhos que seguiremos e as metas que queremos alcançar. São eles que nos impulsionam, nos fortalecem e nos permitem crescer.”
Augusto Cury

ÍNDICE	
RESUMO	I
ABSTRACT	II
AGRADECIMENTOS	IV
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I SINTGAMA NOMINAL E QUANTIFICAÇÃO NUMERAL E CARDINAL	3
1 A Frase e os seus Constituintes: Considerações Introdutórias	3
1.1 Sintagma Nominal no Português Europeu: Propriedades Semânticas e Sintáticas	7
1.2 Os quantificadores no Português Europeu: propriedades semânticas e sintáticas	14
1.3 Propriedades semânticas e sintáticas dos sintagmas nominais quantificados	14
1.4 Posição sintática dos quantificadores numerais cardinais exatos no SN	16
2 Propriedades e Características Sintáticas das Línguas Gestuais	20
3 Sintagma Nominal e quantificação na Língua Gestual Portuguesa e nas Línguas Gestuais	21
3.1 Sintagma nominal nas Línguas Gestuais.....	22
3.2 Quantificadores na Língua Gestual Portuguesa e em outras Línguas Gestuais	25
3.3 Propriedades sintáticas dos Quantificadores Numerais Cardinais no Sintagma Nominal nas Línguas Gestuais.....	33
3.4 Incorporação do Numeral Cardinal	43
CAPÍTULO II PROBLEMA EM ESTUDO	51
1 Objetivos do estudo	52
2 Tipo e método de estudo	52
CAPÍTULO III METODOLOGIA	55
1 Constituição do Corpus	55

1.1 Instrumentos e procedimentos para a identificação e extração de quantificadores	56
1.2 Amostra do <i>corpus</i> de quantificação numeral cardinal em sequencialidade em LGP	57
2 Procedimentos de Análise de Dados	61
2.1 Tipo de discurso	62
2.2 Natureza do discurso	63
2.3 Definitude do Sintagma Nominal.....	64
2.4 Função do SN.....	64
2.5 Natureza semântica do referente nominal	65
2.6 Traços semânticos do nome	65
CAPÍTULO IV RESULTADOS E DISCUSSÃO	67
1 Posição do Quantificador Cardinal no Sintagma Nominal: Posição Linear e Posição Incorporada	67
1.1 Sintagmas Nominais quantificados com o Quantificador Cardinal em Posição Linear em LGP	68
1.1.1 Posição do QC no SN – Tipo de discurso	69
1.1.2 Posição do QC no SN – Natureza do discurso	74
1.1.3 Posição do QC no SN – Definitude do SN	75
1.1.4 Posição do QC no SN – Função do SN.....	77
1.1.5 Posição do QC no SN – Natureza semântica do referente nominal	79
1.1.6 Posição do QC no SN – Traços semânticos do nome	83
1.1.7 Posição do QC no SN – Variáveis sociodemográficas	85
1.1.8 Formadores de LGP e não formadores de LGP	91
1.2 Sintagmas Nominais quantificados com o Quantificador Cardinal em Posição Incorporada em LGP.....	92
CAPÍTULO V Considerações Finais.....	97
1 Limitações e estudos futuros	101
CAPÍTULO VI Referências bibliográficas	103

Índice tabelas

Tabela 1: Tipologia de Especificadores do SN (retirado de Raposo e Miguel (2013: 718).	8
Tabela 2: Resumo da tipologia de quantificadores de contagem e de medição no PE. ..	14
Tabela 3: Resumo da tipologia de quantificadores numerais no PE.	15
Tabela 4: Resumo da ordem do numeral cardinal no SN em PE.	20
Tabela 5: Ordens verificadas e não verificadas nas LO de acordo com a versão de Cinque (2005) do "Universal 20".	23
Tabela 6: Coons (2022) Ordem Nome/ Quantificador Cardinal nas LG e nas LO.....	34
Tabela 7: Resumo da literatura da distribuição sequencial do QC no SN nas LG: [N QC]; [QC N] ou [QC N]/ [N QC].	40
Tabela 8: Incorporação de numerais encontrados por Sagara e Zeshan 2016.	44
Tabela 9. Caracterização sociodemográfica dos gestuantes do corpus.	58
Tabela 10: Caracterização do gestuantes por formadores e não formadores de LGP.....	59
Tabela 11. Caracterização das produções do corpus relativamente ao ano da sua produção e origem geográfica do gestuante.....	60
Tabela 12: Tabela de tipos de discurso analisados no corpus.	62
Tabela 13: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição linear e em posição incorporada.....	67
Tabela 14: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição linear pré-nominal e em posição linear pós-nominal.....	68
Tabela 15: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o tipo de discurso elicitado ou livre.....	69
Tabela 16: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o tipo de discurso formal ou informal.....	71
Tabela 17: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o tipo de discurso planificado ou não planificado. .	72
Tabela 18: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a natureza do discurso.....	74
Tabela 19: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a definitude do SN.	76

Tabela 20: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a função sintática do SN.	78
Tabela 21: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a do referente nominal.	80
Tabela 22: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando unidades de medida.....	82
Tabela 23: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando os traços do nome associado.....	83
Tabela 24: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a região geográfica dos gestuantes.	86
Tabela 25: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a região geográfica dos gestuantes.	87
Tabela 26: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal.....	88
Tabela 27: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o intervalo de tempo das produções.....	90
Tabela 28: Produções por formadores e não formadores de LGP em ordem pré-nominal e pós-nominal.	91
Tabela 29: Nome semântico com numerais incorporados	92
Tabela 30: Parâmetros fonológicos alterados nos QC incorporados no nome.....	93
Tabela 31: Função sintática desempenhada pelos QC incorporados.	94

Índice de figuras

Figura 1: Exemplo de quantificação por reduplicação e por repetição para a pluralização de pessoa. (Steinbach, 2012: 116)	27
Figura 2. Exemplo de quantificação no espaço: EU-DAR.PRESENTE-DISTR (‘Eu dei um presente a todos’) (imagem retirada de Kimmelman, 2017: 818).....	27
Figura 3: Exemplo de quantificação no espaço: DISTR-DAR.PRESENTE-1 (‘Todos me deram um presente’) (imagem retirada de Kimmelman, 2017: 819).	28
Figura 4: Exemplo de quantificação com reduplicação do classificador na Língua Gestual Alemã (DGS) (imagem retirada de Pfau et al. (2012)).	28
Figura 5: Exemplos de quantificação de pronomes incorporados (imagem retirada de Felipe & Monteiro (2007): 38).	29
Figura 6: Numerais para quantidades específicas em LGP (1 a 5), segundo Amaral et al. (1994).	29
Figura 7: Numerais quantificados em LGP (1 a 5), segundo Amaral et al. (1994). 30	
Figura 8: Exemplos de duas possibilidades de ocorrência de SN quantificado em LIS (Mantovan, Geraci & Cardinaletti, 2014: 115-116).	37
Figura 9: Exemplo de produção do numeral 20 em RSL (Semushina & Mayberry, (2019): 27.	45
Figura 10: Exemplo de produção do gesto MINUTOS em DGS retirado do SpreadtheSign.	46
Figura 11: Incorporação de ANO-PASSADO e ANO-FUTURO em LSE (A. F. Soneira & Fuentes, 2003).	48
Figura 13. Gestos incorporado em LGP [HÁ-QUATRO-ANOS] e [HÁ-DOIS-ANOS]]	94

LISTA DE ACRÓNIMOS OU SIGLAS

De seguida, é apresentada uma lista de

SN – Sintagma Nominal

GN – Grupo Nominal

LG - Língua Gestual

LO – Língua Oral

PE – Português Europeu

LGP – Língua Gestual Portuguesa

ASL – Língua Gestual Americana

HKSL – Língua Gestual de Hong Kong

ISL – Língua Gestual Israelita

LIS - Língua Gestual Italiana

VGT - Língua Gestual Flamengo

NZSL – Língua Gestual Nova Zelândia

PSO – Língua Gestual Polaca

LSE – Língua Gestual Espanhola

NGT - Língua Gestual Holandesa

TSL – Língua Gestual de Taiwan

LIBRAS – Língua Gestual do Brasil

LSC - Língua Gestual Catalã

LSF - Língua Gestual Francesa

RSL - Língua Gestual Russa

NZSL - Língua Gestual de Nova Zelândia

TÍD – Língua Gestual Turquia

LSQ - Língua Gestual de Québec

LSM - Língua Gestual Mexicana
MNM – Marcadores Não Manuais
ESL - Língua Gestual de Estónia
UgSL - Língua Gestual de Uganda
CSL – Língua Gestual Chinesa
JSL - Língua Gestual Japonesa
CSE - Língua Gestual da República Checa
DGS - Língua Gestual Alemã
BSL – Língua Gestual Britânica
FinSL – Língua Gestual Finlândia
GSL – Língua Gestual Grécia
Cambodian SL - Língua Gestual de Camboja
HNSL - Ha Noi Sign Language
HCMCSL - Ho Chi Minh City Sign Language
IPSL - Língua Gestual Indo Paquistanesa
INL – Língua Gestual Indonésia
HNSL – Língua Gestual de Ha Noi
HCMCSL - Língua Gestual de Ho Chi Minh City
OBSL - Língua Gestual de Bangkok
OCMSL - Língua Gestual Original de Chiang Mai Sign Language

CONVENÇÕES

[>] = Ordem dos constituintes

[IX] = índice ou gesto apontador

[-] = Um gesto que equivale a duas ou mais palavras escritas

[+] = Repetição do mesmo gesto várias vezes

[DISTR] = Repetir o mesmo gesto no espaço

INTRODUÇÃO

As Línguas Gestuais (LG), línguas naturais de expressão verbal das pessoas surdas, desenvolvem-se, tal como as Línguas Orais (LO), em comunidade e variam ao longo do tempo e no mesmo espaço de tempo, devido a diversos fatores. O indivíduo surdo, quando exposto ao contacto com outros falantes nativos de LG, adquire a Língua Gestual espontaneamente e sem esforço (Sim-Sim, 2005).

No sentido de contribuir para progressão de estudos linguísticos que ajudem a reconhecer a ordem sintática de elementos dentro do Sintagma Nominal (SN) na Língua Gestual Portuguesa (LGP) com base em evidências científicas, tendo como base produções naturais de LGP, pretende-se, com o presente estudo, observar a posição que os Quantificadores Numerais Cardinais (QC) ocupam no SN. Apesar de o estudo de Amaral et. al. (1994) apresentar, de forma sucinta e quase-prescritiva, o elemento cardinal a ocorrer maioritariamente em posição pós-nominal e identificar a ocorrência pontual do cardinal em posição pré-nominal como influência do Português Europeu (PE) no discurso dos gestuantes de LGP, em conversação informal, a posição que o cardinal ocupa no SN carece de uma análise mais profunda.

No presente trabalho, analisam-se a ocorrência do quantificador numeral cardinal (QC) e a sua posição no interior do SN com o objetivo de descrever a sua constituição e o seu funcionamento, de descrever as propriedades semânticas dos SN quantificados e dos seus núcleos, de identificar os contextos sintático-semânticos de ocorrência dos QC sequenciais na LGP, e de analisar as condições semânticas e morfossintáticas de incorporação dos QC. Para esta análise, recorreremos ao “Corpus & Avatar da Língua Gestual Portuguesa” (Ref.^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017) do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa. Este estudo baseia-se numa análise qualitativa e quantitativa com base na frequência de ocorrência.

Perante a ausência de uma análise sistemática e descritiva do SN e dos seus elementos na LGP e, em geral, nas LG, e tendo em conta as diferenças entre os sistemas linguísticos oral e gestual, apresentamos, no primeiro capítulo, uma descrição teórica dos aspetos do SN com base no PE, iniciando com uma breve descrição da ocorrência do QC no SN em PE recorrendo a obras e autores de referência. Ainda no primeiro capítulo, na segunda

parte, são apresentados os estudos resultantes da pesquisa efetuada que descrevem os quantificadores no SN nas LG e, em particular, a posição do QC no SN nas LG e na LGP.

No segundo capítulo, é o exposto o problema em estudo com a apresentação das questões de investigação, bem como do tipo e método de estudo.

No terceiro capítulo, é apresentada a metodologia adotada no presente trabalho de investigação.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados e a discussão obtidos na análise dos dados linguísticos para a descrição do SN quantificado com numeral cardinal, sendo estes discutidos de forma a responder à questão de investigação colocada e com base na literatura sobre o SN quantificado nas LG e em LGP.

Por último, no quinto capítulo, são apresentadas as considerações finais do presente trabalho de investigação, seguidas das implicações do estudo e das propostas de investigação futuras.

CAPÍTULO I SINTAGMA NOMINAL E QUANTIFICAÇÃO NUMERAL E CARDINAL

Neste capítulo, começamos por apresentar as principais considerações sobre os constituintes e a estrutura da frase em Português Europeu (PE) e nas Línguas Gestuais (LG) (secção 1). De seguida, são descritos o Sintagma Nominal (SN) e a quantificação no PE, tendo em consideração a ordem básica dos elementos no SN, assim como as suas propriedades semânticas e sintáticas (secção 2). Posteriormente, dirigido às Línguas Gestuais (LG) e à Língua Gestual Portuguesa (LGP), abordamos as características particulares da modalidade linguística visuo-espacial, citando estudos sobre o SN e a quantificação nas LG e na LGP (secção 3).

Em Portugal, as primeiras investigações na LGP surgiram nos anos 80 principalmente pela mão de Maria Raquel Delgado Martins que, mais tarde, acabou por se juntar a Maria Augusta Conde Amaral e Amândio Coutinho publicando o primeiro trabalho de descrição linguística da LGP (Amaral, Coutinho & Delgado-Martins, 1994). Desde então, a análise linguística à LGP tem vindo a ganhar interesse, sendo maioritariamente orientada para o léxico (Carvalho, 2016, Mineiro, Carvalho & Carmo, (em revisão)), para a fonologia (M. E. A. Gonçalves, 2016; N. Gonçalves et al., 2022; Morais et al., 2011; Silva, 2021) e para a morfologia (H. Carmo et al., 2017; Nascimento & Correia, 2011; Correia, 2020), com base em estudos exploratórios e observações realizadas a dados principalmente elicitados. Só recentemente, as estruturas morfossintáticas e sintáticas da LGP têm vindo a ser analisadas com maior profundidade, em específico a ordem básica desta língua (Bettencourt, 2015; Morgado, Brito & Bettencourt, 2016).

1 A Frase e os seus Constituintes: Considerações Introdutórias

A comunicação verbal entre os seres humanos, na modalidade gestual ou oral, é estabelecida a partir da combinação de palavras/gestos que fazem parte do léxico da sua língua, possibilitando a construção de um número ilimitado de orações, que lhes permitem exprimir sentimentos, pensamentos, descrever acontecimentos, entre outros. As orações organizam-se estrutural e funcionalmente com base em regras e princípios sintáticos (Raposo, 2013a: 303).

Cada palavra/ gesto, ou combinação de palavras/ gestos, funciona como uma unidade sintática a que chamamos constituinte. De uma forma geral, nas línguas, a combinação de constituintes numa oração simples permite estabelecer, desde logo, o sujeito e o predicado, resultando na constituição de unidades menores da frase: o SN e o Sintagma Verbal (SV), como no exemplo 1. Esta articulação é observada nos sistemas linguísticos de modalidade oral, como nos exemplos em 1a e 1b para o PE, e de modalidade gestual, como nos exemplos (1c) e (1d) para a LGP, em que as orações e as relações morfossintáticas se organizam no espaço sintático em frente ao gestuante.

(1)

- a. [SN Eu] [SV vim do estrangeiro].
- b. [SN Eu] [SV acordei com o cabelo despenteado].
- c. [SN EU] [SV VIR ESTRANGEIRO]¹
- d. [SN EU] [SV ACORDAR CABELO DESPENTEADO]².

Organizados hierarquicamente, os constituintes da oração funcionam em torno de um constituinte central – o núcleo - que poderá ser um nome, um verbo, um adjetivo, um advérbio ou uma preposição. A projeção de uma dada categoria lexical constitui o núcleo dessa categoria, sendo consideradas essas categorias sintagmáticas a projeção máxima do seu núcleo. Um dado sintagma pode ser exclusivamente constituído pelo seu núcleo, à exceção do sintagma preposicional (Duarte et al., 1999).

Na oração, existem dependências referenciais essenciais para a análise semântica e pragmática (Duarte, 2000; Mória, 2016). Os constituintes da oração exercem diferentes funções considerando o seu valor semântico, sendo a combinação de predicadores com argumentos essencial na comunicação linguística. A predicação estabelece a relação entre o sujeito e o predicado e também a relação entre um núcleo lexical e os seus argumentos (Brito, 2003). Tal como descrito em Raposo e colegas (2013), os argumentos, por sua

¹ Exemplo extraído do projeto Corpus & Avatar da Língua Gestual Portuguesa (Ref^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017)

² Exemplo extraído do projeto Corpus & Avatar da Língua Gestual Portuguesa (Ref^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017)

vez, poderão desempenham as funções de sujeito gramatical, ou de complemento direto, ou de complemento indireto ou de complemento oblíquo.

Resultados de investigações ao nível da sintaxe das LG mostram semelhanças na estrutura e na organização dos constituintes nas orações em relação às Línguas Oraís (LO), o que evidencia a ideia de existência de universais linguísticos. Ainda assim, todas as línguas partilham características hierárquicas específicas (Kayne, 1994). A simultaneidade na produção de unidades linguísticas, característica particular das LG, através do uso de Marcas Não Manuais (MNM) ou do recurso aos dois articuladores manuais, são exemplos que permitem a produção de diferentes constituintes em simultâneo (Vermeerbergen et al., 2007, e.o.), o que dificulta a análise da estrutura sintática e a consequente determinação da ordem de constituintes na oração nas LG.

De entre vários autores que contribuíram para o estudo da ordem básica (canónica) de palavras, nas LO, destacamos Greenberg (1963) e Chomsky (1982). Greenberg (1963) demonstrou serem possíveis, para as LO, seis combinações lógicas de sujeito (S), objeto (O), verbo (V). Ainda que as línguas possam apresentar alterações de ordem de palavras, cada uma terá a(s) sua(s) ordem(s) canónica(s), identificando-se como mais frequentes, entre as LO, as ordens SVO, SOV e VSO.

Em PE, a ordem canónica é SVO. O sujeito inicia a oração seguido pelo predicado, que integra o verbo (núcleo) e os complementos com função de objeto. Contudo, é possível que os constituintes alterem a sua posição sem que a frase se torne agramatical ou que essa variação da ordem seja considerada livre. Este fenómeno deve-se, muitas vezes, a construções de tópico e de foco. Construções topicalizadas identificam-se facilmente pela posição inicial de um constituinte objeto e por se encontrarem entre pausas (Duarte, 2013).

Tal como as LO, as LG exibem também restrições quanto à ordem de palavras. Para as LG, vários estudos demonstraram que, em maioria, as ordens mais frequentes parecem oscilar entre SVO e SOV (Arik, 2020; Napoli & Sutton-Spence, 2014). Alguns estudos (Napoli & Sutton-Spence, 2014) identificaram, através da observação de orações simples em 42 LG (constituídas por S, V e O), que as ordens SOV e a SVO como mais frequentes. Por sua vez, Coerts (1994) indica um favorecimento para a ordem SVO em estruturas com reversibilidade semântica dos argumentos (isto é, quando ambos os referentes podem

ser agente semântico) e em frases locativas (quando são apresentadas as posições de dois referentes em relação um ao outro). A ordem SOV foi observada mais frequentemente em orações com estrutura argumental não reversível, por exemplo, na Língua Gestual Italiana (LIS) (Volterra et al., 1984) e na Língua Gestual Flamenga (VGT) (Vermeerbergen, Van Herreweghe, et al., 2007). Nestes estudos, fatores semânticos como a animacidade dos nomes e as características morfossintáticas dos verbos são também considerados elementos que poderão influenciar a ordem dos constituintes nas LG.

Ainda que a maioria das LG possam ter uma ordem relativamente estável, outras LG parecem permitir uma maior variação (Leeson & Saeed, 2012), revelando-se que a ordem é relativamente flexível dado que os constituintes podem ser movidos por construções de tópico e de foco (Aarons, 1994; S. D. Fischer & Siple, 1990; Neidle et al., 2003). Perniss e colegas (2007), entre outros investigadores, mostraram evidências de que é possível identificar uma ordem básica não marcada tendo em conta elementos frásicos em tópico, sujeito pronominal deslocado para a direita e a possibilidade de existência de argumentos nulos.

No entanto, outras ordens são também encontradas, como a ordem OSV, como no exemplo (2a), para a Língua Gestual Americana (ASL), que resultará da topicalização do objeto produzido através do recurso a MNM. Em (2b), para a Língua Gestual Holandesa (NGT), a ordem de superfície é OVS por deslocação do sujeito pronominal para a direita.

(2)

a. [JOHN MARY LOVE]

João (TÓPICO) Maria amar.

(Neidle et al., 2000: 50)

b. [BOOK BUY IX (apontar 3a pessoa)]

ele(a) compra um livro

(Perniss et al., 2007: 15)

Para a LGP, Amaral et. al. (1994) afirmam que a ordem mais frequente é a OSV. Os autores argumentam ainda que, no caso de existirem elementos que substituam pessoas ou locais no espaço sintático, a ordem de palavras obedece a determinado conjunto de regras e que a produção de verbos como COMPRAR, DIZER, DAR, VENDER ou OFERECER e

verbos espaciais (DESLOCAR, LEVAR, TRAZER) exige uma ordem obrigatória, e esta é SVO. Mais recentemente, numa análise mais aprofundada a um *corpus* de dados elicitados, Bettencourt (2015) concluiu ser a ordem SVO a ordem básica da LGP, em frases simples declarativas não marcadas. Contudo, foi observada flexibilidade e outros padrões de ordem em situações com estrutura argumental não reversível. Os casos com outros padrões de ordem foram acompanhados com MNM, obedecendo a regras próprias para a sua compreensão.

Neste contexto, observa-se que, para a LGP, a ordem básica de constituintes ainda não foi sistematizada, verificando-se alguma discordância entre os estudos existentes.

Relativamente ao sintagma nominal (SN), em específico, existem poucos estudos para as LG que se tenham ocupado da observação dos elementos que compõem o SN e a sua ordem, contudo na secção 3.1. referimos alguns deles.

Tendo em consideração que o SN quantificado na LGP é objeto de análise neste trabalho e que este não se encontra sistematicamente descrito, é necessário considerar, ao nível do PE, os elementos que compõem o SN e qual a sua posição no SN bem como a posição em que ocorre o quantificador dentro do mesmo sintagma. Imediatamente no ponto seguinte, exploramos alguns estudos sobre o SN nas LG, para que possamos posteriormente analisar o SN quantificado na LGP.

1.1 Sintagma Nominal no Português Europeu: Propriedades Semânticas e Sintáticas

O SN é o constituinte resultante da combinação de itens lexicais de natureza nominal e de categorias funcionais (Brito, 2003). Núcleo e complementos formam a estrutura lexical da categoria do SN, selecionando complementos como no exemplo (3a), enquanto determinantes e quantificadores formam a estrutura funcional do SN, situando-se à esquerda do nome, como no exemplo (3b) (Brito, 2003: 328).

(3)

- a. *filmes* sobre catástrofes naturais.
- b. Alguns *filmes*.

O núcleo do SN pode combinar-se com outros elementos agrupados nas subclasses dos complementos, dos modificadores e dos especificadores (determinantes e quantificadores). Os elementos que formam o núcleo do SN poderão ser nomes próprios, nomes comuns ou pronomes. Os nomes próprios e os pronomes quando ocorrem com a função de argumento, de complemento, ou de modificador de um adjetivo ou de um nome, de uma preposição ou de um advérbio são expressões referenciais (Brito, 2003).

Os nomes comuns podem selecionar argumentos e combinar-se com modificadores. Como não designam exemplares concretos, é necessária a articulação a especificadores (determinantes ou quantificadores (tabela 1) para poderem referenciar entidades do universo discursivo. No caso dos pronomes, à semelhança do que acontece com os nomes próprios, os interlocutores têm de conhecer o referente, pois só assim é possível que o pronome possa igualmente referenciar entidades do universo discursivo (Raposo & Miguel, 2013a: 713).

Tabela 1: Tipologia de Especificadores do SN (retirado de Raposo & Miguel, 2013a: 718).

Especificadores		
Determinantes	Artigos	o/os; a/as; um/uns; uma/umas
	Demonstrativos	este; esse; aquele
	Forma “algum”	algum/alguns; alguma/algumas
Quantificadores	Cardinais	um; dois; quinze; cinquenta
	Universais	todos; ambos
	Vagos	Inúmeros; demasiados; poucos; bastantes

A estrutura interna do SN é semanticamente dependente do tipo de nome que o constitui. Tendo em consideração a natureza semântica dos nomes, existem nomes com traço semântico: [+ animado], (mulher, gato); [- animado], (caderno, casa); [+ humano] (menina, bebé); [-humano] (cão, pássaro). Quanto às subclasses, os nomes podem ser

nomes comuns (caneta, telemóvel); nomes próprios (Lisboa, António). Inseridos nos nomes comuns, existem os nomes contáveis (cadeira, almofada); nomes não contáveis/massivos (água, farinha); nomes concretos (computador, mesa); e nomes abstratos (alegria). Os nomes que admitem variação em número e a construção do seu valor referencial serão os nomes comuns não contáveis (Brito, 2003).

Relativamente à constituição interna do SN, este é composto por um constituinte menor formado pelo nome e outros elementos com significado denotativo, excluindo o especificador. A esses constituintes chamamos de Grupo Nominal (GN), dado que não constroem valor referencial por si só (4a; 4b) (Duarte & Oliveira, 2006: 221).

(4)

- a. [SN OS [GN meus livros de ficção científica]].
- b. [SN a [GN estante amarela]].

No caso de o SN conter um quantificador ou um numeral na posição intermédia, esse elemento irá pertencer ao GN uma vez que contribui para a denotação do nome, sendo, neste caso, o determinante o especificador (5a) de SN e o responsável por uma leitura definida (5) (Raposo & Miguel, 2013: 731).

(5) [SN OS [GN cinco estudantes presentes na reunião]].

No caso do numeral cardinal ou de um quantificador ocorrerem no início da oração introduzindo uma leitura indefinida, estes funcionam como especificador de SN e não pertencem ao GN (6) (Raposo & Miguel, 2013: 731).

(6) [SN cinco [GN estudantes presentes na reunião]] aprovaram a proposta.

Importa mencionar que nem todos os SN têm especificador. No caso de o SN ter valor existencial e indefinido apresentando uma quantidade indeterminada de entidades ou uma quantidade indeterminada de substância, este pode ocorrer sem especificador. Nestes casos, chamamos de SN reduzido, adotando a terminologia utilizada por Raposo e Miguel (2013a) (7a; 7b).

(7)

- a. Ontem bebi [SN [GN *vinho tinto*]] ao jantar.
- b. Levei [SN [GN *livros do Tintim*]] para ler nas férias.

(Raposo & Miguel, 2013: 731)

Quanto à posição que ocupam os especificadores, estes ocorrem maioritariamente à esquerda do GN e permitem ao SN representar entidades do universo do discurso podendo ser combinados com complementos e/ou modificadores ou ainda ocorrendo de forma isolada (8) (Raposo, 2013b).

(8) Simpáticos *os* [GN cinco vizinhos] que conhecemos ontem.

Em posição pós-nominal, surgem os complementos do nome, que servem para completar o sentido do SN com opção de selecionar expressões de natureza argumental, a que chamamos de nomes dependentes. Aos nomes que não selecionam expressões, chamamos de nomes autónomos (Raposo, 2013c).

Os modificadores de nome surgem no SN como elementos que introduzem propriedades adicionais na denotação de um nome, restringindo-lhe sentido. Podem ser adjetivos, orações relativas, sintagmas preposicionais ou orações que têm como núcleo um participio passado que pode ou não ser acompanhado pelos seus elementos. Geralmente, os modificadores preposicionais são acompanhados pela preposição *de* (9) (Raposo e Miguel 2013: 717).

(9) Os dois [gatos cinzentos] *da* Joana.

Os constituintes do SN podem exercer diferentes funções sintáticas. Como anteriormente já foi dito, na estrutura funcional das orações, o predicador é a palavra ou expressão que representa o tipo de situação descrita pela oração e os argumentos as expressões que representam as entidades que participam nessas situações.

Assim sendo, dependendo do contexto em que ocorrem, os SN podem exercer diferentes funções: a função sintática de sujeito (10a), de complemento direto (10b), de complemento indireto (10c), de complemento oblíquo (10d) (Raposo & Miguel, 2013: 704).

(10)

- a. *Os professores* escreveram um livro.
- b. Fizemos *um bolo de laranja* no domingo.
- c. Ofereci o livro a *um amigo meu*.
- d. Almocei com *ela*.

No caso de o SN representar uma propriedade que se atribui a uma entidade, este constituinte pode ainda ter valor predicativo (11a; 11b) (Raposo, 2013: 705).

(11)

- a. O Pedro é *um pianista brilhante*.
- b. Ele é *professor de matemática*.

Quanto à posição que ocupam na oração, os SN com função sintática de sujeito ocorrem, por defeito, em posição pré-verbal (Sujeito-Verbo) (12a). Os SN com função sintática de objeto direto ocorrem em posição pós-verbal (12b) ou na periferia esquerda da estrutura sintática em posição topicalizada ou em foco (12c) (Duarte & Oliveira, 2006).

(12)

- a. *O Pedro* entregou o exame.
- b. O João deu *o CD* à Paula.
- c. O João deu-lhe *o CD* (a ela).

Na observação da natureza semântica do SN, podemos perceber que os elementos que o constituem nos dão informação contextual que permite a determinação do seu valor semântico (Brito, 2003). O valor semântico do SN pode depender apenas do valor semântico das expressões que o compõem – quantificadores, nome, complementos e modificadores (expressões semânticas intrínsecas ao SN), ou ainda depender de relações entre o SN com outros elementos da frase, ou do discurso (expressões semânticas extrínsecas ao SN) (Reis, 1993).

O SN pode ter valor semântico referencial, quantificacional e predicativo (Peres, 2013). O valor referencial relaciona-se com o SN produzido pelo falante para designar uma

entidade em particular ou um conjunto de entidades do universo do discurso (Cunha & Cintra, 1984; Duarte & Oliveira, 2006; Lyons, 1977, e.o.). Em PE, o valor semântico referencial está relacionado com o uso de determinantes pela seleção de artigo definido ou indefinido num dado contexto. Os SN referenciais podem ser semanticamente distintos com os traços [\pm definido]/ [\pm específico]. Segundo (Raposo & Miguel, 2013a: 707), a capacidade referencial dos SN depende do seu valor referencial. O núcleo, que poderá ser um pronome, um nome próprio ou um nome comum, será introduzido por um determinante definido ou demonstrativo. Em (12) todos os SN determinados pelo artigo definido têm valor referencial uma vez que o falante tem em mente a entidade em causa, assumindo que o interlocutor é capaz de a identificar (Raposo & Miguel, 2013a: 707).

(13)

- a. [_{SN} O tigre branco] feriu uma mulher.
- b. Vamos ver [_{SN} os tigres brancos no Jardim Zoológico de Lisboa].
- c. [_{SN} Este tigre branco] habita principalmente na Índia, mas também no Bangladesh.

As expressões nominais designam-se [+ definidas] quando os interlocutores têm conhecimento comum do referente e são antecedidas de artigos definidos ou de demonstrativos, em alguns contextos, as expressões designam indivíduos singulares ou plurais únicos, como no exemplo (14), em que a expressão nominal “Os jogadores de vólei do Sporting” se refere a cada um dos jogadores sendo que esta se apresenta com interpretação distributiva por nos permitir interpretar que cada um dos jogadores do sporting se levanta às seis da manhã (Duarte, 2000: 303):

(14)

- a. [_{SN} O pai da Maria] ofereceu-lhe um carro.
- b. [_{SN} Os jogadores de vólei do Sporting] levantaram-se às seis da manhã.

As expressões [- definidas] referem um referente singular ou uma pluralidade de referentes não identificados por todos os interlocutores. Estas expressões podem ainda ter uma interpretação [+ específica], ou seja, referem-se a entidades existentes num universo de referências, sendo possível dar mais informações sobre estas (15a, 15b). Expressões [-

definidas] podem ainda, noutros contextos, ter uma interpretação [- específica] (15c; 15d) (Duarte, 2000: 304):

(15)

- a. [SN Uma andorinha] fez ninho na minha varanda.
- b. Chegou [SN uma encomenda postal].
- c. Quero conhecer [SN um linguista neozelandês].
- d. Procuro [SN umas ervas que combinem bem com beringelas].

Miguel e Raposo (2013: 822) acrescentam ainda que, na identificação de um SN indefinido com uma leitura [+ específica], o falante do PE se refere a entidades particulares, mas que para o interlocutor a sua identificação tem pouca importância no contexto discursivo (16a), não tendo o interlocutor informação suficiente para identificar o referente mencionado. No caso de um SN indefinido com uma leitura não específica [- específico], o falante não tem em mente um referente em particular (16b) ou apresenta pela primeira vez um referente novo (16c) (Miguel & Raposo, 2013: 840). O SN indefinido com leitura não específica é também verificado quando se trata de um evento com frequência regular, como no exemplo (16d), em que não se designa uma galinha em particular, mas um conjunto de indivíduos arbitrários pertencentes à classe “galinha” (Miguel & Raposo, 2013: 840).

(16)

- a. Na semana passada, fui ao concerto com [SN uns novos amigos].
- b. Espero poder conhecer [SN uns novos amigos] este semestre.
- c. Vai à cozinha e tempera [SN uma galinha que está em cima da mesa].
- d. Todas as semanas, a família do Sérgio come [SN uma galinha].

Além destes contextos, em frases declarativas, se um SN indefinido com a função de sujeito ocorrer na posição pré-verbal, este tende para uma leitura específica (17a). Em contrário, se um SN indefinido ocorrer na posição pós-verbal, este terá uma tendência para uma leitura não específica (17b) (Gao, 2019: 63).

(17)

- a. [SN Uma galinha] pôs um ovo debaixo do limoeiro.

b. Estava debaixo do limoeiro [SN uma galinha].

1.2 Os quantificadores no Português Europeu: propriedades semânticas e sintáticas

Os quantificadores são especificadores que, quando combinados com um nome, formam um SN que fornece aos interlocutores do discurso informação sobre as entidades e a sua quantidade. A quantificação é o processo que permite a determinação de quantidades (Peres, 2013). Sintaticamente, a quantificação é expressa por meio do uso de quantificadores no SN, que podem ser existenciais ou universais, funcionando sempre dentro de um Sintagma Quantificacional. A quantificação pode ser distinguida em quantificação universal caso a propriedade se aplique a todos os membros do domínio de quantificação (como por exemplo, *todos* e *ambos*) ou, por outro lado, em quantificação existencial quando é transmitida a informação de que, pelo menos, um membro do domínio de quantificação exhibe a propriedade considerada (como, por exemplo, *um*; *alguns*; *muito*; *pouco*; *bastante*) (Peres, 2013).

1.3 Propriedades semânticas e sintáticas dos sintagmas nominais quantificados

Segundo Peres (2013), os processos de quantificação realizados pelas línguas naturais reduzem-se ao exercício básico de duas capacidades básicas da cognição humana: contar entidades e medir valores. Os quantificadores apresentam entre si aspetos distintos. A denotação das entidades que quantificam permite diferentes interpretações e o tipo de nomes e predicados com que podem ocorrer auxiliam a determinação do valor semântico. Os SN quantificados podem ser semanticamente distintos: quantificadores de contagem e de medição (tabela 2); quantificadores numerais (tabela 3); e quantificadores vagos (como por exemplo, *algum*; *muito*; *pouco*).

Tabela 2: Resumo da tipologia de quantificadores de contagem e de medição no PE.

Quantificadores de contagem e de medição
--

Quantificação de contagem	Quantificação de medição	Quantificação escalar / quantificação de graduação
Aplica-se a domínios de objetos como as pessoas, os livros, as cadeiras ou os países	Associado à noção de quantidade contínua e aplica-se ao domínio de substâncias como ar ou água.	Consiste num valor em determinada escala. Escala numérica descontínua (valores de notas); escala de propriedade física (intensidade do som); escalas de valores relativos a qualidades atribuídas a objetos; uma escala de uma propriedade comportamental.

Tabela 3: Resumo da tipologia de quantificadores numerais no PE.

Quantificadores numerais					
Cardinais	Fracionários	Multiplicativos	Coletivos	Ordinais	Expressões de percentagem
um	metade	dobro	meia dúzia	primeiro	0,25%
duzentos	um terço	triplo	uma dezena	segundo	80%
mil	dois décimos	cêntuplo	um quarteirão	centésimo	5,12%

Nas subclasses acima mencionadas, apenas os numerais ordinais expressam valores relativos a ordem e não a quantidades como acontece com os restantes. Semanticamente, os ordinais precedem o determinante ou pronome possessivo no caso de este pertencer ao SN (18a). Os numerais cardinais servem para a quantificação de contagem e quando agregados a determinadas expressões expressam quantificação de medição (18b e 18c).

(18)

- a. *o meu primeiro carro*
- b. *dois litros de água*
- c. *quatro quilos de massa*

Os numerais fracionários e os numerais multiplicativos são usados em quantificação de contagem e em quantificação de medição. Podemos ainda considerar os numerais percentuais como sendo muito próximos dos numerais fracionários, ou seja, as expressões que exprimem percentagem.

Sendo o objetivo deste trabalho o estudo da posição dos quantificadores numerais cardinais no SN, restringimo-nos, no ponto seguinte, à apresentação do posicionamento deste tipo de quantificadores no SN no PE.

1.4 Posição sintática dos quantificadores numerais cardinais exatos no SN

Os numerais cardinais comuns ocorrem geralmente na periferia esquerda dos SN, em três posições distintas:

- dentro do GN, antes do nome e à direita de um pronome possessivo opcional e, nesse caso, o SN tem um especificador independente, como por exemplo um artigo definido (19a);
- fora do GN e como especificadores únicos do SN (19b);
- em construções partitivas, precedendo um SN definido, ao qual se ligam através da preposição *de* (19c).

(19)

- a. Desapareceram [_{SN} OS [_{GN} meus três gatos cinzentos]].
- b. Desapareceram [_{SN} três [_{GN} gatos cinzentos]].

c. Desapareceram [_{SN} três d[_{GN} os gatos cinzentos]].

(Vicente, 2013: 929)

Os numerais cardinais podem ocorrer como nomes nucleares em SN que referem números ou algarismos (20a), e podem, ainda, ocorrer em construções especificativas (20b), em que funcionam também como nomes próprios - estes últimos casos não serão analisados neste estudo.

(20)

- a. Estes *setes* parecem *uns*.
- b. Lá vem ele no seu velho *180* (180 = modelo de carro da marca Mercedes).

(Vicente, 2013: 929)

Podem ser usados com valor de ordinais, ocorrendo à direita do nome para especificar um exemplar único do tipo denotado pelo nome e tomando o SN, de certa forma, equivalente a um nome próprio (21).

(21) Página *duzentos e um*.

(Vicente, 2013: 930)

Quando funcionam como especificadores (22a), ou como nomes próprios de um número ou de entidades que são únicas (22b), os numerais cardinais comuns são invariáveis em número.

(22)

- a. Encontrei *três* dos relógios que tinha perdido.
- b. O *três* é um número ímpar.

(Vicente, 2013: 930)

Quanto ao género, os numerais cardinais são invariáveis à exceção dos que correspondem a duas ou mais centenas – apenas produzidas no plural (23a). Os numerais um e dois, quando ocorrem isoladamente (23b) e quando fazem parte de numerais

aditivos, são constituídos por várias palavras que se interpretam como parcelas de uma soma (23c).

(23)

- a. *duzentos* livros ou *trezentas* revistas.
- b. *um* (só) livro, *uma* (só) revista.
- c. vinte e *um* livros, vinte e *uma* revistas.

(Vicente, 2013: 930)

Como percebemos pela literatura, os numerais cardinais comuns no PE ocorrem maioritariamente em posição pré-nominal a não ser que sejam produzidos com valor de ordinais, ocorrendo, nesses casos, em posição pós-nominal.

Ainda assim, a posição em que ocorrem os numerais cardinais depende sempre da sua interpretação semântica e de um conjunto de referências em que o numeral poderá ser introduzido por um complemento, por um modificador do nome ou por um outro antecedente que ocorreu previamente no discurso, sendo que os interlocutores já terão conhecimento dessa informação atribuindo-lhe um tipo de leitura definida. Em seguida, observamos as possíveis posições do cardinal no SN e o tipo de leitura associado a esta ordem.

Como referido anteriormente, em PE, os quantificadores podem ocorrer em várias posições dentro do SN:

i) Em posição inicial no SN

Quando o especificador no SN é um numeral cardinal, este ocorrerá em posição pré-nominal com uma interpretação indefinida (24a). Quando quantificam sobre o sujeito, estes quantificadores podem ocorrer seguidamente ao verbo (24b).

(24)

- a. *Cinco* médicos chegaram atrasados.
- b. Chegaram atrasados *muitos* / *bastantes* / *vários* médicos.

(Raposo & Miguel, 2013: 723)

ii) Em posição intermédia no SN

Os numerais cardinais podem ocorrer à esquerda do nome e à direita do determinante (25). No caso de ocorrer um pronome possessivo no SN, os quantificadores e os numerais ocorrerão à direita do nome (25b). Nestes casos, diz-se que o quantificador e os numerais ocorrem numa posição “intermédia”.

A ocorrência de numerais cardinais na posição intermédia tem uma interpretação não restritiva e semanticamente quantificacional sobre o valor numérico especificado como definido pelo artigo ou pelo demonstrativo, sendo identificável pelos interlocutores do discurso. Em alguns casos, os numerais que ocorrem na posição inicial do SN funcionam como especificadores, dando ao SN uma leitura de valor indefinido ([- definido]).

(25)

- a. Os *cinco/ inúmeros/ vários* amigos do Pedro fizeram-lhe uma homenagem.
- b. Aqueles seus *cinco/ inúmeros/ vários* amigos fizeram-lhe uma homenagem.

(Raposo & Miguel, 2013: 726)

iii) Em construção partitiva

Os numerais cardinais podem associar-se a um nome especificado por um determinante definido, ocorrendo a preposição *de* entre os dois elementos. Este tipo de construção tem o nome de construção partitiva (26).

(26) [SQ *Algumas/ Cinco/ Várias* de [SN as crianças]].

(Raposo & Miguel, 2013: 724)

Semanticamente, pode observar-se dependências contextuais em orações com cardinais. Por exemplo em (27), o SN “*os cinco gatos*” de que o interlocutor fala terá uma leitura definida, assumindo-se que já serão conhecidos por todos os interlocutores do discurso e que essa informação já deverá ter sido previamente mencionada.

(27) Às três da manhã, *os cinco gatos* desataram a miar.

Tabela 4: Resumo da ordem do numeral cardinal no SN em PE.

Elementos do SN		Ordem dos elementos no SN			
Apenas especificador	1	CARD	N	∅	∅
3 elementos		DET	CARD	N	∅
3 elementos		PRO	CARD	N	∅
3 elementos		DET	CARD	N	∅
4 elementos		DET	POSS	CARD	N
Construção partitiva		CARD	PREP	N	∅

Na secção seguinte, serão descritas as características e a posição que o numeral cardinal em que o SN ocorre em algumas LG, bem como as particularidades adjacentes à estrutura sintática nestas línguas visuo-espaciais. Este enquadramento servirá para melhor compreender o trabalho da presente investigação, em que se explorará a posição que o quantificador numeral cardinal ocupa em relação ao nome na LGP dentro de um SN.

2 Propriedades e Características Sintáticas das Línguas Gestuais

Por as LG serem línguas de modalidade visuo-espacial, estas apresentam estruturas morfossintáticas e sintáticas condicionadas pela sua modalidade, observando-se elementos e estruturas que ocorrem em linearidade e elementos e estruturas que ocorrem em simultaneidade (Aber & Wilbur, 2017, e.o.). Uma vez que estas línguas são produzidas num espaço tridimensional e os gestuantes dispõem de dois articuladores manuais (mãos) e de articuladores não manuais – corpo e boca para expressar diferentes significados. O espaço tridimensional e a coarticulação de elementos em simultâneo

conferem às LG algum grau de maior complexidade, em particular, na identificação e na análise à ordem de constituintes (Leeson & Saeed, 2012).

Outros elementos que dificultam a observação da ordem dos constituintes nas LG são os classificadores, e que, apesar de existentes também em LO, são elementos linguísticos frequentes das LG. Estes são estruturas morfémicas que atuam como gestos com a função de especificar e qualificar entidades, e que incorporam ainda ações e locais para esses referentes (Carmo, 2016).

As MNM, como a expressão facial e o movimento da cabeça, podem atuar como elementos que servem para dar informação sintática referindo-se a locais ou a pessoas, ou podem denotar expressões negativas ou interrogativas através das quais se desenrolam relações de concordância (Baker-Shenk, 1983; Baker-Shenk & Padden, 1978; Liddell, 1980; Neidle et al., 2000, e.o.). Existem ainda casos em que o uso de expressão não manual em concordância com o gesto permite a localização de referentes (Obando et al., 2000), sendo também comum o recurso ao gesto apontador (IX), que consiste em fixar um índice no espaço para referenciar elementos fisicamente presentes ou ausentes com diferentes funções sintáticas (Pfau & Quer, 2010; Tang & Sze, 2002, e.o.).

Ademais, o espaço sintático que é definido como o espaço em frente ao corpo do gestuante é a base da construção sintática de qualquer LG, pois é nele que se organizam relações sintáticas e morfológicas. Neste contexto, é possível que o gestuante produza IX espaciais para a identificação de referentes à terceira pessoa num local específico do espaço gestual (Kegl, 2003). Os IX espaciais podem também representar advérbios de localização ou pronomes. No caso de pronomes, alguns estudos têm vindo a associar o pronome IX à leitura definida, funcionando como um determinante ou, quando em posição pós-nominal, como advérbio sem restrição de definição (Bahan et al., 1995; Bahan & Kegl, 1997). Contudo, esta distinção não tem sido unânime.

3 Sintagma Nominal e quantificação na Língua Gestual Portuguesa e nas Línguas Gestuais

Na tentativa de comprovar que tanto as LO como as LG partem de pressupostos semelhantes e que as LG estão em conformidade com as propriedades universais, tendo

em conta uma estrutura e organização próprias, como qualquer outra língua humana, Sandler e Lillo-Martin (2006a) analisaram a ordem básica dos elementos no SN em diferentes LG, tendo como base a perspectiva generativa, seguindo os pressupostos de Greenberg (1963).

Adicionalmente, considera-se que, nas LG, poderão existir diferenças de ordem motivadas pela modalidade visuo-espacial que permitirá uma maior flexibilidade quanto à ordem de elementos no SN. Neste contexto, afirma-se que será comum a existência de desvios da ordem básica no SN entre LG (Neidle & Nash, 2012; Zhang, 2007; Mantovan & Geraci, 2017; Tang & Sze, 2002). Alguns estudos referem ainda que, apesar de existir flexibilidade na ordem dos modificadores em relação ao nome, esta dever-se-á a operações sintáticas, como, por exemplo, em resultado do movimento sintático (Zhang 2007; Mantovan & Geraci, 2017).

À semelhança do que acontece nas LO, considera-se que, em geral, a estrutura e os elementos básicos que compõem o SN serão os mesmos, e o núcleo será sempre um nome ou um pronome (Pfau et al., 2012). Contudo, na literatura sobre as LG, verifica-se uma caracterização dispar dos elementos que podem coocorrer com o núcleo do SN, sendo que, dentro de certas condições, o núcleo do constituinte pode ser omitido (Sandler & Lillo-Martin, 2006a). Adicionalmente, as LG, como línguas visuo-espaciais, aproveitam recursos, como o espaço tridimensional, o uso de elementos NMN e o recurso de 2 articuladores, para expressar simultaneamente conceitos distintos e para expressar morfologicamente elementos dentro de um SN, concordando sintaticamente com os elementos que fazem parte do SN (Pfau et al., 2012).

Apesar da escassez de estudos que existe sobre a ordem dos elementos dentro do SN nas LG, verificar-se-á, no ponto seguinte, que esta ordem tem vindo a mostrar-se diferente entre as LG e ao longo do tempo.

3.1 Sintagma nominal nas Línguas Gestuais

No estudo sobre os elementos e a sua ordem no SN nas LG, alguns autores (Mantovan & Geraci, 2017; Li & Tang, 2020) basearam a sua investigação na formulação original de “Universal 20” proposta por Greenberg (1963) e revista por Cinque (2005), que tem

por base uma proposta de um conjunto de generalizações relativamente à ordem interna de palavras no SN em 30 LO.

Na observação de 14 possíveis padrões de ordem de modificadores no SN, Greenberg (1963) encontrou a ordem DEM > NUM > ADJ > N (tabela 5) como ordem canónica interna do SN. Foram ainda identificadas três possíveis ordens canónicas de modificadores em relação ao nome, identificando a ordem DEM > NUM > ADJ > N como a única possível quando o nome ocorre em posição final. Nos casos em que o nome ocorre no início da oração, verificaram-se N > DEM > NUM > ADJ ou N > ADJ > NUM > DEM como as ordens possíveis.

Tabela 5: Ordens verificadas e não verificadas nas LO de acordo com a versão de Cinque (2005) do "Universal 20".

Elementos do SN			
N 1º elemento	N 2º elemento	N 3º elemento	N 4º elemento
N>DEM>NUM>A DJ	DEM>N>NUM>A DJ	DEM>NUM>N>ADJ	DEM>NUM>ADJ >N
N>DEM>ADJ>NU M	DEM>N>ADJ>N UM	DEM>ADJ>N>NUM	DEM>ADJ>NUM >N
N>NUM>ADJ>DE M	NUM>N>ADJ>D EM	NUM>ADJ>N>DEM	NUM>ADJ>DEM >N
N>ADJ>NUM>DE M	ADJ>N>NUM>D EM	ADJ>NUM>N>DEM	ADJ>NUM>DEM >N
N>ADJ>DEM>NU M	ADJ>N>DEM>N UM	ADJ>DEM>N>NUM	ADJ>DEM>NUM >N
N>NUM>DEM>A DJ	NUM>N>DEM>A DJ	NUM>DEM>N>ADJ	NUM>DEM>ADJ >N

Os estudos de LG que tiveram por base os pressupostos de Greenberg (1963), como por exemplo Zhang (2007) para a Língua Gestual de Taiwan (TSL) e Mantovan e Geraci (2017) para a LIS, consideraram que quando os demonstrativos, os numerais e os adjetivos ocorrem numa posição pré-nominal, a ordem canónica universal será DEM > NUM > ADJ > N (Li & Tang, 2020). A partir de dados elicitados em TSL, observou-se que os modificadores ADJ, NUM e DEM, tanto podem ocorrer à esquerda como à direita do nome (Zhang, 2007). Nesta língua, as ordens encontradas estão também em conformidade com as propostas revistas por Cinque (2005), sendo que os numerais cardinais ocorrem predominantemente pós-nominalmente (95%) e a posição dos adjetivos apresenta-se variável (Li & Tang, 2020).

Na LIS, encontraram-se poucos exemplos de SN compostos com 3 modificadores. As ordens verificadas com mais frequência foram N>ADJ>NUM>DEM e NUM>N>ADJ>DEM (Mantovan & Geraci 2017), corroborando os registos de Cinque (2005). Observa-se ainda que as ordens possíveis quando são expressos dois modificadores no SN se apresentam comuns para a LIS e para a TSL. Na LIS, Mantovan e Geraci (2017) observaram ainda uma maior tendência para os modificadores ocorrerem pós-nominalmente na LIS. Posteriormente, Mantovan, Geraci e Cardinaletti (2019) estudaram a sintaxe das expressões nominais com base em dados de *corpus* de LIS e identificaram que a maioria (60%) dos modificadores ocorre na posição pós-nominal, embora tenham sido identificados modificadores em posição pré-nominal (34%).

Na Língua Gestual Russa (RSL), Klezovich e Aksenov (2018) analisaram dados da língua, concluindo que a ordem de gestos do SN está em conformidade com as hierarquias de ordem identificadas em (Scott, 2002) e em Cinque (2005). Na RSL, observou-se ainda que a posição dos modificadores se mostrou dependente da sua natureza semântica, podendo oscilar entre DEM > NUM > N > ADJ ou DEM > NUM > ADJ > N. Klezovich & Aksenov (2018) concluíram que, quando ocorre apenas um modificador com o nome, a maioria dos modificadores ocorre em posição pré-nominal em relação ao nome (68%). Este estudo teve por base duas tarefas de elicitação no qual participaram 20 pares de informantes gestuantes nativos, sem interferência de ouvintes ou não nativos.

Na Língua Gestual de Hong Kong (HKSL), Li e Tang (2020) encontraram 14 padrões de ordem de palavras em conformidade com os que foram registados em Cinque (2005),

e que correspondem também aos padrões identificados em TSL (Zhang, 2007) e em LIS (Mantovan e Geraci, 2017).

Mais recentemente, Coons (2022) realizou uma recolha de estudos com informação sobre a posição dos nomes em relação aos diferentes modificadores no SN com base em vários estudos realizados a 41 LG nacionais e de aldeia, para tentar compreender como se organizam por região geográfica. A autora encontrou semelhanças na posição dos modificadores em relação ao nome entre LG e LO, sendo que as ordens de constituintes frequentemente mais produzidas nas LO são também as mais produzidas nas LG e as menos produzidas em LO são também as menos produzidas em LG. Nesta revisão, Coons (2022) relata que, embora não tenha encontrado uma ordem dominante para a posição do numeral em relação ao nome para as LG, nas LO, a ordem $N > NUM$ foi a verificada em 53% dos estudos realizados nas LO observadas. Neste contexto, poder-se-á considerar que, apesar da diferença de modalidade linguística das LG e dos recursos que estas línguas dispõem (de espaço físico, articulares, e.o.) (Napoli & Sutton-Spence, 2014), a ordem de elementos no SN nestas línguas poderá não ser tão díspar da ordem nas LO, sendo possivelmente somente mais difíceis de analisar devido às suas características articulatórias na estrutura sintática e morfossintática.

As dificuldades resultantes dos recursos específicos das LG são visíveis, por exemplo, no recurso ao gesto IX (index – gesto apontador) que pode assumir variadas funções e que pode originar dúvidas na identificação das mesmas. O IX pode assumir valor de pronome demonstrativo e de advérbio de lugar, e ser expresso quando o gestuante quer mencionar um referente não presente. O IX pode ocorrer antes ou depois do nome com diferentes funções na oração. Na ASL, observou-se que, quando o IX precede o nome, este pode ter a função de artigo indefinido ou de artigo definido e que, quando se encontra em posição pós-nominal, poderá ser um advérbio de lugar (Baker, 2016).

3.2 Quantificadores na Língua Gestual Portuguesa e em outras Línguas Gestuais

Possivelmente, o primeiro trabalho que menciona a quantificação nas LG teve como base os dados da RSL (Zajtseva, 1987), em que se distinguiu quantificadores lexicais universais de quantificadores existenciais. Neste trabalho, mencionou-se ainda que todos os significados básicos relacionados com a quantificação podem ser expressos em RSL

através de uma combinação de quantificadores lexicais e verbos (atualmente já estudados para a ASL por Petronio (1995), para LSC (Língua Gestual Catalã) por Quer (2012), para a LSF (Língua Gestual Francesa) por Kuhn & Aristodemo (2015) e para a RSL (Língua Gestual Russa) por Kimmelman (2017)).

Podemos encontrar distinções entre quantificadores numéricos (aqueles que quantificam os nomes através de numerais, como *três*, *cinco*, *trezentos*, etc.) e não numéricos (os que não especificam quantidades exatas, como *alguns*, *muitos*, *todos*, etc.) (Liskova, 2017).

Nas LG, a quantificação pode ser expressa como:

- Quantificadores universais (TODOS; NENHUM), quantificadores que designam a totalidade dos elementos de um conjunto;
- Quantificadores existenciais (ALGUM; MUITOS; BASTANTES), quantificadores que indicam uma quantidade imprecisa dos elementos de um conjunto;
- Quantificadores numerais, expressam uma quantidade exata: cardinais (TRÊS; QUATRO), ordinais (QUARTO, VIGÉSIMO), partitivos (METADE), multiplicativos (DOBRO), distributivos (AMBOS);

Os processos de quantificação nas LG podem ser distinguidos como morfológicos (quando afetam a base do gesto), procedimentos sintáticos e procedimentos léxicos (Morales-López et al., 2000).

Devido às propriedades estruturais das LG, como o recurso a articuladores manuais e não manuais e a utilização de espaço sintático onde são estabelecidas relações gramaticais permitem a produção de quantificação em linearidade ou em simultaneidade (Pfau et al., 2012). A quantificação simultânea (com recurso a 2 articulares) e por incorporação é um processo morfológico que combina a configuração de um gesto numeral com a localização e o movimento do referente quantificado, dando origem a um gesto composto (Jones, 2013).

Morfologicamente, as LG permitem que os quantificadores possam ser expressos com auxílio de estratégias morfossintáticas como o recurso à morfologia dos verbos direcionais (verbos que mudam a sua direção do movimento para apontar para os locais

onde se situam os vários argumentos da frase). Estas estratégias caracterizam-se pela utilização linguística do espaço físico que através de pequenas repetições no espaço gestual originam o movimento de varredura (Fischer & Gough, 1978). Neste contexto, poderá ser realizada quantificação por repetição como por exemplo em DGS (Figura 1) ou por reduplicação (com recurso ao segundo articulador manual). Esta estratégia pode ser distinguida também como quantificação distributiva (os objetos que são distribuídos estão localizados no espaço, e o gesto verbal move-se em direção a estes locais) e não distributiva (a mão segue um forma de arco ou é repetida para denotar uma pluralidade de objetos) (Figuras 2 e 3) (Kuhn et al., 2015 para a Língua Gestual Francesca; Quer, 2012 para a Língua Gestual Catalã, e.o.).

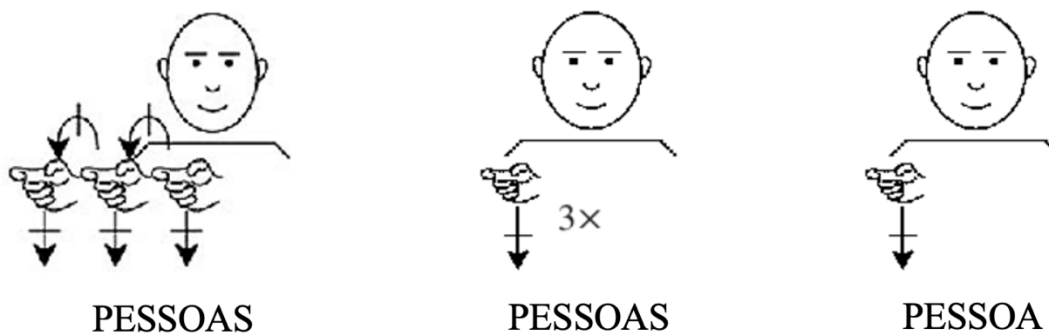


Figura 1: Exemplo de quantificação por reduplicação e por repetição para a pluralização de pessoa. (Steinbach, 2012: 116)



Figura 2. Exemplo de quantificação no espaço: [EU-DAR.PRESENTE-DISTR] ('Eu dei um presente a todos') (imagem retirada de Kimmelman, 2017: 818).



Figura 3: Exemplo de quantificação no espaço: [DISTR-DAR.PRESENTE-1] ('Todos me deram um presente') (imagem retirada de Kimmelman, 2017: 819).

Também as construções com classificadores podem expressar quantidade, através da reduplicação do classificador no espaço (Finau & Mazzuchetti, 2015; Liskova, 2017; Sandler & Lillo-Martin, 2006) (Figura 4).

Por último, os pronomes pessoais que designam localização e movimento de entidades podem expressar quantidade, através da incorporação de numeral (Carneiro, 2020) (Figura 5).

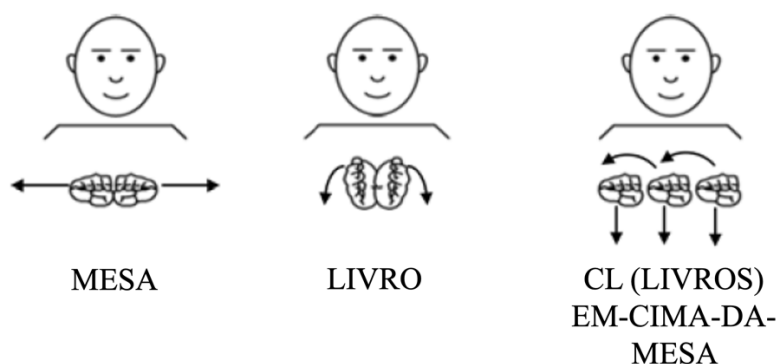


Figura 4: Exemplo de quantificação com reduplicação do classificador na Língua Gestual Alemã (DGS) (imagem retirada de Pfau et al. (2012)).

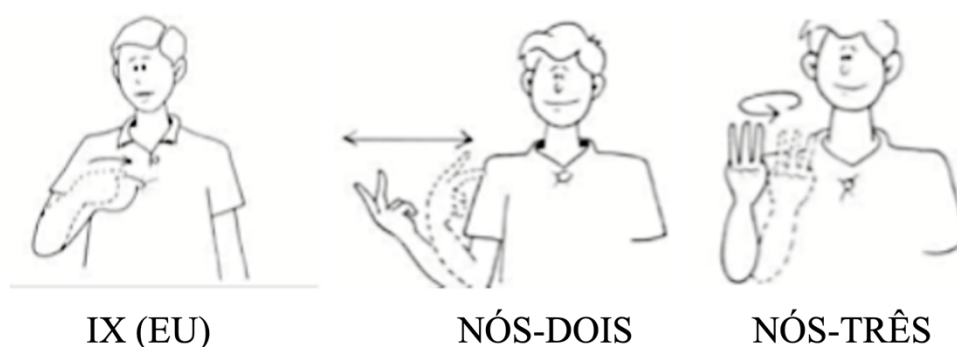


Figura 5: Exemplos de quantificação de pronomes incorporados na LIBRAS (imagem retirada de Felipe & Monteiro (2007): 38).

Na LGP, considera-se que o sistema numeral se efetua uni-manualmente e os numerais até 5 podem ser produzidos recorrendo a diferentes configurações da mão com diferentes significados (Amaral et al., 1994).

Para a LGP, ainda não existem estudos sobre a estrutura fonológica dos numerais cardinais (QC), porém no ensino da LGP são expostas duas formas distintas de produzir QC até ao 5 dependendo do contexto semântico que queremos expressar. Para expressar QC que expressam números fixos, não quantificando, são produzidas as configurações da figura 6. Por outro lado, para expressar QC que quantificam nomes, são expressas as configurações de QC da figura 7. A partir do numeral 6, quer se trate de QC que expressam quantidade ou QC que expressam números fixos, a estrutura fonológica é a mesma.

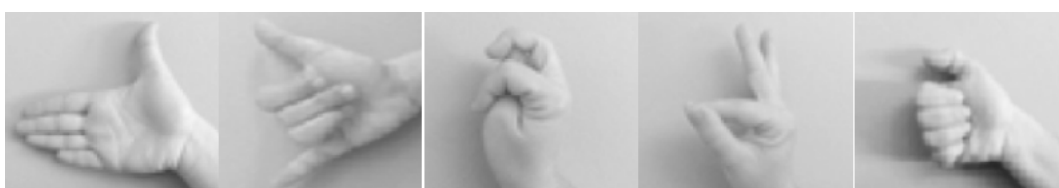


Figura 6: Numerais para quantidades específicas em LGP (1 a 5), segundo Amaral et al. (1994).



Figura 7: Numerais quantificados em LGP (1 a 5), segundo Amaral et al. (1994).

De forma a compreender como a natureza lexical, semântica e morfossintática pode influenciar a posição do QC no SN, observamos de seguida algumas descrições sobre o SN quantificado com QC em algumas LG (Kimmelman, 2017; Quer e Steinbach, 2005; e.o.):

- Quantificação de massa e contagem

Na RSL, observou-se que os quantificadores se combinam geralmente com nomes massivos e contáveis. No caso do quantificador [POUCO] este apenas pode ocorrer com nomes contáveis. Por sua vez, se se tratar do quantificador [UM-POUCO] este apenas se combina com nomes massivos. No caso de QC, estes podem combinar-se com nomes massivos recebendo a interpretação semântica de unidades de substância encontrando-se em posição pós-nominal (28).

(28)

- a. [RAPAZ POUCO]
- b. [LEITE UM-POUCO]
- c. [ÁGUA DUAS]

(Kimmelman, 2017: 820)

- Construção existencial

Também na RSL se observou um tipo de construção de quantificadores existenciais que recorre ao gesto EXISTIR. Nestes casos, através da concordância do verbo [EXISTIR] com as diferentes posições, é possível estabelecer uma relação semântica entre os diferentes elementos da frase (29).

(29)

a. [CASA IX EXISTIR DEZ PESSOA]

‘Estão dez pessoas na casa.’

b. [CASA IX DEZ PISO EXISTIR]

‘A casa tem dez pisos.’

(Kimmelman, 2017: 821)

o Expressões de tempo

Para a RSL foi observado um tipo de construção que denota determinados períodos de tempo acompanhado pelo gesto PERÍODO (30) (Kimmelman, 2017).

(30) [ANO PERÍODO FÉRIAS DUAS VEZES]

‘Eu tenho férias duas vezes por ano.’

(Kimmelman, 2017: 822)

o Quantificação complexa

Também na RSL se observou que com base numa quantificação simples se poderá construir uma quantificação complexa. Por exemplo, os modificadores [EXATAMENTE; APROXIMADAMENTE; NO MÁXIMO] podem juntar-se a SN simples quantificados com QC (31). Contudo, observa-se que os modificadores como MAIS ou MENOS não podem ser combinados diretamente com SN quantificados por QC.

(31) [PRECISAR SENTAR EXATAMENTE DEZ VEZES]

‘Tu precisas de te sentar exatamente dez vezes.’

(Kimmelman, 2017: 815)

O SN pode ocorrer com expressões extrínsecas que lhe permitirão diferentes tipos de leitura. O uso de várias expressões quantificacionais pode resultar em diferentes tipos de leitura, como acontece no caso de várias expressões quantificacionais ocorrerem na mesma frase. A múltipla ocorrência de quantificadores poderá resultar em diferentes escopos dessas expressões, o que poderá levar a interpretações ambíguas (Quer &

Steinbach, 2015). Para a LSC, Quer & Steinbach (2015) estudaram a presença de várias expressões quantitativas que poderiam originar ambiguidades de escopo. Neste contexto, para a LSC, uma frase como (32) é ambígua.

Por exemplo, quando o sujeito e o objeto interagem com numerais, a interpretação cumulativa é a única aceitável (32).

(32) [ESTUDANTES NOVO GRUPO+++ PROFESSOR DOIS GUIAR.]

Leitura 1: Há dois professores tal que cada um guiou todos os novos grupos de estudantes.

Leitura 2: Para cada novo grupo de estudantes há (possivelmente) dois professores diferentes que os guiaram.

(Quer & Steinbach, 2015: 153)

Na quantificação de SN, nas LG existe ainda a posição pivô de uma construção chamada de construção de pergunta retórica, uma vez que o gestuante introduz uma pergunta, seguida da resposta (33).

(33) [JOÃO COMPRAR O QUÊ? TUDO]

‘O João comprou tudo.’

(Caponigro & Davidson, 2011: 358)

Para a LGP, no contexto morfológico, a reduplicação foi verificada em Amaral et. al. (1994). Neste estudo, os autores referem que na LGP as quantidades cardinais podem ser expressas por incorporação ou em linearidade, sendo o nome seguido do numeral em caso de quantidades contáveis (por exemplo, MAÇÃ-QUATRO) ou, em caso de quantidades difíceis de contar, através da incorporação de um advérbio de quantidade (por exemplo, [MAÇÃ-MUITO]).

Na LGP, identificou-se, ainda, a possibilidade de apresentar a quantidade através de vários mecanismos manuais e não manuais, podendo ser marcada por vários processos gramaticais: incorporação, repetição do movimento e reduplicação e outros tipos de construções. A quantidade apresenta, assim, implicações na concordância morfossintática

das palavras e nos sintagmas e nas frases recorrendo a mecanismos lexicais, morfossintáticos e prosódicos para as expressar (Choupina, 2017).

Em todas as línguas naturais, existem meios de expressar quantidade. Apesar de nos últimos 30 anos a quantificação nas línguas ter sido bastante estudada, para as línguas gestuais são raros os estudos que se debruçaram sobre a investigação desta temática.

Até à data, existem alguns estudos que exploram a posição de quantificadores relativamente ao núcleo nominal nas LG (Abner, 2017; Soneira, 2008; Pfau, 2012; Baker, 2016; e.o.) mas poucos se focam na posição do numeral cardinal no SN e, particularmente, na causa da flutuação do cardinal no SN quando esta se verifica. No presente trabalho, identificar-se-á a quantificação linear e em simultaneidade do QC no SN em LGP.

3.3 Propriedades sintáticas dos Quantificadores Numerais Cardinais no Sintagma Nominal nas Línguas Gestuais

A posição dos QC no SN tem sido pouco estudada nas LG, como já anteriormente se referiu, encontrando-se discrepâncias no que respeita à sua posição dentro do SN na mesma língua. Por se tratar de línguas de modalidade motora, com recurso a dois articuladores manuais e a articuladores não manuais, estes permitem a ocorrência de QC em linearidade e em simultaneidade (com recurso a 2 articulares ou por incorporação no gesto nominal). Nesta secção, observaremos os estudos desenvolvidos sobre a posição do QC em relação ao nome no SN nas diferentes LG, tendo em consideração a incorporação de numerais no gesto nome e a natureza dos nomes.

No estudo sobre a quantificação nominal nas LG, encontra-se a ocorrência de QC em posição linear em relação ao nome (Amaral et al., 1994; Coons, 2021; Herrero & Peidro, 2007; Kimmelman, 2017; Mantovan et al., 2019; Pfau et al., 2012, e.o.), tal como se verifica nas línguas orais. Esta linearidade é verificada em três posições distintas em relação nome (34).

(34)

- a. Quantificador Numeral Cardinal em posição linear pré-nominal [QC N]:
[TWO LECTURE]

‘dois leitores’

(Língua Gestual de Nova Zelândia (NZSL), Wallingford 2008: 12)

b. Quantificador Numeral Cardinal em posição linear pós-nominal [N QC]:

[STUDENT **THREE**]

‘três estudantes’

(Língua Gestual de Québec (LSQ), Bouchard & Parisot, 2004)

c. Quantificador Numeral Cardinal em posição linear pré- e pós-nominal (repetido) [QC N QC]:

[**TWO MONKEY TWO**]

‘dois macacos’

(VGT, Heyerick et al., 2010)

Como já referido, recentemente, Coons (2022) observou as descrições existentes sobre a ordem dos constituintes no SN em 41 LG e a posição do numeral em relação ao nome em 36 LG, tendo encontrado a posição do numeral antecedendo o nome em 15 LG, (incluindo a LGP, com base no estudo de Amaral et. al. (1994)) em 11 LG, e uma flutuação na ordem dos dois constituintes em 10 LG (Tabela 6).

Tabela 6: Coons (2022) Ordem Nome/ Quantificador Cardinal nas LG e nas LO

Ordem	[QC N]	[N QC]	[N QC ou QC Total N]	Total
LG	15 (41,7%)	11 (30,6)	10 (27,8%)	41
LO	479 (42%)	607 (53%)	65 (5%)	1151

Contudo, verifica-se que, no estudo de Coons (2022), os trabalhos de investigação que foram base da sua análise não foram, maioritariamente, estudos orientados para a quantificação cardinal, observando-se inclusive a assunção de posições do quantificador

contrárias a estudos focados na quantificação de expressões nominais nas LG (por exemplo, no estudo de Mantovan et al., 2019 e Mantovan & Geraci, 2017 para a LIS).

A identificação do QC em posição pré-nominal nas LG tem vindo a ser referida em estudos mais recentes. Coons (2022) analisou a ordem dos constituintes no SN em Língua Gestual Mexicana (LSM) tendo encontrado a posição pré-nominal do QC como a única aceitável pelos seus informantes, contrariando a literatura anterior que menciona a ordem pré-nominal mas também a existência produções de ordem pós-nominal aquando da ocorrência de nomes correspondentes a unidades de medida como comprimento e peso (Cruz-Aldrete, 2008). Para o seu estudo, Coons (2021) aproveitou alguns dados recolhidos por Cruz-Aldrete (2008), sendo os restantes recolhidos pela própria que pretendia analisar a ordem de palavras e os processos morfológicos em LSM contando para isso com uma recolha de 6 gestuantes nativos. Neste contexto, Coons (2021) tenta explicar que a não produção de estruturas pós-nominais poderá resultar de diferenças dialetais e do facto de certas construções sintáticas não terem sido elicitadas nos seus dados. Para a quantificação numeral em posição pós-nominal ou em duplicação, a autora menciona que esta ocorrerá apenas em alguns contextos que envolvem construções de tópico ou de foco. Apesar disto, os seus informantes, quando confrontados com esta possibilidade, não aceitaram esta ordem como gramatical.

Através de um estudo quantitativo baseado em *corpus* sobre as expressões nominais na LIS, Mantovan & Geraci (2017) verificaram que a ordem mais frequente do QC no SN é a pré-nominal, com 278/353 ocorrências, correspondendo a 79% das produções. Mais tarde, Mantovan, Geraci e Cardinaletti (2019) (referido no ponto 3.1.) voltaram a recorrer aos seus dados obtidos no estudo de 2017, ao qual acrescentaram dados que recolheram através de fontes como o dicionário Spreadthesign, narrativas espontâneas e tarefas de descrição de imagens. Neste estudo mais recente, observou-se a presença de alguma flexibilidade na posição do QC em relação ao nome, contrapondo-se ao encontrado anteriormente em alguns estudos sobre a LIS (Bertone, 2007; Branchini, 2007; Brunelli, 2011; Cecchetto et al., 2009), que por sua vez se basearam em dados elicitados. Por exemplo, Cecchetto, Geraci & Zucchi (2009) afirmam que, na LIS, a ordem maioritária da posição do QC em relação ao nome é a pós-nominal, ainda que tenham dado conta de ocorrências de QC também em ordem pré-nominal.

Num estudo anterior, Mantovan et al. (2014), a partir de pequeno corpus e de alguns dados recolhidos através da tarefa de elicitación, identificaram 353 ocorrências de SN quantificados, observando que a quantificação de nomes de medida de tempo, capacidade, peso, comprimento, temperatura ou moeda ocorre consistentemente com o numeral em posição pré-nominal ao nome. Neste estudo, os autores observaram ainda que a posição do numeral ONE em relação ao nome pode funcionar quer como numeral quer como artigo indefinido, tendo sido detetado em 90% dos casos em posição pré-nominal independentemente da função sintática exercida. Neste estudo, seguindo Bertone (2007), referencia-se que NMM ajudam na distinção destas duas funções. Quando Mantovan, Geraci & Cardinaletti (2014) excluíram da observação dos dados o numeral ONE e a quantificação de unidades de medida, encontraram a mesma percentagem para a ocorrência do QC em posição pré-nominal e pós-nominal, verificando que, quando a quantificação ocorre em primeira referência, a posição tanto pode ser pré-nominal como pós-nominal. Contudo, quando se tratava de referentes já mencionados anteriormente no discurso, a ordem foi somente pós-nominal.

Como forma de justificar a flutuação do cardinal em LIS, Mantovan, Geraci e Cardinaletti (2019) indicam que os numerais associados a novas informações (indicando uma expressão nominal indefinida) podem ocorrer antes ou depois do nome, tal como verificado por Vázquez-Rojas (2011) para Shupamem (Língua Oral). Por sua vez, quando são transmitidas informações que já foram previamente mencionadas no discurso e através das quais o interlocutor já tem informações sobre ele, estes deveriam surgir em posição pós-nominal (indicando uma expressão nominal definida). Na Figura 8, poder-se-á identificar esta diferença, que pode ainda ser distinguida pelos MNM. Neste caso em específico, os QC com leitura indefinida são geralmente acompanhados de cabeça inclinada para trás e sobrancelhas levantadas, enquanto os de leitura definida são compatíveis com olhos semicerrados, sobrancelhas abaixadas e queixo para baixo. Apesar de terem observado maioritariamente a ordem do numeral em posição pré-nominal, apontaram para a possibilidade de a quantificação nominal ocorrer com o quantificador em posição pós-nominal, justificando essencialmente devido a construções em foco, tal como mencionado por Coons (2021) para a LSM.

Para a LIS, Mantovan e Geraci (2019) no seu estudo sobre numerais cardinais enaltecem a importância, já descrita para outras línguas, da oscilação da ordem de

palavras estar correlacionada com a interpretação semântica dos nomes – leitura definida ou leitura indefinida. Os autores referem que se estes estiverem associados a referências mencionadas pela primeira vez no discurso têm uma leitura indefinida. Caso estejam associados a referentes já mencionados previamente no discurso (e que podem ser identificados pelo interlocutor) recebem uma leitura definida (Figura 8). Em algumas línguas, esta diferença semântica corresponde a diferentes padrões de ordem de constituintes (Quer et al., 2017: 506).



Figura 8: Exemplos de duas possibilidades de ocorrência de SN quantificado em LIS (Mantovan, Geraci & Cardinaletti, 2014: 115-116).

Com o objetivo de estudar os elementos expressivos na quantificação na RSL, Kimmelman (2017) utilizou tarefas de eliciação nas quais participaram 4 gestuantes, a pares. A opção de eliciação a pares tinha por objetivo diminuir a eventual influência da língua falada ainda que os gestuantes e os investigadores tivessem presente que poderia existir essa influência. Os dados foram recolhidos através de uma tarefa em que foi pedido aos informantes que traduzissem frases escritas em russo e que discutissem o significado das frases traduzidas e a sua gramaticalidade. Para evitar a influência da língua falada na tarefa, o julgamento sobre a gramaticalidade destas mesmas ordens ocorreu juntamente com a apresentação de representações visuais, o que originou diferentes interpretações de escopo. Como resultados, Kimmelman (2017) relata que a quantificação na RSL apresenta variabilidade na ordem ainda que, para a sua maioria, a posição pré-nominal do QC em relação ao nome seja a preferida e a posição pós-nominal seja aceitável. Nesta língua, observa-se que a posição pós-nominal do quantificador poderá ser definida pela

natureza semântica dos nomes, sendo que, em específico, o QC surge em posição pós-nominal quando o SN especifica o domínio quantificado através da sua definitude. Observa-se, ainda, que, quando o nome é massivo, o numeral ocorre também em posição pós-nominal.

Na Língua Gestual de Estónia (ESL), num estudo descritivo de dois corpora existentes de gestuantes de ESL, Miljan (1995) identificou que o QC tende a preceder o nome. Em casos em que o numeral segue o nome, este adquiriu a função sintática de predicado ([CADEIRAS TRÊS] com a interpretação de ‘as cadeiras são três’). Neste estudo, refere-se ainda que um dos informantes expôs a possibilidade de que para ocorrer um numeral em posição pós-nominal será necessário a formulação de uma construção de pergunta retórica “QUANTOS?” ou “O QUÊ?” antes do SN.

Na Língua Gestual Espanhola (LSE), observou-se que os numerais apresentam uma ordem relativamente flexível, podendo ainda ocorrer, numa mesma frase, em diferentes posições ou em duas posições (pré- e pós-nominal) (Herrero & Peidro, 2007). O uso duplo de QC ocorreu em contextos em que o gestuante pretendeu acentuar a quantidade expressa pelo cardinal. Neste estudo, é ainda mencionado que a posição pós-nominal do QC é a mais frequente, ainda que se tenha observado uma alteração desta ordem - QC em posição pré-nominal - quando a expressão de quantidade se refere a contagem de euros, quilos ou quilómetros (conceitos contados) (A. Herrero, 2009).

Para a ASL, a posição do numeral cardinal não tem sido alvo de estudo nos últimos anos. Ainda assim, verificou-se que a posição do QC parece ser parcialmente flexível no SN (Abner, 2013). Até ao momento, não foi possível compreender se esta flexibilidade se deve à natureza semântica do QC ou do SN quantificado (Abner & Wilbur, 2017: 29), considerando que Abner (2013) sugere que a posição que o QC ocupa no SN relativamente a outros modificadores poderá originar diferentes interpretações semânticas.

Na Língua Gestual de Uganda (UgSL), Lutalo-Kiingi (2016), na sua tese de doutoramento, abordou a posição do QC recorrendo a um *corpus* de discurso espontâneo do qual fizeram parte 47 gestuantes de UgSL de diferentes géneros, idades e identidades regionais. As produções desenvolveram-se em conversas do dia-a-dia e outros tipos de discurso recolhidos em eventos mais formais como casamentos, debates entre

participantes surdos sobre os direitos das pessoas surdas e palestras de sensibilização de e a surdos. Os dados do seu trabalho revelam que, apesar de flexível, o QC ocorre maioritariamente a seguir ao nome. A ordem pós-nominal verifica-se ainda como a única aceitável na expressão de unidades de medida de comprimento, peso e volume (Lutalo-Kiingi, 2016). Brunelli (2011) analisou a ordem dos constituintes no SN na Língua Gestual Holandesa (NGT), revelando que os seus dados demonstraram que os QC ocorrem preferencialmente em posição pré-nominal, ainda que possam ser também flutuantes. O autor diz não ter conseguido detetar quais os fatores a que se deve a flutuação, mas considera que poderão ser por influência da LO, variações locais da língua gestual ou outros fatores.

Na Língua Gestual Japonesa (JSL), Sagara (2014) encontrou o QC a ocorrer em posição pré-nominal ou pós-nominal, embora assuma as limitações do seu estudo para afirmar uma posição preferencial. Neste estudo, constaram 37 participantes resultando na transcrição de 291 minutos de dados, a partir de tarefas de elicitación orientadas pelo próprio investigador, posteriormente, Imazato (2016), refere uma preferência do QC em posição pós-nominal sem apresentar uma descrição detalhada dos dados analisados.

Para a HKSL, Tang & Sze (2002) também identificaram flexibilidade na ordem dos constituintes do SN, podendo o QC preceder ou seguir o nome. Mais recentemente, Li e Tang (2020) apresentaram os resultados do seu estudo sobre os padrões da ordem-interna dos constituintes no SN em HKSL e compararam-nos com a LO Cantonense, relatando que os QC em HKSL ocorreram maioritariamente em posição pós-nominal (95%) e referindo que a ocorrência do QC em posição pré-nominal terá sido por influência da LO. Os seus dados provêm de duas gravações de vídeo pertencentes ao *corpus* de HKSL, com base em contexto discursivo entre pares de gestuantes nativos. Neste estudo, observaram ainda a função gramatical exercida (sujeito, predicado, objeto) e o estatuto referencial definido ou indefinido, embora não apresentem os resultados obtidos para estas variáveis (Tang & Sze, 2002).

Na análise à pluralidade dos nomes num *corpus* naturalístico de NZSL, Wallingford (2008) verificou em nomes referentes a identidades plurais, em que os nomes são acompanhados por QC, estes ocorrem em posição pré-nominal.

Na Língua Gestual Chinesa (CSL), a ordem dentro do SN parece também ser flexível. Yang (2016) indica que os QC ocorrem antes do nome (no caso de uma frase longa) ou depois do nome (no caso de uma frase curta). Para este estudo analisaram e descreveram os aspetos fonológicos e morfológicos da estrutura dos numerais em CSL recorrendo aos dados de Zeshan e Sagara (2009-2013), que se basearam em questionários e guias metodológicos de investigação utilizando materiais elucidativos. Do estudo fizeram parte seis adultos surdos nativos.

Na análise à Língua Gestual do Camboja (CBDSL), Jepsen et al. (2015) apresentam breves referências à posição do QC em relação ao nome em algumas LG, não apresentando os contextos de ocorrência nem os dados em que se basearam na observação dessas ordens. Nesta análise, apresentou-se um conjunto de outras LG em que o QC ocorre em posição pós-nominal, como a Língua Gestual de Ha Noi (HNSL), a Língua Gestual de Ho Chi Minh City (HCMCSL), a Língua Gestual de Bangkok (OBSL) (Woodward & Suwanarat, 2015). Contudo, a Língua Gestual Original de Chiang Mai Sign Language (OCMSL) parece apresentar o QC em posição pré-nominal (Woodward & Wongchai, 2015).

A ocorrência do QC em posição pré-nominal é verificada igualmente em muito estudos que analisam a Língua Gestual Alemã (DGS) (Bross, 2019; Perniss, 2001; Steinbach et al., 2012).

Como resumo, apresenta-se a seguinte tabela relativa aos estudos existentes sobre a ordem sequencial do QC no SN nas LG, em que o QC poderá ocorrer (Tabela 7): (i) em posição pré-nominal (ou preferencialmente em posição pré-nominal), [QC N]; (ii) em posição pós-nominal (ou preferencialmente em posição pós-nominal), [N QC]; ou (iii) com posição flexível (Bouchard & Parisot, 2004; Heyerick et al., 2010; Wallingford, 2008), [QC N]/ [N QC].

Tabela 7: Resumo da literatura da distribuição sequencial do QC no SN nas LG: [N QC]; [QC N] ou [QC N]/ [N QC].

LG	[N QC]	[QC N]	[QC N] / [N QC]
----	--------	--------	-----------------

DGS		(Bross, 2019; Perniss, 2001; Steinbach, 2012)	
OCMSL		(Woodward & Wongchai, 2015)	
NZSL		(Wallingford, 2008)	
ESL		(Miljan, 1995)*	
NGT		(Brunelli, 2011) *	
RSL		(Kimmelman, 2017; A. Klezovich & Aksenov, 2018)	
Cambodian SL	(Woodward, Bradford, et al., 2015)		
HNSL	(Woodward, Hoa, Lam, et al., 2015)		
HCMCSL	(Woodward, Hoa, Giang, et al., 2015)		
OBSL	(Woodward & Suwanarat, 2015)		
LGP	(Amaral et al., 1994)		
JSL	(Imazato, 2016) *		(Sagara, 2014)

LSE	(Á. Herrero & Peidro, 2007) *		
UgSL	(Lutalo-Kiingi, 2016) *		
HKSL	(Li & Tang, 2020)*		
ASL			(Abner & Wilbur, 2017)
CSL			(Yang, 2016)
TSL			(Zhang, 2007)
LIS	(Bertone, 2007; Branchini, 2007; Brunelli, 2011; Cecchetto et al., 2009)	(Mantovan et al., 2019; Mantovan & Geraci, 2017) *	(Cecchetto et al., 2009; Mantovan et al., 2014)
LSM	(Cruz-Aldrete, 2008) *	(Coons, 2021)	

* casos que pode haver flutuação da ordem

Em síntese, verificamos que:

- QC em Posição Pré-nominal: QC ocorre preferencialmente em posição anterior ao nome na LIS, na LSE e na RSL, nos seguintes contextos:
 - quantificação de nomes de medida de: tempo; capacidade; peso; comprimento; temperatura ou moeda (Mantovan et al. (2014) para a LIS);
 - quantificação de nomes definidos ou indefinidos (Mantovan & Geraci (2017); Mantovan, Geraci e Cardinaletti (2019) para a LIS);

- quantificação de nomes referentes a conceitos contados como contagem de euros, quilos ou quilômetros (Herrero & Peidro (2007) para a LSE);
 - quantificação de nome apenas com um modificador no SN (Klezovich & Aksenov (2018) para a RSL).
- QC em Posição Pós-nominal, verifica-se quando o QC apresenta preferência à direita do nome nos seguintes contextos:
 - quantificação de nomes com leitura definida (referentes já inseridos previamente no discurso) (Kimmelman (2017) para a RSL; Mantovan et al. (2019) para a LIS) ;
 - quantificação de construções em foco (Mantovan et al. (2014) para a LIS);
 - quantificação de nome massivo (Kimmelman (2017) para a RSL);
 - quantificação de nome após construção de pergunta retórica (Miljan (1995) para a ESL);
 - quantificação de nomes de unidades de medida de comprimento, peso e volume (Lutalo-Kiingi (2016) para a UgSL);
 - quantificação de nomes de unidades de medida de comprimento e peso (Cruz-Aldrete (2008) para a LSM);
 - quantificação de nomes com função predicativa (Miljan (1995) para a ESL);
 - quantificação de nomes contáveis (Lutalo-Kiingi (2016) para a UgSL);
 - quantificação de nome em frase curta (Yang (2016) para a CSL).

Em LGP, em TSL e em HKSL, os autores referem que a flexibilidade na ordem do QC em relação ao nome ([QC N] e [N QC]) poderá dever-se a influência da língua oral.

3.4 Incorporação do Numeral Cardinal

A incorporação numeral cardinal é um processo morfossintático em que a configuração de mão do nome adquire a especificação numérica do QC, fazendo uso de um ou dois articuladores manuais. A incorporação de numerais tem sido observada em

várias LG: JSL (Ktejik, 2013), Língua Gestual Queniana (Morgan, 2013), LSC (Fuentes et al., 2010), LSE (A. Soneira & Fuentes, 2003), TSL (S. Fischer et al., 2010), ASL, Língua Gestual Britânica (BSL) (McBurney, 2002; Sutton-Spence & Woll, 1999), entre outras.

Amaral et. al. (1994) referem que existe incorporação de QC em LGP, descrevendo o fenómeno como um processo que se “manifesta num gesto que partilha a configuração do numeral e do objeto quantificado”.

Depois de analisar os dados de 21 LG, Sagara e Zeshan (2016) observaram semelhanças tipológicas na incorporação numérica de forma transversal a todas as línguas em análise, como, por exemplo, a ocorrência de incorporação com preferência de nomes correspondentes a campos semânticos de tempo, de unidades monetárias e nível escolar (tabela 8). Neste estudo, também se observou que, em algumas LG, a incorporação mais frequente se realiza com numerais de 1 a 5, sendo possível a incorporação de QC acima de 10 na BSL, na Língua Gestual da Indonésia (BISINDO), na JSL e na TÍD.

Tabela 8: Incorporação de numerais encontrados por Sagara e Zeshan 2016.

LG	Tempo	Dinheiro	Nível Escolar
BSL	+	+	-
CSL	+	+	+
CSE	+	+	+
ESL	+	+	-
FinSL	+	+	+
GSL	+	+	+
Língua Gestual Hungria	+	+	+
Língua Gestual Islândia	+	-	-
IPSL	+	+	+
INL	+	-	-
ISL	+	+	+

JSL	+	+	-
LSM	+	+	+
NZSL	+	+	-
PSO	+	+	+
LSE	+	-	+
Siri Lanka	+	+	+
TÍD	+	-	+
UgSL	+	+	-

Devido à restrição das propriedades físicas dos dois articuladores manuais e das condições estruturais morfológicas do gesto nominal, nem sempre é possível incorporar o QC em todos os nomes dos campos semânticos correspondentes a unidades de medida ou de tempo, existindo assim diferenças no que respeita ao limite dos numerais incorporados entre as diferentes LG (Semushina & Mayberry, 2019). A literatura tem evidenciado algumas restrições ao nível das unidades mínimas dos gestos para a incorporação do QC no nome, como por exemplo limitações de incorporação tendo em consideração o movimento interno do QC, como é o caso do numeral 20 em RSL que, por na sua base ter movimento interno, não poderá ser incorporado no nome (Figura 9), sendo que o mesmo foi identificado em várias LG: ASL, DGS (Mathur & Rathmann, 2010), Língua Gestual Turquia (TÍD) (Kubus, 2008) e RSL (Semushina & Mayberry, 2019).



Figura 9: Exemplo de produção do numeral 20 em RSL (Semushina & Mayberry, 2019: 27).

Em algumas LG (RSL, ASL, DGS e TÍD), foram encontradas restrições paramétricas e semânticas na incorporação do QC no nome com base na configuração da mão do nome e os gestos nominais de tempo. Por exemplo, em DGS (Figura 10), a quantificação do gesto [MINUTOS] não permite a incorporação de QC devido à configuração de mão do nome [MINUTOS], que ao incorporar o QC perderia a marca³ do nome e por conseguinte o seu significado (Semushina & Mayberry, 2019) (figura 10). Considera-se que, para que a marca de nome seja preservada, é necessário que todos os dedos da configuração estejam selecionados (Brentari, 2010).



Figura 10: Exemplo de produção do gesto MINUTOS em DGS retirado do SpreadtheSign.

Semushina e Mayberry (2019) observaram também que, na RSL, alguns gestos de nomes de unidade de tempo ou de medição (DIA; HORA; SEGUNDO; MINUTO; QUILOGRAMA) que têm configuração de mão com todos os dedos selecionados permitiram incorporação de QC. Nos gestos MINUTO e QUILOGRAMA, os autores observaram ainda que estes mudaram a orientação da palma da mão e a direção do movimento para que fosse possível a incorporação de QC, contrariando a proposição de Soneira (2008) que refere a

³ Observa-se que a assimilação ou a substituição de alguns parâmetros e/ ou traços fonológicos pode tornar o referente gestual pouco claro. Por vezes, verifica-se que a seleção dos dedos é um traço importante da configuração que permite o gestuante representar e compreender de forma clara o referente associado ao gesto articulado. A substituição dos traços de seleção de dedos do nome pelos traços correspondentes do QC durante a incorporação poderão resultar num gesto nominal pouco claro (Semushina & Mayberry, 2019).

necessidade de manter inalterados todos os seus parâmetros à exceção da configuração de mão, que é modificada pela incorporação da forma do QC. Adicionalmente, no mesmo estudo, Semushina e Mayberry (2019) observaram que todos os nomes de unidade de tempo ou de medição em que as configurações de mão envolviam o dedo indicador e o polegar como dedos selecionados permitiram sempre a incorporação de QC.

Na LSE, os gestos que permitem incorporação parecem ser gestos que transmitem informação numeral temporária (Baker, 2016; Fuentes et al., 2010; A. M. F. Soneira, 2012). No caso da incorporação de duração de horas em que a configuração não é alterada, o dedo indicador e a localização mantêm-se sendo o movimento alterado. O dedo indicador é colocado em cima do pulso, seguindo a localização original, e faz o movimento de uma volta completa, formando um círculo, no sentido dos ponteiros do relógio. Para incorporação de números de 6 a 10, o ponteiro na mão não dominante mantém a configuração do numeral cinco e o ponteiro dominante marca o nome de horas. A localização do gesto é substituída, deslocando-se para o espaço neutro do gesto em frente do peito e o movimento é o mesmo que para numerais até 5, um movimento circular, no sentido dos ponteiros do relógio, que se refere à passagem de uma hora, ou cada mão gira para um lado, marcando um círculo no espaço. Também para o gesto de MÊS é permitida a incorporação de numerais, neste caso de 1 a 10, e, no caso do numeral 1, o dedo indicador move-se num movimento descendente através da palma da mão não dominante virada para o gestuante e é modificado para se unir aos numerais. Para numerais de 2 a 5 são acrescentados dedos à configuração, dependendo do número. A partir de seis meses, a mão passiva mantém a configuração correspondente a cinco meses e a mão dominante adiciona os dedos restantes cinco meses.

Quanto à expressão de anos, a incorporação é combinada com procedimentos morfológicos que permitem não só pluralizar a unidade temporal como também localizá-la no tempo. Adotando a metáfora de que o tempo passado está para trás e o futuro para frente, para se referir a ano passado, o dedo indicador da mão dominante toca no queixo e move-se para trás sobre o ombro direito. Por outro lado, se quer exprimir futuro a configuração avança. Até cinco anos marcamos o número com a mão dominante; de seis a 10 anos, a segunda mão mantém a configuração com o numeral 5 e a mão dominante marca o aumento do número de anos (Figura 11) (A.Soneira & Fuentes, 2003).



Figura 11: Incorporação de ANO-PASSADO e ANO-FUTURO em LSE (A. F. Soneira & Fuentes, 2003: 56).

Na Libras, observou-se que a incorporação de QC pode ser verificada em gestos referentes a HORAS, DURAÇÃO EM HORAS, DIAS, SEMANAS, MESES E FREQUÊNCIA e ainda referentes a unidades monetárias (Dedino, 2012). Contudo, na quantificação de alguns desses gestos, a incorporação só ocorreu até ao número 4, e com outros até ao número 5 (Ferreira et al., 2019).

Na Língua Gestual Finlândia (FinSL), é também permitida a incorporação de numerais em nomes, como HORAS, SEMANAS e MESES, pelo contrário não incorporam DIAS e ANOS. Quanto às unidades de tempo, estas permitem a incorporação de 1 a 4. Para níveis de ensino, permitem de 1 a 9 (Takkinen et al., 2016).

A NZSL permite a incorporação de numerais em categorias de pronomes, idade, tempo e dinheiro. Para idade permite incorporação até 10, mas excluindo o 9. Pode incorporar numerais em ano e semana de 1 a 4 e raramente o numeral 5. Estes incorporados não são permitidos com a informação de referência a futuro ou passado. A incorporação de número não é utilizada com numerais de dia e mês. No caso de intervalos de tempo correspondentes a estes como duas em duas semanas ou 3 em 3 anos podem incorporar números entre 1 a 5 (McKee, 2016).

Na Língua Gestual de Israel (ISL) e na DGS, é possível a incorporação de 1 a 5 para gestos que denotam períodos de tempo (HORAS, DIAS, SEMANAS, MESES e ANOS), uma vez que estes numerais são produzidos recorrendo a apenas um articulador manual. Para numerais superiores a 5 é necessário recorrer ao segundo articulador manual (ao qual se

vão acrescentado dedos para corresponder ao numeral que se quer expressar) para que seja possível a incorporação de numerais até 10 (Semushina & Mayberry, 2019).

Embora a incorporação de QC esteja descrita para várias LG, a mesma não foi verificada para todas elas. Por exemplo, é muito mais raro que este fenômeno possa ser encontrado na Língua Gestual Bedoína de Al-Sayyid (ABSL) (língua gestual de aldeia no sul de Israel usada por cerca de 150 surdos), em que não é encontrada referência à incorporação de QC (Pfau et al., 2012).

CAPÍTULO II PROBLEMA EM ESTUDO

A ausência de estudos científicos a todos os níveis da gramática da LGP pode gerar sérias consequências no processo de ensino e de aprendizagem desta língua. Ao nível da sintaxe, são escassos os estudos que analisam o funcionamento dos constituintes na frase (Amaral, Martins-Delgado & Coutinho, 1994; Bettencourt, 2015, Carmo, Silva & Martins, 2017; Celda & Brito, 2020). Relativamente à quantificação no SN na LGP, Amaral, Martins-Delgado e Coutinho (1994) observaram a posição de numerais relativamente ao nome em dados linguísticos elicitados por um pequeno número de gestuantes. Neste trabalho, a posição pós-nominal é referida como a recorrente, ainda que se tenham encontrado produções de quantificadores em posição pré-nominal, que são justificados com uma influência da língua oral nos gestuantes de LGP.

Nas LG, a posição dos numerais cardinais no SN tem sido pouco estudada, identificando-se discrepâncias no que respeita à sua posição dentro do SN. Por se tratar de línguas de modalidade motora, com recurso a dois articuladores manuais e articuladores não manuais, permitem a ocorrência de numerais incorporados no gesto nominal e a produção simultânea de numeral e de nome (Dedino, 2012; Ktejik, 2013; e.o.), além da ocorrência linear (Bouchard & Parisot, 2004; Quer *et al.*, 2017; Wallingford, 2008; e.o.). Algumas LG apresentam uma predominância da ocorrência do numeral em posição pré-nominal (Miljan, 1995; Kimmelman, 2017; Coons, 2021, e.o.) e outras LG apresentam uma maior tendência de o numeral ocorrer em posição pós-nominal (Li & Tang, 2020, e.o.). Em muitas LG, observa-se a possibilidade de o numeral flutuar entre as duas posições possíveis (Mantovan, Geraci & Cardinaletti, 2019) ou mesmo coocorrer nas duas posições (Heverick et al., 2010; Quer et al., 2017).

Com base nos pressupostos teóricos sobre a quantificação nos SN nas línguas orais e nas línguas gestuais e tendo em consideração a possível variação de ocorrência de posição do quantificador numeral no SN, coloca-se a questão central de investigação do presente trabalho:

Qual a posição que os numerais cardinais ocupam no SN na LGP em produções sequenciais?

Para dar resposta a esta questão, investigou-se a estrutura sintática do SN em diferentes posições na oração, com o objetivo de descrever a sua constituição tendo em consideração a ocorrência do quantificador cardinal e o seu funcionamento no interior do SN.

1 Objetivos do estudo

Com base no problema levantado, a presente investigação tem como principal objetivo o estudo do funcionamento dos quantificadores numerais cardinais (QC) exatos no SN, em diferentes posições na oração, analisando dados de um *corpus* de discurso naturalístico em LGP. Relativamente à incorporação de QC, analisar-se-á o tipo de nomes em que se verifica a incorporação de QC.

Objetivo geral

Analisar o funcionamento morfossintático de quantificadores numerais cardinais no SN na LGP.

Assim, pretende-se com a presente investigação:

- Descrever as propriedades semânticas dos SN quantificados e dos seus núcleos;
- Identificar os contextos sintático-semânticos de ocorrência dos QC sequenciais na LGP;
- Analisar as condições semânticas e morfossintáticas de incorporação dos QC.

2 Tipo e método de estudo

Para a análise do funcionamento dos QC exatos no SN em LGP, analisam-se dados linguísticos de um *corpus* de produção de discurso naturalístico, recorrendo ao *corpus* de referência para a LGP, no âmbito do projeto “Corpus & Avatar da Língua Gestual Portuguesa” (Ref.^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017) do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Como estudo de linguística de *corpus*, este trabalho de investigação apresenta-se como um estudo empírico, tendo como objetivo central a descrição do funcionamento da língua com base numa análise qualitativa e quantitativa com base na frequência de ocorrência.

CAPÍTULO III METODOLOGIA

Neste capítulo, descrever-se-á a metodologia adotada no presente trabalho de investigação, que tem como base a constituição do *corpus* de SN quantificados através QC; (3.1.); a informação sociodemográfica dos participantes autores das produções do *corpus* (3.2.); e os procedimentos de análise dos dados linguísticos (3.3.).

1 Constituição do Corpus

Para conhecer o contexto e as condições de discurso do *corpus* em análise neste trabalho, é necessário descrever as características do Corpus de Referência para a Língua Gestual Portuguesa (Ref.^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017), que se caracteriza como um *corpus* naturalista de LGP, composto por vídeos de LGP de 1995 a 2019. As produções que dele fazem parte contam com tipos de discurso espontâneo e eliciado; formal e informal; planificado e não planificado, discurso livre e algumas produções de interação (Carvalho, Carmo & Mineiro, em revisão). Abrange ainda diversos temas do dia-a-dia com diferentes tipos de contexto discursivo, como narrativa, conto, reconto, exposição académica, opinião, anedota, discurso expositivo-argumentativo, comunicado, entrevista, discurso de vida, entre outros, permitindo assim o estudo aprofundado sobre diferentes elementos e estruturas da LGP a vários níveis, e, no contexto deste trabalho de investigação, para a análise profunda do funcionamento da QC em LGP.

O Corpus de Referência para a Língua Gestual Portuguesa (Ref.^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017) é composto por vídeos em LGP de gestuantes nativos e não nativos (precoces e tardios) de LGP, uma vez que nos parece relevante que da amostra façam parte gestuantes de LGP, mesmo aqueles que, não adquiriram a LGP como primeira língua, a utilizam como língua principal de comunicação diariamente, e devendo, por isso, ser incluídos neste estudo. A decisão de incluir gestuantes não nativos deve-se ao facto de representarem uma grande parte da população Surda portuguesa, que, apesar de não ter tido contacto com a LGP desde o nascimento, que poderá justificar-se por pertencerem a famílias ouvintes sem qualquer conhecimento desta língua, são gestuantes precoces e tardios fluentes de LGP e inseridos na comunidade Surda.

1.1 Instrumentos e procedimentos para a identificação e extração de quantificadores

Com o objetivo de analisar a posição dos numerais cardinais no SN, constituiu-se um *corpus* de QC, como já se referiu anteriormente, a partir do Corpus de Referência para a Língua Gestual Portuguesa (Ref.^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017).

Numa primeira fase de identificação e de extração de quantificadores, recorreu-se à ferramenta de pesquisa do *software* ELAN, que permite a anotação/transcrição dos dados em várias camadas, tendo em consideração a anotação realizada para o Corpus de Referência para a LGP. A anotação existente para este *corpus*, realizada a diferentes níveis linguísticos, conta com diferentes convenções que permitem a extração semiautomática de dados com base nas suas características gramaticais.

Para a extração de numerais cardinais, recorreu-se à pesquisa da seguinte convenção [N ()], que foi a utilizada para a identificação destes elementos aquando da anotação dos dados de LGP no *corpus*. Esta pesquisa resultou em 328 tokens de numeral cardinal.

Numa segunda fase, foram observados os vídeos que continham as produções de numerais cardinais registados com a convenção [N ()] para que fossem somente selecionados os numerais que expressam quantidades cardinais exatas, excluindo os numerais fracionários e percentuais, resultado num total de 300 tokens. Previamente à análise, foram colocados num ficheiro de dados EXCEL. A partir desta extração, identificaram-se e categorizaram-se os numerais cardinais, a natureza semântica do nome que quantificam, o contexto discursivo, o contexto oracional, o tipo de oração e o SN em que ocorrem, bem como outros elementos que serviram de variável a este estudo e que são tratados no ponto 2 deste capítulo. De seguida, analisou-se cada ocorrência e identificaram-se os numerais incorporados que foram transportados para outra base de dados para que fossem analisados separadamente.

Da base de dados de SN quantificados, foram excluídos: os numerais com interpretação de UM com sentido de único; os numerais que continham construções com classificadores ou incorporados em classificadores; os numerais incorporados com pronomes; os numerais em construções complexas como “mais ou menos” ou “exatamente”; os numerais em construção de pergunta retórica; e os numerais em construções que pudessem envolver tópico ou foco. Foram ainda excluídos os pronomes

peçoais a encabeçarem o SN. Posteriormente, todos os dados foram revistos por um consultor linguístico.

No fim, foi constituído um subcorpus de quantificação numeral cardinal em LGP composto por **177 ocorrências de SN quantificados** (162 SN quantificados com QC em posição linear e 15 SN quantificados com QC incorporado) – Corpus de Quantificação Numeral Cardinal em LGP. A caracterização sociodemográfica da amostra por participante pode ser consultada no ANEXO I.

1.2 Amostra do *corpus* de quantificação numeral cardinal em sequencialidade em LGP

Do *corpus* deste trabalho, fazem parte **162 ocorrências de SN quantificados com QC em posição linear/ sequencial** produzidos por 39 pessoas surdas gestuantes de LGP.

Tendo em consideração que alguns dos participantes produziram mais do que uma ocorrência no mesmo vídeo e em vídeos diferentes, e, por vezes, captados em anos diferentes e, conseqüentemente, com idades diferentes, proceder-se-á à caracterização da amostra tendo em conta o número de ocorrências.

De acordo com o que observamos na tabela 9, encontramos a distribuição das variáveis sociodemográficas em conformidade com os grupos etários dos participantes e o sexo.

No grupo etário dos 10 aos 19 anos, obtivemos 19 ocorrências, das quais 6 foram produzidas por gestuantes do sexo masculino e 13 foram produzidas por gestuantes do sexo feminino, totalizando 19 ocorrências neste grupo etário.

Relativamente ao grupo etário dos 20 aos 29 anos, existem 11 produções por gestuantes do sexo masculino e 10 produções por gestuantes do sexo feminino, totalizando 21 produções neste grupo etário.

No grupo etário dos 30 aos 39 anos, contabilizámos 8 produções por gestuantes do sexo masculino e 23 produções por gestuantes do sexo feminino, totalizando 31 produções por gestuantes deste grupo etário.

No grupo etário dos 40 aos 49, observamos um total de 57 produções, das quais 22 produções por gestuantes do sexo masculino e 35 produções por gestuantes do sexo feminino.

No último grupo etário, correspondente aos 50 a 59 anos, os gestuantes do sexo masculino produziram 11 ocorrências e os gestuantes do sexo feminino 23 ocorrências, totalizando 34 ocorrências neste grupo etário.

Relativamente ao total de produções por gestuantes do sexo masculino, obtivemos 58 produções e por gestuantes do sexo feminino 104 produções, totalizando as 162 ocorrências de QC em lineariedade.

Tabela 9. Caracterização sociodemográfica dos gestuantes do *corpus*.

Grupo Etário	Sexo M	Sexo F	Total
[10 - 19]	162 / 6 (3,7%)	162 / 13 (8%)	162 / 19 (11,7%)
[20 - 29]	162 / 11 (6,8%)	162 / 10 (6,2%)	162 / 21 (13%)
[30 - 39]	162 / 8 (4,9%)	162 / 23 (14,2%)	162 / 31 (11,7%)
[40 - 49]	162 / 22 (13,6%)	162 / 35 (21,6%)	162 / 57 (35,2%)
[50 - 59]	162 / 11 (6,8%)	162 / 23 (14,2%)	162 / 34 (21%)
Total	162 / 58 (35,8%)	162 / 104 (64,2%)	162 / 162 (100%)

A escassez de estudos científicos constitui uma lacuna no que respeita ao ensino e à aprendizagem da LGP. A falta de gramáticas pedagógicas e científicas e de bons dicionários e manuais escolares compromete o ensino e a aprendizagem explícitos da LGP.

Atualmente, o ensino formal de LGP tem por base a obra de Amaral et. al. (1994). Apesar de considerada obra de referência e com valor linguístico, sendo o primeiro estudo linguístico a debruçar-se sobre o funcionamento da LGP, este trata-se de um estudo exploratório, que devido à natural evolução e dinâmica próprias de qualquer língua viva, poderá originar pressupostos desatualizados.

Sendo os formadores de LGP quem transmite a língua em contexto formal e explícito e, por isso, considerados como detentores de maior consciência linguística sobre a LGP e um maior rigor linguístico na sua produção, considerámos interessante observar se existem diferenças morfossintáticas da quantificação do SN entre os gestuantes não formadores de LGP e os formadores de LGP, conforme descrito por Amaral et. al. (1994).

Obtivemos, então, 68 produções por formadores de LGP e 94 produções por não formadores de LGP (tabela 10).

Tabela 10: Número de produções segundo o critério formador / não formador de LGP

Formador de LGP	68
Não formador de LGP	94

Na tabela 11 podemos observar os dados relativos à região e ao ano em que foram gravadas em vídeo as produções.

No ano de 1992, foram recolhidas 5 produções na região centro. Entre os anos 2000 e 2005 foi recolhida apenas 1 produção. Entre os anos 2006 e 2010 foram recolhidas 15 produções por gestuantes da região centro, 1 produção por um gestuante da região norte e 3 produções por gestuantes da região sul. Relativamente às produções recolhidas entre os anos 2011 e 2015 obtivemos 43 produções por gestuantes do centro, 2 produções por

gestuantes do norte e 1 produção por um gestuante da região do sul. Entre os anos 2016 e 2020, foram recolhidas 66 produções por gestuantes do centro e 23 produções por gestuantes do norte.

No total, contabilizámos 130 produções por gestuantes da região centro, 26 produções por gestuantes da região norte, 4 produções por gestuantes da região sul e 2 produções por gestuantes da região dos Açores.

Tabela 11. Caracterização das produções do *corpus* relativamente ao ano da sua produção e à origem geográfica do gestuante.

Intervalo de Tempo	Região Centro	Norte	Sul	Açores	Total
[1992]	162 / 5 (3,1%)	0	0	0	162 / 5 (3,1%)
[2000 - 2005]	162 / 1 (0,6%)	0	0	0	162 / 1 (0,6%)
[2006 - 2010]	162 / 15 (9,3%)	162 / 1 (0,6%)	162 / 3 (1,9%)	0	162 / 19 (11,7%)
[2011 - 2015]	162 / 43 (26,5%)	162 / 2 (1,2%)	162 / 1 (0,6%)	0	162 / 46 (28,4%)
[2016 - 2020]	162 / 66 (40,7%)	162 / 23 (14,2%)	0	162 / 2 (1,2%)	162 / 91 (56,2%)
Total	162 / 130 (80,2%)	162 / 26 (16%)	162 / 4 (2,5%)	162 / 2 (1,2%)	162 / 162 100%

Importa referir que, uma vez que existem produções que datam de 1992, será possível analisar estes dados naturalísticos de LGP comparando com a descrição realizada com base nos dados elicitados de Amaral et. al. (1994), permitindo contribuir para a descrição gramatical comparada da LGP e para o seu trajeto diacrónico.

2 Procedimentos de Análise de Dados

Numa primeira fase de identificação de SN quantificados através de QC e uma vez que o presente estudo se desenvolve no âmbito de uma dissertação de mestrado, optou-se por selecionar apenas QC exatos, excluindo numerais ordinais, multiplicativos, fracionários e outras construções com quantificadores nas LG (distributiva e reduplicativa e construções com classificadores; construção de pergunta retórica).

O Corpus de Quantificação Numeral Cardinal em LGP em análise neste trabalho é composto por **162 ocorrências de SN quantificados com recurso a quantificador cardinal**.

De forma a conseguir elaborar uma análise fidedigna dos dados linguísticos, foram tidos em consideração alguns critérios que permitiram uma análise mais detalhada sobre a estrutura dos SN quantificados através de QC:

- tipo de discurso em que ocorre o SN;
- natureza do discurso em que ocorre o SN;
- definitude do referente;
- função do SN;
- Traços semânticos do nome:
 - natureza semântica do nome;
 - animacidade do nome;
 - nome concreto ou nome abstrato;
 - nome humano ou nome não humano;
 - nome massivo ou nome contável.

2.1 Tipo de discurso

Fazendo estes dados parte de um *corpus* naturalístico, sentimos necessidade de classificar os dados quanto à natureza do discurso que poderá condicionar a produção da ordem dos constituintes, uma vez que fatores e contextos sociais poderão exercer influência na flexibilidade ou não da ordem. Todos os falantes utilizam a língua em diferentes contextos e situações e com diferentes propósitos, originando vários padrões de comportamento que, apesar de não originarem nenhum fenômeno linguístico, podem originar diferenças linguísticas (Biber & Conrad, 2019). Por isso mesmo, o tipo de discurso em que ocorrem os SN quantificados através de QC foi classificado em seis tipos possíveis (Tabela 12):

Tabela 12: Definição dos tipos de discurso analisados no *corpus*.

Tipo de discurso	Definição
Discurso de tema elicitado	Discurso orientado, sendo que o informante tem indicação do tema sobre o qual se deve expressar. Exemplo: Pedido dirigido ao gestuante para contar uma anedota já conhecida por si.
Discurso de tema livre	Discurso livre e espontâneo, sem orientação, no qual o informante toma iniciativa por si mesmo de se expressar em relação a alguma coisa. Exemplo: Um gestuante grava-se a si próprio para manifestar as suas convicções políticas.
Discurso em contexto formal	Discurso realizado em contexto formal, como uma palestra, um momento de avaliação, uma entrevista ou um tipo de discurso expositivo para posterior divulgação nos <i>media</i> . Exemplo: Comunicação numa palestra.

Discurso em contexto informal	<p>Discurso realizado pelo próprio gestuante em contexto informal, sem qualquer tipo de oficialidade na sua divulgação.</p> <p>Exemplo: Gravação do gestuante para enviado de um vídeo a um amigo.</p>
Discurso planificado	<p>Discurso previamente preparado pelo gestuante e que poderá ocorrer com suporte de apoio textual ou visual, pensado e linguisticamente estruturado.</p> <p>Exemplo: Gravação de um discurso com caráter de avaliação que foi previamente preparado e estudado em GLOSA.</p>
Discurso não planificado	<p>Discurso sem qualquer planificação prévia estrutural e discursiva.</p> <p>Exemplo: Conversa entre gestuantes.</p>

2.2 Natureza do discurso

De forma a analisar a influência da natureza do discurso na estrutura do SN quantificado, categorizou-se os dados segundo a sua natureza discursiva em seis tipos:

- discurso narrativo: os gestuantes produzem uma história que poderá ser um relato ou um discurso sobre um evento que ocorreu na sua vida;
- discurso expositivo-informativo: os gestuantes produzem um vídeo para dar uma informação ao público. Poderá ser uma produção para um programa de televisão, uma palestra, uma aula, etc;
- discurso expositivo-argumentativo: produções em que os gestuantes manifestam a sua opinião pessoal sobre determinado tema, defendendo o seu ponto de vista;
- discurso anedótico: gestuantes a contar anedotas;
- discurso em entrevista: gestuantes em situação de entrevista.

2.3 Definitude do Sintagma Nominal

Para dar conta dos diferentes tipos de leitura do referente, e tendo em conta outros estudos das LG para a observação da posição do QC no SN, a classificação dos dados segundo o tipo de leitura do SN teve em consideração o estudo de Mantovan e Geraci (2019), no qual se identificou alterações da ordem dos elementos no SN conforme o tipo de leitura (cf. secção 1.1 do capítulo I), distinguindo-se:

- leitura definida, nos casos em que o interlocutor conhece o referente ao que o gestuante se refere ou em que o referente já foi previamente mencionado no discurso;
- leitura indefinida, nos casos em que o interlocutor desconhece o referente mencionado pelo gestuante, sendo referenciado pela primeira vez no discurso.

Quanto à leitura indefinida, esta foi ainda distinguida como: (i) específica e (ii) não específica, também na linha de Miguel e Raposo (2013: 156):

- leitura indefinida específica: o SN refere-se a um referente em particular (ex.: **HOMEM ELE ESCREVER CRIAR 1 LIVRO**);
- leitura indefinida não específica: o SN não se refere a um referente em particular (ex.: **ELES ESCOLHER 1 PESSOA**).

2.4 Função do SN

De forma a analisar se a função desempenhada pelo SN poderá influenciar a ordem dos constituintes, procedemos à classificação da função sintática dos SN quantificados com QC. Neste contexto, verifica-se a distribuição dos SN quantificados por oito funções sintáticas diferentes:

- função de objeto direto (ex.: **SÉCULO 16 HOMEM ELE ESCREVER CRIAR 1 LIVRO**);
- função de sujeito (ex.: **MENINA FUGIR MEDO HOMEM 2 OUVIR**);
- predicativo do sujeito (ex.: **INVESTIGAÇÃO ALARGAR 20 PESSOAS**);
- modificador de nome (ex.: **1 PROFESSOR HOLANDA VIR SIM EXPLICAR JÁ TER 2 TURMA 1 TURMA IMPLANTE ORALIDADE OUTRO TURMA IMPLANTE LÍNGUA-GESTUAL**);

- modificador do grupo verbal (ex.: **ESPERAR ACHAR 2-SEMANAS** DEPOIS ESPERAR DIRETOR TV);
- complemento de nome (ex.: TER ALI PESSOA_COM_COLETE_DE_FORÇAS MUITO_GRAVE VÁRIOS SER_MUITO PESSOA_IR SURDO EU 1 CONTACTO **1 PESSOA TER EU**);
- objeto oblíquo (ex.: ELE AMÍLCAR SE NÓS APOIAR AMÍLCAR ELE PORQUÊ AMÍLCAR 1 PESSOA ELE 1-1 POLÍTICO **ELE TRABALHAR 50 SURDO** MAIS 50 SURDO ÁREA ELE 1)
- objeto indireto (ex.: POSSÍVEL PERCEBER MAIS_OU_MENOS PERCEBER POSSÍVEL EXPLICAR **1 PESSOA** PEDRA CL (ATIRAR-PEDRA)).

2.5 Natureza semântica do referente nominal

De forma a analisar se a natureza semântica do referente nominal exerce influência na posição do seu QC, todos os nomes foram classificados conforme a sua natureza semântica.

Nesta categorização, foram identificados SN quantificados com QC com: nomes referentes a animais (ex.: LOBO; MENINA; HOMEM); nomes relativos a unidades de medida de tempo (ex.: 4 ANOS; 10 HORAS); nomes de agrupamentos (ex.: 1 TURMA; 1 COMUNIDADE); nomes referentes a pensamentos/ crenças (ex.: 1 SUGESTÃO; 1 EXEMPLO); nomes referentes a línguas/ gramática (ex.: 1 PALAVRA; 1 GESTO); nomes relativos a materiais/ objetos (ex.: 1 PAPEL; 1 LIVRO); nomes de instituições/ eventos (ex. 1 CRECHE; MESTRADO 2); nomes de profissões (ex.: 1 PROFESSOR; 2 INTÉRPRETE); nomes referentes a relações de parentesco (ex.: 2 IRMÃO; 1 PRIMO); nomes referentes a alimentação (ex. PÃO 1; 1 TEMPERO); nomes relativos a unidades de medida de comprimento (ex.. 10 KM; 20 KM); nomes referentes a transportes (ex.: AUTOCARRO 5); e nomes relativos a unidade de medida de sequência (ex.: 11 EPISÓDIOS).

2.6 Traços semânticos do nome

De forma a observar de que forma a animacidade dos nomes poderá influenciar a posição do QC relativamente ao seu nome, todos os nomes foram classificados quanto à

sua natureza como [+ animado] (ex.: SURDO 2; 1 MULHER) e como [- animado], (ex.: 1 LIVRO; 1 CRECHE).

Como traço semântico, foram ainda distinguidos os nomes animados com o traço [+ humano] (ex.: HOMEM) e [- humano] (ex.: LOBO).

Adicionalmente, observou-se que todos os nomes do corpus em análise são contáveis (162 nomes).

Identificou-se ainda os nomes que apresentam o traço semântico [+ concreto] (ex.: TURMA) e os nomes com o traço semântico [- concreto] / [+ abstrato] (ex.: SITUAÇÃO).

CAPÍTULO IV RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão apresentados e discutidos os dados seguindo a caracterização realizada na análise.

Na secção 1, serão apresentados os resultados em conformidade com o tipo de ocorrência macro dos QC relativamente ao SN, sequenciais *versus* simultâneos. Na secção 2, tendo em consideração o contexto de SN quantificados com o QC em posição linear, serão discutidos os resultados em conformidade com o contexto e o tipo de discurso, com o tipo de leitura, com a função sintática do SN, com a natureza semântica do referente nominal e com os traços semânticos do nome. Na secção 3, serão apresentados os resultados tendo em consideração as variáveis sociodemográficas dos gestuantes.

1 Posição do Quantificador Cardinal no Sintagma Nominal: Posição Linear e Posição Incorporada

No corpus geral analisado, foram identificados dois tipos de posição do QC relativamente ao nome em 177 SN com QC: em posição linear e em posição incorporada. Esta distribuição apresentou-se desequilibrada (Tabela 13), observando-se uma maior percentagem de SN quantificados com o QC em posição linear (91,5%) do que em posição incorporada (8,5%).

Tabela 13: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição linear e em posição incorporada.

QC	
Em posição linear	177 / 162 (91,5%)
Em posição incorporada	177 / 15 (8,5%)

Vários estudos já se debruçaram sobre a análise da posição incorporada do QC no nome, sendo unânime para a maioria destes a incorporação com nomes referentes aos campos semânticos de tempo e, para algumas LG, ainda possível a incorporação com nomes semânticos que denotam dinheiro e nível escolar (Fuentes et al., 2010; Semushina & Mayberry, 2019; Takkinen et al., 2016, e.o.). Quanto à LGP, tentaremos perceber com que tipo de nomes semânticos ocorrem; até que quantidade permitem incorporação e qual/is o/s parâmetro/s fonológico/s alterado/s.

1.1 Sintagmas Nominais quantificados com o Quantificador Cardinal em Posição Linear em LGP

Na observação da produção de SN quantificados em contexto linear, observou-se dois tipos de ordem: pós-nominal [N QC] e pré-nominal [QC N]. Do total de 162 produções de SN quantificados através de QC, identificou-se 32 produções em que o quantificador cardinal ocorre em posição pós-nominal (19,8%) e 130 produções em que o quantificador cardinal ocorre em posição pré-nominal (80,2%) (Tabela 14).

Tabela 14: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição linear pré-nominal e em posição linear pós-nominal.

Tipo de discurso	[N QC]	[QC N]
QC em posição linear	162 / 32	162 / 130
	19,8%	80,2%

Numa primeira observação, estes resultados contradizem as suposições apresentadas em Amaral et. al. (1994), em que a posição pós-nominal do quantificador foi reportada como sendo a preferencial.

Com base nestes dados de LGP, observa-se assim uma preferência para que o QC ocorra antes do nome, tal como é observado para a ESL (Miljan, 1995), para a NGT (Brunelli, 2011) e para ASL (Abner & Wilbur, 2017). Mais recentemente, outras LG têm

vindo a demonstrar também uma preferência pelo QC em posição pré-nominal (na LSM (Coons, 2021), para a HKSL (Li & Tang, 2020) e para a LIS (Mantovan et. al., 2019), contrariando os estudos anteriores sobre as mesmas línguas. Neste contexto, poder-se-á levantar a possibilidade de podermos estar perante um marco de evolução da LGP ou destas LG, uma vez que todas apresentam uma mudança de posição do QC no SN em estudos mais recentes.

Contudo, importa lembrar que os dados analisados neste trabalho são oriundos das duas últimas três décadas, permitindo analisar alguns dados datados do primeiro e único estudo existente sobre a quantificação do SN na LGP (Amaral et al., 1994).

De forma a compreender e a descrever as condições de ocorrência da posição do quantificador cardinal dentro do SN, serão analisadas as ocorrências segundo um conjunto de critérios discursivos, semânticos e morfossintáticos.

1.1.1 Posição do QC no SN – Tipo de discurso

Como exposto na literatura (capítulo I), o contexto discursivo em que é produzido o QC poderá ter influência na ordem da ocorrência dos elementos dentro do SN.

Devido a uma possível variação na ordem dos elementos no SN, considerámos relevante analisar as ocorrências do QC no SN ([N QC] ou [QC N]), tendo em consideração o tipo de discurso em que o SN ocorreu: de tema elicitado ou de tema livre.

Nesta análise (Tabela 15), encontramos que, em contexto de tema elicitado, o QC ocorreu 24,6% dos casos em posição pós-nominal e ocorreu 75,4% dos casos em posição pré-nominal. No contexto de discurso de tema livre, observámos que em posição pós-nominal o QC ocorreu em 16,8% dos casos e que em posição pré-nominal o QC ocorreu em 83,2% dos casos.

Tabela 15: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o tipo de discurso elicitado ou livre.

Tipo de discurso	[N QC]	[QC N]
------------------	--------	--------

Elicitado	61 / 15	61 / 46
	24,6%	75,4 %
Livre	101 / 17	101 / 84
	16,8%	83,2%

Estes resultados permitem-nos considerar que, independentemente do contexto discursivo, a ordem preferida é a pré-nominal, tanto em contexto de discurso de tema elicitado como em contexto de discurso de tema livre. Ainda assim as percentagens apresentadas demonstram que, quando se trata de discurso de tema elicitado, a percentagem de ocorrência de QC pós-nominais se mostrou ligeiramente mais alta (24,6%) do que quando se trata de discurso de tema livre (16,8%).

Estes dados corroboram o estudo de Mantovan, Geraci e Cardinaletti (2019), que encontraram como preferencial a ordem pré-nominal do QC tanto em dados elicitados como também em dados de natureza espontânea da LIS.

Contudo, são vários os estudos de outras LG que nos indicam uma ordem preferencial pós-nominal. Ainda na LIS, por exemplo, vários autores (Bertone, 2007; Branchini, 2007; Brunelli, 2011) basearam-se em dados elicitados quando observaram que os modificadores nominais apresentavam como única ordem aceitável a ordem pós-nominal. Também no estudo da UgSL (Lutalo-Kiingi, 2016), num *corpus* de discurso espontâneo, encontrou-se como ordem mais frequente a pós-nominal, tal como no estudo sobre a HKSL, em que, em conversas ditas livres, a ordem pós-nominal foi identificada como a mais frequente (Li & Tang, 2020). Contrariamente ao estudo sobre a NZSL, com recurso a um *corpus* naturalístico refere-se que o QC precede o nome a que quantifica (Wallingford, 2008)

Tendo em consideração a baixa percentagem de ocorrências do QC em posição pós-nominal no SN nos dois tipos de discurso, no nosso corpus, poder-se-á considerar que estamos perante uma fase de transição da posição do QC no SN, tendo em consideração a assunção de que a posição pós-nominal do QC possa ser a posição de base (Amaral et al., 1994).

Notando que os dados provenientes de discurso livre poderão indiciar-nos a um comportamento mais descontraído e naturalístico dos gestuantes, estes serão, por consequência, mais transparentes sobre o funcionamento da língua através da observação do discurso do gestuante, o que nos providenciará dados reais acerca do conhecimento linguístico espontâneo do gestuante. Neste contexto, poderemos inferir que os dados que observamos na tabela 15 revelarão que a LGP poderá estar numa fase de consolidação da posição pré-nominal do QC. Ainda assim não podemos descorar a possibilidade de estes resultados poderem estar relacionados com o aumento da literacia dos gestuantes ou até mesmo pela influência do PE.

Adicionalmente, analisou-se a influência do tipo de formalidade de discurso na distribuição do QC no SN, observando a percentagem de ocorrências da posição do QC em contexto discursivo formal e informal. Nesta análise (Tabela 16), observamos que, em contexto de discurso formal, 23,7% dos SN quantificados apresentaram um QC em posição pós-nominal e 76,3% dos SN quantificados apresentaram um QC em posição pré-nominal. Por sua vez, no contexto de discurso informal, observamos que o QC em posição pós-nominal ocorreu em 3,2% dos casos e que o QC em posição pré-nominal ocorreu em 96,8% dos casos.

Tabela 16: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o tipo de discurso formal ou informal.

Tipo de discurso	[N QC]	[QC N]
Formal	131 / 31	131 / 100
	23,7 %	76,3 %
Informal	31 / 1	31 / 30
	3,2 %	96,8 %

Nesta análise, verificamos que, independentemente do contexto de formalidade do discurso, a posição pré-nominal do QC continua a apresentar uma maior percentagem de

ocorrência. Contudo, poderemos observar que, quando os gestuantes de LGP se encontram em contexto formal, que se caracteriza pelo registo cuidado e rigoroso linguisticamente, estes revelam apresentar uma maior tendência a colocar o QC em posição pós-nominal, comparativamente ao que se verifica quando os gestuantes estão num ambiente informal, em que se acredita que não existirá uma preocupação com o cuidado linguístico.

Ainda na análise sobre a posição do QC no SN em contexto discursivo, analisaram-se os dados tendo em consideração se o discurso realizado fora ou não planificado. Considerou-se assim relevante analisar o tipo de discurso planificado, uma vez que permite ao gestuante preparar e refletir sobre as ideias que quer transmitir, esboçando o discurso de modo a construir produções de LGP coerente e adequado a determinado tipo de situação, podendo conscientemente estruturar os elementos linguísticos a produzir.

Nesta análise (Tabela 17), encontramos que, tanto em discurso planificado como em discurso não planificado, a posição pré-nominal do QC é a mais frequente. No contexto de discurso planificado, o QC em posição pré-nominal ocorreu em 73,3% dos casos e o QC em posição pós-nominal ocorreu em 26,7% dos casos. Por sua vez, em discurso não planificado, o QC ocorre em posição pré-nominal 97,8% dos casos e, num valor muito inferior, é observado que o QC ocorre em posição pós-nominal em 2,2% dos casos, correspondendo apenas a 1 ocorrência.

Tabela 17: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o tipo de discurso planificado ou não planificado.

Tipo de discurso	[N QC]	[QC N]
Planificado	116 / 31	116 / 85
	26,7 %	73,3 %
Não planificado	46 / 1	46 / 45
	2,2 %	97,8 %

Apesar de grande percentagem dos SN quantificados ter ocorrido em posição pré-nominal em ambos os tipos de discurso, observa-se que a posição pós-nominal ocorreu com uma maior percentagem no contexto em que o discurso foi tematicamente e estruturalmente planejado, podendo aqui existir algum tipo de influência do conhecimento metalinguístico dos gestuantes.

Importa salientar que, no discurso não planejado, os dados apenas apresentaram uma produção de SN com o QC em posição pós-nominal, podendo revelar que, num discurso naturalístico e não planejado, a posição do QC é pré-nominal, sendo esta a ocorrência natural do QC em LGP.

Adicionalmente, considerando a baixa percentagem de ocorrências do SN quantificado com o QC em posição pós-nominal no discurso planejado, poder-se-á considerar, mais uma vez, que estamos perante uma fase de transição da posição do QC, ou talvez mesmo, de consolidação da posição pré-nominal do QC, considerando a indicação das ocorrências do QC em posição pré-nominal já existentes em Amaral et. al. (1994).

Em geral, através dos resultados observados tendo em consideração os diferentes tipos de discurso, podemos verificar que a ordem predominante é a posição do QC a preceder o nome [QC N] e, adicionalmente, considerar que, quando o tipo de discurso se apresenta mais condicionado, ocorre um aumento da percentagem de SN quantificados com o QC em posição pós-nominal [N QC]. Tendo em conta que se estivermos em ambiente mais controlado a nossa tendência produção será mais cuidadosa do que quando confrontados com um ambiente mais descontraído, consideramos que um tipo de discurso informal, não planejado e livre será de cariz naturalístico. Nestes contextos, a percentagem de ocorrências do QC em posição pós-nominal é verificada em menor frequência.

Elevadas percentagens da posição pré-nominal do QC no SN nos diferentes tipos de discurso mais naturalísticos (livre, informal e não planejado) poderão revelar que o QC no SN da LGP é naturalmente colocado a anteceder o nome, indicando que esta será a

posição natural deste ocorrer em LGP, revelando que poderemos estar numa fase de consolidação da posição pré-nominal do QC.

1.1.2 Posição do QC no SN – Natureza do discurso

De forma a observar se a posição do QC no SN quantificado sofre alguma influência considerando o tipo da natureza do discurso, analisou-se a ordem e a posição do quantificador em relação ao nome no SN quantificado nos seguintes discursos: narrativo, expositivo-informativo; expositivo-argumentativo; anedótico e em entrevista.

Nesta análise (Tabela 18), verificamos que, para o tipo de discurso de narrativa, a posição pré-nominal é a preferida contando com 84,2% das ocorrências enquanto em posição pós-nominal apenas foram verificadas 15,8% das ocorrências. Também para o tipo de discurso expositivo-informativo a percentagem de pré-nominal é maioritária com 83,9% das ocorrências e a posição pós-nominal com 16,1% das ocorrências. Quanto ao tipo expositivo-argumentativo, encontramos 77,5% das ocorrências em posição pré-nominal e 22,5% das ocorrências em posição pós-nominal. No tipo de discurso de anedota, a única posição verificada nas 5 ocorrências produzidas foi a pós-nominal. Quanto ao tipo de discurso de entrevista (com 4 ocorrências), apenas foi verificada a posição pré-nominal do QC.

Tabela 18: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a natureza do discurso.

Natureza do discurso	[N QC]	[QC N]
Narrativa	57 / 9	57 / 48
	15,8%	84,2%
Expositivo-informativo	56 / 9	56 / 47
	16,1%	83,9%
Expositivo-argumentativo	40 / 9	40 / 31
	22,5%	77,5%

Anedota	5 / 5	0
	100%	
Entrevista	0	4 / 4
		100%

Nesta análise, não se observa que a natureza do discurso poderá influenciar a posição do QC no SN, verificando-se sempre uma maior percentagem de ocorrências do QC em posição pós-nominal. Mais uma vez, estes dados poderão apontar para uma atual fase de transição ou consolidação do QC em posição pré-nominal no SN.

1.1.3 Posição do QC no SN – Definitude do SN

Na observação da influência do tipo de leitura do SN quantificado na posição do QC, observamos a distribuição e ocorrências entre a posição pré-nominal do QC e a posição pós-nominal.

Em geral, observou-se, mais uma vez, que a posição pré-nominal do QC foi a mais recorrente quer para o tipo de leitura definida quer para o tipo de leitura indefinida. Nesta análise (Tabela 19), a posição pré-nominal do QC totaliza 82% das ocorrências em leitura indefinida e 69,6% das ocorrências na leitura definida. Por sua vez, a posição pós-nominal do QC apresenta-se em 30,4% dos casos em que o SN tem uma leitura definida e em 18% dos casos em que o SN tem uma leitura indefinida.

Ainda na análise de distribuição do QC no SN tendo como referência o tipo de leitura do SN, distinguimos os SN de leitura indefinida específica e os de leitura indefinida não específica. Neste contexto, observou-se, mais uma vez, que a posição pré-nominal continua a ser a preferencial. No contexto de leitura indefinida específica, observou-se que o QC ocorreu em 13,3% dos casos em posição pós-nominal e em 86,7% dos casos em posição pré-nominal. No contexto de leitura indefinida não específica, o QC ocorreu em 26,5% dos casos em posição pós-nominal e em 73,5% dos casos em posição pré-nominal.

Tabela 19: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a definitude do SN.

Tipo discurso	[N QC]	[QC N]
Indefinido	139 / 25 (18%)	139 / 114 (82%)
Específico	90 / 12 (13,3%)	90 / 78 (86,7%)
Não Específico	49 / 13 (26,5%)	49 / 36 (73,5%)
Definido	23 / 7 30,4%	23 / 16 69,6%

Estes resultados parecem não corroborar a flutuação de posição do QC no SN quantificado com leitura indefinida observada na LIS (Mantovan, Geraci & Cardinaletti, 2019) e a preferência da posição pós-nominal em contexto de leitura definida na RSL (Kimmelman, 2017). Ainda na LIS, observou-se que os QC num SN de leitura indefinida são geralmente acompanhados de cabeça inclinada para trás e sobancelhas levantadas, enquanto os de leitura definida são compatíveis com olhos semicerrados e sobancelhas abaixadas e queixo para baixo (Mantovan, Geraci & Cardinaletti, 2019). Esta análise fonológica sobre os MNM não foi realizada no *corpus* analisado da LGP.

Os presentes resultados apontam para uma tendência na ocorrência do QC em posição pré-nominal, podendo revelar que estamos perante uma fase de transição e consolidação do QC pré-nominal no SN, perante os dados residuais em que o QC ocorreu em posição pós-nominal e a descrição de Amaral et. al. (1994).

1.1.4 Posição do QC no SN – Função do SN

Na análise à influência da função sintática exercida pelo SN quantificado sobre a posição do seu QC, identificámos as funções sintáticas dos SN quantificados no *corpus* e verificámos a posição do QC em relação ao nome. As funções sintáticas identificadas foram: função de objeto direto; função de sujeito; predicativo do sujeito; modificador de nome; modificador do grupo verbal; complemento de nome; objeto oblíquo; e objeto indireto.

Nesta análise (Tabela 20), verificou-se que a posição pré-nominal do QC foi a que revelou maior percentagem de ocorrência em todos os tipos de função sintática encontrados.

Com função de objeto direto, o QC ocorreu em 86,8% dos casos em posição pré-nominal e em 13,2% em posição pós-nominal. Esta tendência distributiva também parece ser observada nos SN: com função sintática de sujeito, em que o QC ocorreu em 74,3% dos casos em posição pré-nominal e 25,7% em posição pós-nominal; com função sintática de modificador do nome, em que o QC ocorreu em 76,9% dos casos em posição pré-nominal e 23,1% em posição pós-nominal e com função sintática de modificador do grupo verbal, em que o QC ocorreu em 91,7% dos casos em posição pré-nominal e 8,3% em posição pós-nominal.

Com uma percentagem de ocorrência mais próxima, observou-se a distribuição do QC no SN com função de predicativo do sujeito, em que encontramos em posição pós-nominal o QC em 32,1% das ocorrências e em 67,9% das ocorrências em posição pré-nominal.

Relativamente à função sintática de complemento do nome, este registou 66,7% das ocorrências em posição pré-nominal e 33,3% das ocorrências em posição pós-nominal.

No caso da função sintática de objeto oblíquo e de objeto indireto (com 2 ocorrências e 1 ocorrência respetivamente) apenas foram registadas produções em posição pré-nominal.

Tabela 20: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a função sintática do SN.

Tipo de discurso	[N QC]	[QC N]
Objeto direto	68 / 9 13,2%	68 / 59 86,8 %
Sujeito	35 / 9 25,7 %	35 / 26 74,3%
Predicativo do sujeito	28 / 9 32,1%	28 / 19 67,9%
Modificador do nome	13 / 3 23,1%	13 / 10 76,9%
Modificador do grupo verbal	12 / 1 8,3%	12 / 11 91,7%
Complemento do nome	3 / 1 33,3%	3 / 2 66,7%
Objeto oblíquo	0	2 / 2 100%
Objeto indireto	0	1 / 1 100%

Embora os resultados nos demonstrem que a ordem preferencial em percentagem de ocorrências continue a ser a ordem pré-nominal tendo em consideração a função sintática do constituinte SN quantificado, observa-se que, quando este SN tem função sintática de

predicativo de sujeito, a percentagem de ocorrências do SN em posição pós-nominal é um pouco mais alta em relação aos outros SN. Na literatura, algumas LG têm vindo a revelar uma posição pós-nominal do QC quando o SN tem a função sintática de predicado, como na ESL (Miljan, 1995) e na ASL (Padden, 1988). Contudo, nos dados analisados para a LGP sobre o presente *corpus*, não se verifica essa predominância, podendo-se questionar se não estaremos a observar um contexto de flutuação nestes casos ou de período de transição da posição do QC no SN.

1.1.5 Posição do QC no SN – Natureza semântica do referente nominal

Tendo em consideração que a natureza do referente nominal pode influenciar a ordem do QC no SN (Cruz-Aldrete, 2008; Lutalo-Kiingi, 2016; Mantovan et al., 2019), categorizámos e analisámos a natureza dos referentes nominais do nosso *corpus*. Foram organizadas 12 categorias semânticas quantificadas (Tabela 21).

Nesta análise, a posição pré-nominal do QC no SN não se verificou sempre preferencial.

Na categoria *animal*, observou-se o QC em posição pós-nominal em 24,6% das ocorrências e em posição pré-nominal 75,4% das ocorrências. Na quantificação de *unidades de medida de tempo*, observou-se o QC em posição pós-nominal em 12,8% das ocorrências e em posição pré-nominal em 87,2% das ocorrências. Na quantificação de *agrupamentos*, verificou-se o QC em posição pós-nominal com 11,1% das ocorrências e o QC em posição pré-nominal com 88,9% das ocorrências. Na categoria *pensamentos/crenças*, o QC continuou a revelar preferência pela posição pré-nominal com 91,7% das ocorrências em detrimento de 8,3% das ocorrências em posição pós-nominal. Na categoria *instituições/ eventos* registou-se em posição pré-nominal 66,7% das ocorrências e em posição pós-nominal 33,3% das ocorrências. Na categoria *material / objeto*, também se registou uma preferência do uso do QC em posição pré-nominal (85,7%) em vez da posição pós-nominal (14,3%).

Quanto a uma possível flutuação do QC, observou-se que a quantificação de referentes nominais com a categoria *língua/ gramática* revelou a presença do QC em posição pós-nominal em 30% das ocorrências e em posição pré-nominal 70% das

ocorrências. Na categoria *profissões e alimentação*, embora com número de ocorrências inferior, a distribuição da posição do QC foi idêntica em ambas as posições (50%), podendo indicar a existência de uma possível flutuação.

Nas categorias *relações de parentesco, unidade de medida de sequência e unidade de medida de comprimento*, regista-se 100% das ocorrências com o QC em posição pré-nominal.

Por sua vez, na categoria *transportes*, verificou-se que, apesar de existir apenas uma ocorrência, o QC se apresentou em posição pós-nominal.

Tabela 21: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a do referente nominal.

Tema semântico	[N QC]	[QC N]
Animal	14 / 57	57 / 43
	24,6%	75,4%
Unidade de Medida de tempo	39 / 5	39 / 34
	12,8%	87,2%
Agrupamentos	18 / 2	18 / 16
	11,1%	88,9%
Pensamentos / crenças	12 / 1	12 / 11
	8,3%	91,7%
Língua / gramática	10 / 3	10 / 7
	30%	70%
Material / objeto	7 / 1	7 / 6
	14,3%	85,7%
Instituições e eventos	6 / 2	6 / 4

	33,3%	66,7%
Profissões	4 / 2	4 / 2
	50%	50%
Relação de parentesco	0 / 3	3 / 3
	0%	100%
Alimentação	2 / 1	2 / 1
	50%	50%
U. medida de comprimento	2 / 0	2 / 2
	0%	100%
U. medida de sequência	1 / 0	1 / 1
	0%	100%
Transportes	1 / 1	1 / 0
	100%	0%

Importa referir que, na quantificação dos referentes associados a unidades de medida de tempo, a unidades de medida de comprimento e a unidades de medida de sequência, todos os QC ocorreram em posição pré-nominal, à exceção de cinco ocorrências registadas associadas a unidades de medida de tempo (correspondentes a 11,9% do total de ocorrências para unidades de medida). Estas cinco ocorrências foram produzidas pelo mesmo gestuante e mesmo vídeo. Para melhor compreender este caso isolado, este gestuante é formador de LGP e a gravação do seu vídeo dirigia-se a outros formadores, tendo, por isso, planificado o discurso previamente e com a intenção de o divulgar junto dos colegas formadores de LGP.

À semelhança de o encontrado para a outras LG, podemos assim concluir que, quando se trata de quantificação de unidades de medida (de tempo, de comprimento e de

sequência), existe apenas uma única ordem preferível na LGP (pré-nominal) tal como encontrado para a LSM, verificado por Cruz-Aldrete (2008) para o caso de unidades de medida de comprimento e peso, em que a ordem é sempre pré-nominal, e para a UgSL, sendo que a única ordem aceitável na expressão de unidades de medida de comprimento, peso, volume é a pré-nominal (Lutalo-Kiingi, 2016). Contrapondo-se a esta ordem, na LIS, em que com nomes de medida de tempo, capacidade, peso, comprimento, temperatura ou moeda a única ordem verificada é a pós-nominal (Mantovan et al., 2019). O mesmo acontece em LSE, no caso de conceitos contados como euros, quilos ou quilómetros, em que a ordem é sempre a pós-nominal (Á. Herrero & Peidro, 2007).

Para melhor compreender a distribuição das produções para nomes semânticos da categoria das unidades de medida na LGP, na tabela 22, podemos observar estas ocorrências apenas para unidades de medida (de tempo, de comprimento e de sequência) em que a posição predominante é a pré-nominal com 88,1% das ocorrências, contrapondo-se aos 11,9% em posição pós-nominal.

Tabela 22: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando unidades de medida.

Tema semântico	[N QC]	[QC N]
Unidade de Medida de tempo	42 / 5	42 / 34
	11,9%	81%
U. medida de comprimento	2 / 0	2 / 2
	0%	4,8%
U. medida de sequência	1 / 0	1 / 1
	0%	2,4%
TOTAL	11,9%	88,1%

1.1.6 Posição do QC no SN – Traços semânticos do nome

Na análise sobre a posição do QC considerando os traços semânticos do nome associado, analisaram-se os nomes quantos aos traços: animacidade, humano, contável e concreto/ abstrato (Tabela 23).

Os nomes com o traço [+ animado] ocorreram em 37,7% dos casos. Em 9,3% de casos com o QC em posição pós-nominal e em 28,4% de casos com o QC em posição pré-nominal. Por sua vez, os nomes com o traço [- animado] revelaram-se em 62,3% dos casos de ocorrências, sendo que o QC ocorreu em 10,5% dos casos em posição pós-nominal e em 51,9% dos casos em 84 ocorrências em posição pré-nominal. Assim sendo, não nos parece que este seja um traço condicionador ou motivador da variabilidade na ordem.

Por sua vez, quanto à ocorrência de nomes com traço [+ humano], estes ocorreram em 36,4% dos casos, com 9,3% em posição pós-nominal e 27,2% dos casos em posição pré-nominal. No caso de nomes com o traço [- humano], estes ocorreram em 63,6% dos casos, com 10,5% das ocorrências em posição pós-nominal e 53,1% das ocorrências em posição pré-nominal. Estes dados também demonstram que a variabilidade da ordem [QC N] [N QC] não é influenciada pelo traço [\pm humano].

Os nomes contáveis em posição pós-nominal verificaram-se em 19,8% das ocorrências, constituindo posição pré-nominal 80,2% das ocorrências. Não se verificou a quantificação de nomes massivos.

Para os nomes concretos encontramos 68,5% das ocorrências, em posição pré-nominal 51,9% e em posição pós-nominal 16,7%. Para nomes abstratos verificaram-se 5,6% das ocorrências todas elas em posição pré-nominal. Categorizámos, ainda, os nomes que não se incluíam nem em nomes concretos nem em nomes abstratos correspondendo a 25,9% com 22,8% em posição pré-nominal e 3,1% em posição pós-nominal.

Tabela 23: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando os traços do nome associado.

Variável	[N QC]	[QC N]	Total geral
----------	--------	--------	-------------

[+] Animado	162 / 15 (9,3%)	162 / 46 (28,4%)	162 / 61 (37,7%)
[-] Animado	162 / 17 (10,5%)	162 / 84 (51,9%)	162 / 101 (62,3%)
[+] Humano	162 / 15 (9,3%)	162 / 44 (27,2%)	162 / 59 (36,4%)
[-] Humano	162 / 17 (10,5%)	162 / 86 (53,1%)	162 / 103 (63,6%)
Contável	162 / 32 (19,8%)	162 / 130 (80,2%)	162 / 162 100%
Massivo	0	0	0
Concreto	162 / 27 (16,7%)	162 / 84 (51,9%)	162 / 111 (68,5%)
Abstrato	0	162 / 9 (5,6%)	162 / 9 (5,6%)
Não Aplicável	162 / 5 (3,1%)	162 / 37 (22,8%)	162 / 42 (25,9%)

Nesta análise, observa-se que, independentemente dos traços semânticos do nome, existe uma tendência do QC ocorrer em posição pré-nominal. Contudo, dada a presença de produções do QC em posição pós-nominal em alguns casos, não se poderá assumir que a distinção dos traços semânticos do nome é crucial para determinar a posição do QC no SN.

Na literatura, para a RSL, encontramos a posição pós-nominal como única ordem aceitável para nomes massivos (Kimmelman, 2017). No caso da UgSL a ordem preferível para nomes contáveis é a pós-nominal (Lutalo-Kiingi, 2016).

Adicionalmente, as produções de SN com o QC em posição pós-nominal, mesmo que em percentagens baixas, permitem-nos aferir que poderemos estar perante a transição da posição do QC no SN, sendo esta transversal a todos os traços semânticos (com exceção do traço [+ abstrato]).

A categoria fundamental de observação acaba por ser a de discurso planificado e não planificado.

1.1.7 Posição do QC no SN – Variáveis sociodemográficas

De forma a encontrar alguma influência das variáveis sociodemográficas na produção dos SN quantificados com QC que possa esclarecer a posição deste elemento, observaram-se os dados considerando a origem geográfica dos gestuantes (variação dialetal), a idade e sexo dos gestuantes (variação socioletal) e o ano em que ocorreram as produções analisadas (variação diacrónica).

Para encontrar possíveis diferenças de ordem no SN em conformidade com a origem do gestuante, analisaram-se os dados tendo em consideração a região de origem do gestuante (Tabela 24). Nesta análise, podemos observar que a maior percentagem de ocorrências de SN quantificados por QC (80,2%) se regista na região Centro. Nestes casos, os numerais em posição pós-nominal contam com uma percentagem de 11,1% e em posição pré-nominal 69,1%. Na região Norte, totalizamos 16% de ocorrências, das quais o QC em posição pós-nominal se apresenta em 6,2% dos casos e o QC em posição pré-nominal se apresenta em 9,9% dos casos.

Na região sul, foram somente registadas 4 ocorrências (2,5%). Todas estas foram produzidas com o QC em posição pós-nominal. Também na região dos Açores, apesar de se totalizarem apenas 2 ocorrências, em ambas se verifica o QC em posição pré-nominal.

Tabela 24: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a região geográfica dos gestuantes.

Tipo de discurso	[N QC]	[QC N]	Total
Centro	162 / 18 11,1%	162 / 112 69,1%	162 / 130 (80,2%)
Norte	162 / 10 6,2%	162 / 16 9,9%	162 / 26 (16%)
Sul	162 / 4 2,5%	162 / 0	162 / 4 (2,5%)
Açores	162 / 0	162 / 2 1,2%	162 / 2 (1,2%)

Neste contexto, regista-se que, em geral, existe uma tendência a produzir o QC em posição pré-nominal em todas as regiões analisadas, exceto na região Sul. Importa também reconhecer que, na região Norte, ainda que a posição do QC com maior percentagem seja a pré-nominal, se observa uma percentagem mais alta do QC em posição pós-nominal em comparação com os dados das regiões Centro e dos Açores.

Neste contexto, considerando a posição do QC no SN reportada por Amaral et. al. (1994), podemos considerar que, perante uma possível transição da posição do QC no SN em LGP, esta parece estar a decorrer a nível nacional, sendo as regiões Norte e Sul a demonstrar uma maior percentagem de produções de SN quantificados com o QC em posição pós-nominal.

Tendo em conta estes resultados, não se poderá afirmar que existam diferenças dialetais na posição do QC no SN em LGP, mesmo considerando os dados residuais da região Sul.

Na análise da posição do QC no SN tendo em consideração a idade dos gestuantes de LGP (Tabela 25), observamos que, no grupo etário dos 10 aos 19 anos de idade, ocorre uma maior percentagem de produções com o QC em posição pré-nominal (68,4%) do que em posição pós-nominal (31,6%). No grupo etário dos 20 aos 29 anos de idade, os gestuantes produziram com uma percentagem muito alta o QC em posição pré-nominal (95,2%) e numa percentagem residual o QC em posição pós-nominal (4,8%). No grupo etário dos 30 aos 39 anos de idade, o QC em posição pré-nominal ocorreu em 80,6% dos casos e o QC em posição pós-nominal ocorreu em 19,4% dos casos. No grupo etário dos 40 aos 49 anos de idade, observamos que 80,7% dos SN quantificados apresentam o QC em posição pré-nominal e 19,3% dos SN apresentam o QC em posição pós-nominal. Por último, no grupo etário dos 50 aos 59 anos de idade, verificamos que, em 76,5% das ocorrências, o QC ocorre em posição pré-nominal e, em 23,5% das ocorrências, o QC ocorre em posição pós-nominal.

Tabela 25: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando a região geográfica dos gestuantes.

Grupo Etário	[N QC]	[QC N]
[10 - 19]	6 / 19 31,6%	13 / 19 68,4%
[20 - 29]	1 / 21 4,8%	20 / 21 95,2%
[30 - 39]	6 / 31 19,4%	25 / 31 80,6%
[40 - 49]	11 / 57 19,3%	46 / 57 80,7%
[50 - 59]	8 / 34 23,5%	26 / 34 76,5%

Nesta análise, em todos os grupos etários analisados, os gestuantes apresentaram preferência pela posição do QC a preceder o nome. Observa-se ainda que os grupos etários dos 40 aos 49 anos e dos 30 aos 39 anos de idade apresentaram a mesma percentagem de distribuição do QC nas duas posições encontradas.

Assim, tendo em consideração a idade dos gestuantes, encontramos, novamente, indicadores de que possamos estar perante uma fase de transição da posição do QC no SN transversal a todas as faixas etárias, considerando a possível posição pós-nominal do QC apresentada por Amaral et. al. (1994).

Para compreender melhor a ocorrência do QC no SN na LGP, observaram-se os dados tendo em consideração o sexo dos gestuantes (Tabela 26). Nesta análise, tanto os gestuantes do sexo masculino como os do sexo feminino tendem a produzir SN quantificados com QC em posição pré-nominal. Os gestuantes do sexo masculino produziram 87,9% de SN com o QC em posição pré-nominal em detrimento da produção de 12,1% de SN com o QC em posição pós-nominal. Por sua vez, os gestuantes do sexo feminino produziram 24% de SN com o QC em posição pós-nominal e 76% de SN com QC em posição pré-nominal.

Tabela 26: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal.

Tipo de discurso	[N QC]	QC N
Masculino	7 / 58	51 / 58
	12,01%	87,9%
Feminino	25 / 104	79 / 104
	24%	76%

Nesta análise, não se encontram diferenças de posição do QC no SN tendo em consideração o sexo dos gestuantes, observando-se uma maior tendência para que o QC

ocorra em posição pré-nominal. Mais uma vez, poder-se-á considerar que os resultados refletem que poderemos estar perante um período de transição da posição do QC no SN, considerando o estudo de Amaral et. al. (1994).

De forma a analisarmos se a predominância do QC em posição pré-nominal nos dados analisados será, na verdade, resultado de um período de transição da posição do QC pós-nominal para a posição pré-nominal, observámos os dados tendo em consideração o intervalo de anos em que a gravação ocorreu (Tabela 27).

No ano 1992, foram contabilizadas 5 ocorrências do SN quantificado com QC, das quais apenas 1 ocorrência apresentou o QC em posição pós-nominal e as restantes 4 revelam o QC em posição pré-nominal. Estes dados contrariam assim o estudo de Amaral et. al. (1994) que afirmaram que a única posição possível do QC ocorrer seria a posição pós-nominal. Contudo, importa referir que Amaral et. al. (1994) ressaltam ter encontrado produções do QC em posição pré-nominal, assumindo, no entanto, que estas ocorrências pré-nominais seriam por influência do português oral.

Entre os anos 2000 e 2005, somente registamos uma ocorrência em posição pós-nominal, correspondendo a 0,6% do total de ocorrências que verificámos no *corpus*.

Entre os anos 2006 e 2010, registámos 6 ocorrências em posição pós-nominal, correspondendo a 3,7% do total de ocorrências, e 13 ocorrências em posição pré-nominal, correspondendo a 8% do total de ocorrências.

Nos anos entre 2011 e 2015, verificámos 6 ocorrências em posição pós-nominal, correspondendo a 3,7% do total, e 40 ocorrências em posição pré-nominal, correspondendo a 24,7% do total de ocorrências.

Por último, mais recentemente, nas produções de SN quantificados que ocorreram entre os anos 2016 e 2020, verificámos 19 ocorrências em posição pós-nominal, correspondendo a 11,7% das ocorrências, e 72 ocorrências em posição pré-nominal, correspondendo a 44,4% das ocorrências.

Tabela 27: Número e percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal e em posição pós-nominal considerando o intervalo de tempo das produções.

Intervalo de Tempo	[N QC]	[QC N]	Total
[1992]	162 / 1 0,6%	162 / 4 2,5%	162 / 5 3,1%
[2000 - 2005]	0 / 1	162 / 1 0,6%	162 / 1 0,6%
[2006 - 2010]	162 / 6 3,7%	162 / 13 8%	162 / 19 11,7%
[2011 - 2015]	162 / 6 3,7%	162 / 40 24,7%	162 / 46 28,4%
[2016 - 2020]	162 / 19 11,7%	162 / 72 44,4%	162 / 91 56,2%

Os resultados permitem-nos verificar que ocorreu um aumento de produções de SN quantificados com QC em posição pré-nominal ao longo dos últimos 30 anos, observando-se uma redução da percentagem de produções de SN quantificado com o QC em posição pós-nominal.

Embora Amaral et. al. (1994) tenham assumido que a posição aceitável do QC seria a posição pós-nominal, esta ordem não se verifica a predominante nos presentes dados relativos a 1992, verificando-se uma percentagem de ocorrências do QC em posição pré-nominal mais alta, mesmo que baixa). Neste contexto, importa refletir que também Amaral et. al. (1994) terão encontrado ocorrências do QC em posição pré-nominal nos seus dados elicitados, apontando-as como ocorrências influenciadas pela estrutura do português. Não se poderá afirmar ou negar se a posição do QC a anteceder o nome em LGP resultará do conhecimento dos falantes do português escrito.

Contudo, poderemos considerar que a posição do QC no SN se encontrará, atualmente, numa fase de consolidação da sua transição, pelo facto de encontrarmos maioritariamente o QC a ocorrer em posição pré-nominal em todos os critérios, que poderá estar a ser promovida pelo aumento da literacia nos gestuantes de LGP e/ ou da influência do PE.

1.1.8 Formadores de LGP e não formadores de LGP

Tendo em conta os resultados já apresentados parece-nos que em LGP a posição preferida para o numeral é a pré-nominal (80,9%). Ainda assim fomos tentar perceber se os formadores de LGP também utilizam esta produção como preferida ou se seguem a ordem pós-nominal como referida por Amaral et. al. (1994) e na qual se baseia atualmente o ensino formal da LGP. Esta obra de 1994, além de resumida, poderá estar desatualizada devido à natural evolução e dinâmica próprias de qualquer língua viva (apresenta variação diacrónica).

Observámos então que os formadores de LGP produzem maioritariamente o QC em posição pré-nominal (70,6%) e apenas 29,4% de produções com o QC em posição pós-nominal. Quanto às produções por não formadores de LGP, estes produziram 87,2% de ocorrências em posição pré-nominal e 12,8% das ocorrências em posição pós-nominal (Tabela 28). Estes resultados mostram que, ainda que, os formadores LGP sejam quem produz em maior percentagem ocorrências em posição pós-nominal, a posição preferida para estes continua a ser a pré-nominal, ao contrário do que ensinam nas escolas.

Tabela 28: Produções realizadas por formadores e não formadores de LGP em ordem pré-nominal e pós-nominal.

	[N QC]	[QC N]
Formador de LGP	68 / 20 (29,4%)	68 / 48 (70,6%)
Não formador de LGP	94 / 12	94 / 82

(12,8%)

(87,2%)

O facto de os formadores também apresentarem uma tendência de produção do QC em posição pré-nominal demonstra que a fase de transição ou de consolidação do QC em posição pré-nominal é transversal a todo o tipo de gestuantes.

1.2 Sintagmas Nominais quantificados com o Quantificador Cardinal em Posição Incorporada em LGP

Na observação dos QC em incorporação na LGP, verifica-se que a incorporação do QC pode ocorrer nos nomes correspondentes ao campo semântico de tempo, como DIAS, SEMANAS e ANOS, corroborando anteriores estudos (A. Soneira & Fuentes, 2003) para a LSE; (Dedino et al., 2012; Ferreira et al., 2019) para a Libras; (Takkinen et al., 2016) para a FinSL; e.o.). Não encontramos, porém, no nosso *corpus*, QC incorporados em nomes dos campos semânticos de nível escolar e de unidades monetárias (Dedino et al., 2012; Fuentes et al., 2010; Semushina & Mayberry, 2019; Takkinen et al., 2016, e.o.).

Na tabela 29, podemos observar 3 ocorrências para DIAS, incorporados com os QC: 1; 3 e 5. Observamos também 2 ocorrências para SEMANAS com 2 produções do QC: 1 e 2 e relativamente ao nome ANOS observamos 10 ocorrências, com os QC: 1; 4 e 5.

Tabela 29: Nome semântico com numerais incorporados

Região	Incorporado	Quantidade incorporada
SEGUNDOS	Não encontrado	0
MINUTOS	Não encontrado	0
HORAS	Não encontrado	0
DIAS	3 / 15	1; 3; 5

SEMANAS	2 / 15	1; 2
ANOS	9 / 15	1; 4; 5
Total	15	

Ainda que não tenham sido encontradas ocorrências de incorporação de QC em nomes como SEGUNDOS; MINUTOS e HORAS, observa-se que os SN quantificados por incorporação do QC se registam até ao numeral 5, corroborando o que é descrito por Amaral et. al. (1994).

Como verificado para algumas LG (DGS (Mathur & Rathmann, 2010); TID (Kubus, 2008) e RSL (Semushina & Mayberry, 2019)), numerais superiores a 9, os quais contemplam movimento interno na sua produção, não foram verificados como sendo passíveis de incorporação.

Os nomes do campo semântico de tempo em que não foi encontrada incorporação foram SEGUNDOS; MINUTOS e HORAS. Este resultado poderá dever-se ao facto de estes gestos terem na sua base movimento interno (Semushina & Mayberry, 2019).

Tabela 30: Parâmetros fonológicos alterados nos QC incorporados no nome

Nome	Configuração	Orientação	Localização	Movimento
DIAS	X	0	0	0
SEMANAS	X	0	0	0
ANOS	X	0	0	X

Na observação de quais os parâmetros que foram alterados na incorporação de QC, verificámos (A. Soneira & Fuentes, 2003), que o gesto nominal mantém inalterados todos os parâmetros fonológicos à exceção da configuração de mão, que é substituída pelo QC. Na expressão de anos, como exposto na tabela (30), a incorporação permite ainda adotar

a metáfora tempo passado e tempo futuro, sendo que, para referência de tempo passado, o gesto se efetua com movimento circular para trás e, para referência de tempo futuro, o gesto se efetua com movimento para frente (Soneira, 2008). Na Figura 13 (à esquerda), a gestuante produz [HÁ-DOIS-ANOS] com recurso ao articulador manual dominante realizando um movimento para trás das costas para se referir ao passado. Observa-se também outra gestuante (à direita, na Figura 13) a executar o gesto [HÁ-QUATRO-ANOS] também com movimento para a frente.

Adicionalmente, observa-se que todos os gestos que incorporaram QC no nome ANO e se efetuam com recurso a 2 articuladores manuais se reduzem a gestos monomanuais. Este tipo de ocorrência não foi verificado na literatura.



Figura 12. Gestos incorporados em LGP [HÁ-QUATRO-ANOS] E [HÁ-DOIS-ANOS]]

Observámos ainda com que tipo de função sintática ocorrem os QC incorporados. Verificou-se incorporação com a função sintática de modificador do grupo verbal (46,6%), modificador do nome (40%) e ainda 1 ocorrência para predicativo do sujeito e outra para sujeito (tabela 31).

Tabela 31: Função sintática desempenhada pelos QC incorporados.

Função do SN	Incorporado
Modificador do grupo verbal	15 / 7

	(46,6%)
Modificador do nome	15 / 6 (40%)
Predicativo do sujeito	15 / 1 (6,7%)
Sujeito	15 / 1 (6,7%)

CAPÍTULO V Considerações Finais

Apesar de assistirmos a um crescente número de produções científicas sobre a gramática da LGP, estas revelam-se ainda insuficientes para um conhecimento sustentado sobre o seu funcionamento. O presente trabalho analisou sistematicamente a quantificação de SN com QC em LGP, partindo de uma breve descrição teórica com base no PE sobre os aspetos do QC no SN e nas LG para as quais já existe alguma literatura sobre a posição do QC em linearidade e em incorporação.

Analisando linguisticamente dados de um *corpus* de LGP, este trabalho teve como objetivo central a descrição do funcionamento da língua com base numa análise qualitativa e quantitativa com base na frequência de ocorrência. Cumprindo os objetivos de descrever as propriedades semânticas dos SN quantificados e dos seus núcleos, de identificar os contextos sintático-semânticos de ocorrência dos QC sequenciais na LGP e de analisar as condições semânticas e morfossintáticas de incorporação dos QC, foram extraídas as ocorrências de QC no SN em LGP do *Corpus* de Referência para a LGP, no âmbito do projeto “Corpus & Avatar da Língua Gestual Portuguesa” (Ref.^a PTDC/LLT-LIN/29887/2017) do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa.

Após a extração de todos os QC que correspondiam aos dados que se pretendia analisar, dos quais resultaram 177 produções, sendo 162 produções de QC em linearidade e 15 produções em simultaneidade, produzidas por 39 pessoas surdas gestuantes de Portugal continental e ilhas.

Analisados todos os dados linguísticos e aplicados os critérios considerados relevantes para uma análise detalhada à estrutura dos SN quantificados através de QC, observa-se que a posição preferida do QC é a pré-nominal. Estes resultados contrariam a descrição apresentada por Amaral et. al. (1994), em que se assume que a quantificação do SN é preferencialmente pós-nominal, referindo somente uma existência de produções do QC em posição pré-nominal.

Na observação generalizada de uma posição pré-nominal do QC no SN transversal a critérios linguísticos e à tipologia de gestuantes, poderemos considerar que estamos perante uma fase de transição ou de consolidação da posição do QC no SN na LGP, que poderá estar a ser promovida pelo aumento da literacia nos gestuantes de LGP e/ ou da influência do PE.

Finalmente, considerámos importante a análise particular às produções dos gestuantes formadores de LGP, por ser observável que estes também produzem maioritariamente o QC em posição pré-nominal, tanto no discurso cuidado e formal como no espontâneo informal.

Apontamos ainda sumariamente:

QC no SN em posição linear:

- A posição pré-nominal do QC foi a preferencial, contrariando o exposto por Amaral et. al. (1994);
- No contexto de discurso livre, não formal e não planificado dominam as produções [QC N], nestes casos, os gestuantes estarão linguisticamente menos conscientes, providenciando produções mais espontâneas e naturalistas, o que poderá revelar que, em LGP, o QC seja colocado naturalmente a anteceder o nome;
- No contexto de discurso elicitado, formal e planificado, notamos um menor número de ocorrências das produções [QC N], isto é, tipos de discursos que se consideram como aqueles em que existe um maior rigor linguístico na formulação da ordem da produção de constituintes em LGP;
- As produções de expressões nominais definidas não parecem revelar influência na posição do QC em relação ao nome;
- A posição pré-nominal foi a preferencial para todas as funções sintáticas desempenhadas pelo SN;
- Para nomes referentes a unidades de medida de tempo, de comprimento e de sequência, todos os QC ocorreram em posição pré-nominal, à exceção de cinco produções de unidades de medida de tempo produzidas pelo mesmo gestuante no mesmo vídeo;
- Para nomes com traço semântico [\pm animado], [\pm humano], contável ou massivo, concreto ou abstrato, não se verificou influência na posição do QC em relação ao nome, verificando-se a posição pré-nominal como a preferencial;
- Não se poderá afirmar que as diferenças dialetais poderão influenciar a posição do QC em relação ao nome em LGP, mesmo considerando os dados das regiões

Sul e do Arquipélago dos Açores, que apresentaram maioritariamente a posição pós-nominal do QC, mas que por serem dados residuais não serão considerados representativos;

- A idade e o sexo dos gestuantes não revelaram influência na posição pré-nominal do QC em relação ao nome;
- A ocorrência da posição pré-nominal do QC aumentou ao longo dos últimos 30 anos;
- Os formadores de LGP, modelos linguísticos no ensino formal da LGP, também apresentam uma tendência da produção pré-nominal do QC;
- O critério que revelou maior influência na alteração da posição do QC em relação ao nome foi a de discurso planificado e não planificado.

QC em posição simultânea com o N:

Quanto aos QC incorporados, foram verificados QC em incorporação em nomes de unidade de medida de tempo: DIAS; SEMANAS; ANOS com numerais até 5, ainda que o presente *corpus* não seja suficientemente amplo para afirmarmos que este será o QC máximo possível de ser incorporado e que somente estes nomes permitem incorporação. O nome ANO(S), além da alteração da configuração do fenómeno de incorporação, observámos uma mudança na direção do movimento, para adotar a metáfora de tempo passado (executando um movimento para trás) e de tempo futuro (executando um movimento para a frente).

Acreditamos que o presente trabalho, realizado com base em dados linguísticos provenientes de um *corpus* naturalista, é um contributo relevante para o ensino explícito LGP, atualizado e com base científica.

1 Limitações e estudos futuros

Para uma análise mais aprofundada aos quantificadores cardinais em linearidade, este estudo poderia ter sido complementado com uma tarefa de elicitación como a mencionada no estudo de Mantovan et al. (2014) através da BD de Plauen (2000).

Assim poderíamos controlar de certa forma a elicitación de modo a obter mais ocorrências relativas a cada tipo de nome semântico, permitindo-nos confirmar ou infirmar o encontrado neste pequeno corpus. Além disto, poderíamos recolher, de forma mais uniforme, produções de participantes de cada região, uma vez que do nosso estudo fazem parte maioritariamente gestuantes do centro, o que não nos permite verificar se as ordens [QC N] e [N QC] dependerão da região de origem dos gestuantes.

A idade de aquisição de LGP pelos gestuantes e sua literacia teriam sido critérios importantes a considerar neste trabalho, no entanto, estes não constam dos critérios do estudo por não ter sido possível a coleta dos mesmos junto de todos os participantes.

Como estudos futuros poderia ainda ser interessante estudar a posição dos constituintes dentro do SN na LGP. Quanto aos QC incorporados, poderá fazer-se uma recolha mais abrangente de modo a ampliar o estudo de corpus para que através de uma maior recolha pudessem ou não ser corroborados os dados apresentados no presente estudo dado que este observou uma quantidade muito limitada deste tipo de produções pois com este corpus naturalista não conseguimos obter um número significativo que nos permita avaliar o número máximo de quantidade incorporada para cada unidade de tempo.

CAPÍTULO VI Referências bibliográficas

Aarons, D. (1994). *Aspects of the syntax of American Sign Language*. Boston University.

Abner, N., & Wilbur, R. B. (2017). Quantification in American Sign Language. Em D. Paperno & E. L. Keenan (Eds.), *Handbook of Quantifiers in Natural Language: Volume II* (pp. 21–59). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-44330-0_2

Amaral, M. A., Coutinho, A., & Delgado-Martins, R. (1994). *Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Editorial Caminho.

Arik, E. (2020). *An Experimental Approach to Word Order in Turkish Sign Language*. 94, 22.

Bahan, B., & Kegl, J. (1997). *Convergent Evidence for the Structure of Determiner Phrases in American Sign Language*. <https://www.semanticscholar.org/paper/Convergent-Evidence-for-the-Structure-of-Determiner-Bahan-Kegl/82f01c918378d5b0d5e276ae4ddacd91e076c236>

Bahan, B., Kegl, J., MacLaughlin, D., & Neidle, C. (1995). Convergent Evidence for the Structure of Determiner Phrases in American Sign Language. *FLSM VI*, 13.

Baker, A. E. |Bogaerde. (2016). *The Linguistics of Sign Languages*. Em *Z.199*. John Benjamins Publishing Company. <https://benjamins.com/catalog/z.199>

Baker-Shenk, C. (1983). *A Microanalysis of the Nonmanual Components of Questions in American Sign Language* [University of California]. <https://escholarship.org/uc/item/7b03x0tz>

Baker-Shenk, C. L., & Padden, C. (1978). *American Sign Language: A Look at Its History, Structure, and Community*. T. J. Publishers.

Bakken Jepsen, J., Lutalo-Kiingi, S., McGregor, W. B., & De Clerck, G. (Eds.). (2015). *Sign Languages of the World: A Comparative Handbook*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9781614518174>

Bertone, C. (2007). *La struttura del sintagma determinante nella Lingua dei Segni Italiana (LIS)*. University Ca' Foscari of Venice.

Bettencourt, M. F. da S. (2015). *A ordem de palavras na Língua Gestual Portuguesa: Breve estudo comparativo com o Português e outras línguas gestuais*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Biber, D., & Conrad, S. (2019). *Register, Genre, and Style* (2.^a ed.). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108686136>

Bouchard, D., & Parisot, A.-M. (2004). *Properties of number in Quebec Sign Language* [Workshop]. Numerals in the World's Languages, Leipzig. https://www.academia.edu/7707976/Categories_in_Langue_des_Signes_Qu%C3%A9becois_Reflections_on_categorization_across_modalities

Branchini, C. (2007). On relativization and clefting in Italian Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, 10(2), 201–212. <https://doi.org/10.1075/sll.10.2.08bra>

Brentari, D. (Ed.). (2010). *Sign Languages*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511712203>

Brito, A. M. (2003). Categorias sintácticas. Em M. H. M. Mateus, *Gramática da Língua Portuguesa* (5^a, p. 182). Editorial Caminho.

Bross, F. (2019). The clausal syntax of German Sign Language. Em *Language Science Press*. Language Science Press. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3560718>

Brunelli, M. (2011). *Antisymmetry and Sign Languages: A Comparison between NGT and LIS*. LOT.

Caponigro, I., & Davidson, K. (2011). Ask, and tell as well: Question–Answer Clauses in American Sign Language. *Natural Language Semantics*, 19(4), 323–371. <https://doi.org/10.1007/s11050-011-9071-0>

Carmo, H. (2016). *Uma primeira abordagem aos classificadores da Língua Gestual Portuguesa* [Universidade Católica Portuguesa de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10400.14/22600>. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/22600>

Carmo, H., Silva, V. M. da, & Martins, E. (2017). Os verbos em negação na Língua Gestual Portuguesa. *Cadernos de Saúde*, 9, 15–25. <https://doi.org/10.34632/cadernosdesaude.2017.2861>

Carneiro, B. (2020). *A CATEGORIA 'NÚMERO' EM LÍNGUAS DE SINAIS*.

Universidade Federal de Goiás Faculdade de Letras programa de pós-graduação em letras e linguística.

Carvalho, P. V. (2016). A emergência do léxico de especialidade na língua gestual portuguesa: Proposta de construção de um dicionário terminológico bilingue-bidirecional online. *Ideação*, 18(1), Art. 1. <https://doi.org/10.48075/ri.v18i1.17226>

Cecchetto, C., Geraci, C., & Zucchi, A. (2009). Another Way to Mark Syntactic Dependencies: The Case for Right-Peripheral Specifiers in Sign Languages. *Language*, 85, 278–320. <https://doi.org/10.1353/lan.0.0114>

Chomsky, N. (1982). *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. MIT Press.

Choupina, C. (2017). Aspectos estruturantes da morfossintaxe da LGP: Expressão da quantidade e das categorias de sexo dos referentes animados. *Revista Leitura*, 1, 4–25. <https://doi.org/10.28998/2317-9945.2017v1n58p4-25>

Cinque, G. (2005). Deriving Greenberg's Universal 20 and Its Exceptions. *Linguistic Inquiry*, 36(3), 315–332. <https://doi.org/10.1162/0024389054396917>

Coerts, J. (1994). Constituent order in Sign Language of The Netherlands and the functions of orientations. Em *Perspectives on Sign Language Structure: Papers from the Fifth International Symposium on Sign Language Research* (pp. 69–88). International Sign Linguistics Association.

Coons, C. (2021). *The Noun Phrase in Mexican Sign Language and Other Signed Languages*. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.20643.12323>

Coons, C. (2022). Nominal Word Order Typology in Signed Languages. *Frontiers in Communication*, 6. <https://doi.org/10.3389/fcomm.2021.802596>

Correia, I. S. C. (2009). *O parâmetro expressão na Língua Gestual Portuguesa: Unidade suprasegmental*. 12.

Cruz-Aldrete, M. (2008). El estudio de las lenguas de señas. Los sordos, ¿hijos de un dios menor? *Signos Lingüísticos*, 4(8), Art. 08. <https://signoslinguisticos.izt.uam.mx/index.php/SL/article/view/106>

Cunha, C., & Cintra, L. (1984). *Nova gramática do português contemporâneo* (1.^a

Edição). Lisboa: Edições J. Sá da Costa.

Dedino, M., Digiampietri, M., & Aguiar, M. (2012). Incorporação de numeral na libras. Em *Libras em estudo: Descrição e análise* (Neiva de Aquino Albres e André Nogueira Xavier). EDITORA FENEIS LTDA.

Duarte, I. (2000). *Língua portuguesa: Instrumentos de análise*. Universidade Aberta. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10703>

Duarte, I. (2013). Construções de topicalização. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português, Vol.1: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 401–429). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Duarte, I., Faria, I., & Mateus, M. H. (1999). *Gramática da Língua Portuguesa* (4^a). Editorial Caminho.

Duarte, I., & Oliveira, F. (2006). Referência nominal. Em M. H. M. Mateus, *Gramática da língua portuguesa* (7.^a Edição, pp. 205–242). Caminho.

Felipe, T. A., & Monteiro, M. (2007). *Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor* (6.^a). Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.

Ferreira, H. da S., Gonçalves, T. O., & Lameirão, S. V. de O. C. (2019). Aproximações entre neurociências e educação: Uma revisão sistemática. *Revista Exitus*, 9(3), Art. 3. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n3ID945>

Finau, R. A., & Mazzuchetti, V. (2015). *A incorporação de numeral em estruturas classificadoras de língua brasileira de sinais*. 13(24), 20.

Fischer, S. D., & Siple, P. (Eds.). (1990). *Theoretical Issues in Sign Language Research, Volume 1: Linguistics*. University of Chicago Press. <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/T/bo3630320.html>

Fischer, S., Hung, Y., & Liu, S.-K. (2010). Numeral incorporation in Taiwan Sign Language. *Language and cognition: Festschrift in Honor of James H-Y. Tai on His 70th Birthday*, 65–83.

Fuentes, M., Massone, M. I., Del Pilar Fernández-Viader, M., Makotrinsky, A., & Pulgarín, F. (2010). Numeral-Incorporating Roots in Numeral Systems: A Comparative

Analysis of Two Sign Languages. *Sign Language Studies*, 11(1), 55–75.

Gao, L. (2019). Dificuldades do Sintagma Nominal—Contributos para a compreensão do ponto de vista dos aprendentes chineses de PLE. *Dificuldades do Sintagma Nominal — Contributos para a compreensão do ponto de vista dos aprendentes chineses de PLE*. Dificuldades do Sintagma Nominal — Contributos para a compreensão do ponto de vista dos aprendentes chineses de PLE. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/93356>

Gonçalves, M. E. A. (2016). *Estudo diacrónico dos gestos da língua gestual portuguesa nos Açores* [Universidade Católica Portuguesa de Lisboa]. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20298>

Gonçalves, N., Moita, M., & Mineiro, A. (2022). Um olhar diacrónico à variação fonológica e lexical da língua gestual portuguesa no conto Capuchinho Vermelho. Em C. Choupina & A. M. B. de Brito, *Língua gestual portuguesa e outras línguas de sinais: Estudos linguísticos* (pp. 167–182). Universidade do Porto. Faculdade de Letras Universidade do Porto. Centro de Linguística.

Greenberg, J. H. (1963). Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. Em *Universals of Human Language* (pp. 73–113). MIT Press.

Herrero, A. (2009). *Gramática didáctica de la Lengua de Signos Española (LSE)*. Boadilla del Monte. <https://cnlse.es/es/recursos/biblioteca/gram%25C3%25A1ctica-did%25C3%25A1ctica-de-la-lengua-de-signos-esp%25C3%25B1ola-lse>

Herrero, Á., & Peidro, A. (2007). Los tipos de plural en la lengua de signos española. *Actas del VI Congreso de Lingüística General: Santiago de Compostela, 3-7 de mayo de 2004, Vol. 2, Tomo 1, 2007 (Las lenguas y su estructura (IIa))*, ISBN 84-7635-671-5, págs. 1051-1064, 179–180. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2307501>

Heyerick, I., Van Braeckvelt, M., de Weerd, D., Van Herreweghe, M., & Vermeerbergen, M. (2010). *Expressing plural meaning in Flemish Sign Language (VGT)* [Apresentação de póster]. TISLR, Purdue University.

Imazato, N. (2016). 19 Syntax of Japanese Sign Language. Em *Handbook of Japanese Applied Linguistics* (Masayoshi Shibatani e Taro Kageyama, pp. 483–509). De

Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614511830>

Jones, V. L. (2013). *Numeral Incorporation In American Sign Language*. University of North Dakota.

Kayne, R. S. (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. MIT Press.

Kegl, J. (2003). Pronominalization in American Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, 6. <https://doi.org/10.1075/sll.6.2.08keg>

Kimmelman, V. (2017). Quantifiers in Russian Sign Language. Em D. Paperno & E. L. Keenan (Eds.), *Handbook of Quantifiers in Natural Language: Volume II* (Vol. 97, pp. 803–855). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-44330-0_16

Klezovich, A., & Aksenov, K. A. (2018). Word Order Within The Nominal Domain In Russian Sign Language. *Undefined*. <https://www.semanticscholar.org/paper/Word-Order-Within-The-Nominal-Domain-In-Russian-Klezovich-Aksenov/009cd36b8c93583569e5621c8085cef3f6558938>

Klezovich, A. G., & Aksenov, K. A. (2018). *WORD ORDER WITHIN THE NOMINAL DOMAIN IN RUSSIAN SIGN LANGUAGE*. 17.

Ktejik, M. (2013). *Numeral Incorporation in Japanese Sign Language*. <https://doi.org/10.1353/sls.2013.0003>

Kubus, O. (2008). *An analysis of Turkish Sign Language (T.ID) phonology and morphology*. The Middle East Technical University.

Kuhn, J., Aristodemo, V., & Jean-Nicod, I. (2015). *Iconicity in the grammar: Pluractionality in French Sign Language*. *Linguistics Society of America* 89.

Leeson, L., & Saeed, J. I. (2012). 12. Word order. Em *Sign Language: An international handbook* (R. Pfau, M. Steinbach and B. Woll, pp. 256–257). De Gruyter Mouton. <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110261325/html>

Li, J., & Tang, G. (2020). Nominal-internal word order in Hong Kong Sign Language and Cantonese: A Comparative Study. *FEAST. Formal and Experimental Advances in Sign language Theory*, 3, 43–55. <https://doi.org/10.31009/FEAST.i3.04>

Liddell, S. K. (1980). *American sign language syntax*. Mouton.

Liskova, E. I. (2017). *Universal quantification in the nominal domain in American Sign Language* [Thesis]. <https://doi.org/10.15781/T2M32NS8G>

Lutalo-Kiingi, S. (2016). A descriptive grammar of morphosyntactic constructions in Ugandan Sign Language (UgSL): (University of Central Lancashire, 2014). *Sign Language & Linguistics*, 19(1), 132–141. <https://doi.org/10.1075/sll.19.1.05lut>

Lyons, J. (1977). *Semantics* (Vols. 1 e 2). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511620614>

Mantovan, L., & Geraci, C. (2017). The syntax of nominal modification in Italian Sign Language (LIS). *Sign Language & Linguistics*, 20(2), 183–220. <https://doi.org/10.1075/sll.00002.man>

Mantovan, L., Geraci, C., & Cardinaletti, A. (2014). Addressing the Cardinals Puzzle: New Insights from Non-Manual Markers in Italian Sign Language. *Proceedings of LREC 2014*, 113–116.

Mantovan, L., Geraci, C., & Cardinaletti, A. (2019). On the cardinal system in Italian Sign Language (LIS). *Journal of Linguistics*, 55(4), 795–829. <https://doi.org/10.1017/S0022226718000658>

Mathur, G., & Rathmann, C. (2010). Two Types of Nonconcatenative Morphology in Signed Languages. Em *Deaf around the World*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199732548.003.0003>

McBurney, S. L. (2002). Pronominal Reference in Signed and Spoken Language: Are Grammatical Categories Modality-Dependent? Em R. P. Meier, K. Cormier, & D. Quinto-Pozos, *Modality and Structure in Signed and Spoken Languages* (pp. 329–369). Cambridge University Press.

McKee, R. (2016). Number, colour and kinship in New Zealand Sign Language. Em *Number, colour and kinship in New Zealand Sign Language* (pp. 351–384). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781501503429-011>

Miguel, M., & Raposo, E. (2013). Determinantes. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português, Vol. I: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 819–822). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Miljan, M. (1995). *The noun phrase in Estonian Sign Language from the typological perspective*. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.20408.57604>

Móia, T. (2016). 12. Semântica e pragmática. Em A. M. Martins & E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 270–297). Mouton De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110368840-014>

Morais, A., Jardim, J. C., Silva, A., & Mineiro, A. (2011). Para além das mãos: Elementos para o estudo da expressão facial (EF) em Língua Gestual Portuguesa (LGP). *Cadernos de Saúde*, 37-42 Páginas. <https://doi.org/10.34632/CADERNOSDESAUDE.2011.2812>

Morales-López, E., Casanova, C., Varela, C., Díaz, E., García, N., Rodríguez, C., Novás, B., & Vázquez, G. P. (2000). Aspectos gramaticales de la lengua de signos española. Em *Apuntes de lingüística de la lengua de signos española* (Fundación CNSE, pp. 69–131). Fundación CNSE. https://www.academia.edu/42469090/Aspectos_gramaticales_de_la_lengua_de_signos_esp%C3%B1ola

Morgan, H. E. (2013). *Numeral Incorporation in Kenyan Sign Language (POSTER)* [Poster presentation at 11th Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research]. https://www.academia.edu/12658882/Numeral_Incorporation_in_Kenyan_Sign_Language_POSTER_

Napoli, D. J., & Sutton-Spence, R. (2014). Order of the major constituents in sign languages: Implications for all language. *Frontiers in Psychology*, 0. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00376>

Nascimento, S., & Correia, M. (2011). *Um Olhar sobre a Morfologia dos Gestos* (Universidade Católica Editora). Universidade Católica Editora. <https://www.wook.pt/livro/um-olhar-sobre-a-morfologia-dos-gestos-sandra-patricia-faria-do-nascimento/14662862>

Neidle, C., Kegl, J., MacLaughlin, D., Bahan, B., & Lee, R. G. (2003). *The Syntax of American Sign Language: Functional Categories and Hierarchical Structure*. A Bradford Book.

Neidle, C., & Nash, J. (2012). The Noun Phrase. Em *Sign Language: An International Handbook* (pp. 265–292). <https://doi.org/10.1515/9783110261325.265>

Obando, I., Vega, E., Javier, E., Ellis, M., & Kegl, J. (2000). *Lip pointing in Idioma de Senas de Nicaragua*. 7th International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research, Amsterdão.

Peres, J. (2013). Semântica do sintagma nominal. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português, Vol.1: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 735–818). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Perniss, P. (2001). *Numerus und Quantifikation in der Deutschen Gebärdensprache* [MA thesis]. University of Cologne.

Perniss, P., Pfau, R., & Steinbach, M. (2007). Can't you see the difference? Sources of variation in sign language structure. *Emotion*, 1–34.

Pfau, R., & Quer, J. (2010). Nonmanuals: Their grammatical and prosodic roles. Em D. Brentari (Ed.), *Sign Languages* (pp. 381–402). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511712203.018>

Pfau, R., Steinbach, M., & Woll, B. (2012). *Sign Language: An International Handbook*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110261325>

Plauen, O. (2000). *Vater und Sohn* (1. edition). Südverlag.

Quer, J. (2012). Quantificational Strategies across Language Modalities. Em M. Aloni, V. Kimmelman, F. Roelofsen, G. W. Sassoon, K. Schulz, & M. Westera (Eds.), *Logic, Language and Meaning* (Vol. 7218, pp. 82–91). Springer Berlin Heidelberg. https://doi.org/10.1007/978-3-642-31482-7_9

Quer, J., Cecchetto, C., Donati, C., Geraci, C., Kelepir, M., Pfau, R., & Steinbach, M. (Eds.). (2017). *SignGram Blueprint: A Guide to Sign Language Grammar Writing*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9781501511806>

Quer, J., & Steinbach, M. (2015). Ambiguities in Sign Languages. *The Linguistic Review*, 32(3), 601–601. <https://doi.org/10.1515/tlr-2015-0001>

Raposo, E. (2013a). Estrutura da frase. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L.

Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português, Vol.1: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 303–400). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Raposo, E. (2013b). Estrutura da frase. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português, Vol.1: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Raposo, E. (2013c). Gramática do Português, Vol.1. Em E. Raposo, *Gramática do Português* (Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. 1, pp. 366–369). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Raposo, E. (2013d). Introdução ao Sintagma Nominal. Em E. Raposo & M. Miguel, *Gramática do Português, Vol.1: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 703–734). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Raposo, E., & Miguel, M. (2013a). Introdução ao Sintagma Nominal. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português, Vol.1: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 703–734). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Raposo, E., & Miguel, M. (2013b). Introdução ao sintagma nominal. Em *Gramática do Português, Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. 1).

Reis, C. (1993). Discursos: Estudos de língua e cultura portuguesa: semântica das estruturas nominais. *Discursos: estudos de língua e cultura portuguesa*. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3949>

Sagara, K. (2014). *The numeral system of Japanese Sign Language from a cross-linguistic perspective*. University of Central Lancashire.

Sandler, W., & Lillo-Martin, D. (2006a). *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139163910>

Sandler, W., & Lillo-Martin, D. (2006b). *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge University Press.

Scott, G. (2002). Stacked adjectival modification and the structure of the nominal phrases. Em *The Cartography of Syntactic Structures* (Guglielmo Cinque, Vol. 1, pp. 91–

107). Oxford University Press. <https://www.semanticscholar.org/paper/Stacked-adjectival-modification-and-the-structure-Scott/1c932e4bfda80b6fc75ca2830433d59b9e19eb1c>

Semushina, N., & Mayberry, R. I. (2019). Numeral Incorporation in Russian Sign Language: Phonological Constraints on Simultaneous Morphology. *Sign Language Studies*, 20(1), 83–131. <https://doi.org/10.1353/sls.2019.0015>

Silva, J. M. da. (2021). *Explorar as características da categoria fonológica movimento na Língua Gestual Portuguesa*. Universidade Católica Portuguesa de Lisboa.

Sofia, I., & Correia, I. (2020). *Morfologia Derivacional em Língua Gestual Portuguesa: Alguns Exemplos*.

Soneira, A., & Fuentes, S. (2003). LA INCORPORACIÓN NUMERAL EN LAS LENGUAS SIGNADAS. *Revista de Investigación Lingüística*, 6(1), Art. 1.

Soneira, A. M. F. (2012). La cuantificación indefinida en la lengua de signos española (LSE): La expresión del cuantificador todo. *Anuari de Filologia. Estudis de Lingüística*, 2, 123–139.

Steinbach, M. (2012). 6. Plurality. Em R. Pfau & B. Woll, *Sign Language: An International Handbook*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110261325>

Steinbach, M., Pfau, R., & Woll, B. (2012). Plurality. Em *Sign Language: An International Handbook* (R., Pfau, M. Steinbach & B. Woll, pp. 112–136). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110261325>

Sutton-Spence, R., & Woll, B. (1999). *The linguistics of British Sign Language: An introduction*. Cambridge University Press.

Takkinen, R., Jantunen, T., & Seilola, I. (2016). A typological look at kinship terms, colour terms and numbers in Finnish Sign Language. Em U. Zeshan & K. Sagara, *Semantic Fields in Sign Languages: Colour, Kinship and Quantification*. Walter de Gruyter GmbH & Co KG.

Tang, G., & Sze, F. (2002). *Nominal expressions in Hong Kong Sign Language: Does modality make a difference?* (pp. 296–321). <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486777.015>

Vázquez-Rojas. (2011). Definite and indefinite numeral phrases in Shupamem. Em *New York University Working Papers in Linguistics* (Neil Myler&Jim Wood, Vol. 3, pp. 231–244). New York University Working Papers in Linguistics.

Vermeerbergen, M., Leeson, L., & Onno, C. (2007). Simultaneity in Signed Languages. Em *Simultaneity in Signed Languages Form and function* (pp. 1–25). John Benjamins Publishing Company. <https://benjamins.com/catalog/cilt.281>

Vermeerbergen, M., Van Herreweghe, M., Akach, P., & Matabane, M. (2007). Constituent order in Flemish Sign Language (VGT) and South African Sign Language (SASL): A cross-linguistic study. *Sign Language & Linguistics*, 10, 23–54. <https://doi.org/10.1075/sll.10.1.04ver>

Vicente, G. (2013). Numerais. Em E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português, Vol. I: Vol. I* (Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 921–948). <https://www.wook.pt/livro/gramatica-do-portugues-volume-i/15272392>

Volterra, V., Goldin-Meadow, S., Mylander, C., de Villiers, J., & Bates, E. (1984). Gestural Communication in Deaf Children: The Effects and Noneffects of Parental Input on Early Language Development. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 49(3/4), 1–151. <https://doi.org/10.2307/1165838>

Wallingford, S. J. (2008). The pluralisation of nouns in New Zealand Sign Language. Em *Wellington Working Papers in Linguistics* (Derek Wallace, pp. 1–24). *Linguistics* 20.

Woodward, J., Bradford, A., Sokchea, C., & Samath, H. (2015). 5 Cambodian Sign Language. Em *Sign Languages of the World* (Julie Bakken Jepsen, Goedele De Clerck, Sam Lutalo-Kiingi and William B. McGregor, pp. 159–176). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614518174-011>

Woodward, J., Hoa, N. T., Giang, N. D. M., Huong, L. T. T., Tu, L. N., & Van, H. T. (2015). 15 Ho Chi Minh City Sign Language. Em *15 Ho Chi Minh City Sign Language* (Julie Bakken Jepsen, Goedele De Clerck, Sam Lutalo-Kiingi and William B. McGregor, pp. 391–408). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614518174-021>

Woodward, J., Hoa, N. T., Lam, N. H., Linh, N. T., Nhut, N. M., & Tien, N. T. T. (2015). 12 Ha Noi Sign Language. Em *12 Ha Noi Sign Language* (Julie Bakken Jepsen, Goedele De Clerck, Sam Lutalo-Kiingi and William B. McGregor, pp. 335–350). De

Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614518174-018>

Woodward, J., & Suwanarat, K. (2015). 28 Original Bangkok Sign Language. Em *28 Original Bangkok Sign Language* (Julie Bakken Jepsen, Goedele De Clerck, Sam Lutalo-Kiingi and William B. McGregor, pp. 677–686). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614518174-034>

Woodward, J., & Wongchai, T. (2015). 29 Original Chiang Mai Sign Language. Em *29 Original Chiang Mai Sign Language* (Julie Bakken Jepsen, Goedele De Clerck, Sam Lutalo-Kiingi and William B. McGregor, pp. 687–700). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781614518174-035>

Xavier, A., & Neves, S. (2016). Descrição de aspectos morfológicos da libras. *Revista Sinalizar*, *1*(2), 130–151.

Yang, J. (2016). Numeral signs and compounding in Chinese Sign Language (CSL). Em *Semantic Fields in Sign Languages: Colour, Kinship and Quantification* (pp. 253–268). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9781501503429>

Zajtseva, G. L. (1987). Metody izučenija sistemy žestovogo obšenija gluhih (Methods of studying systems of signed communication of the deaf). *Defektologija*, *1*, 3–11.

Zhang, N. N. (2007). Universal 20 and Taiwan Sign Language. *Sign Language & Linguistics*, *10*(1), 55–81. <https://doi.org/10.1075/sll.10.1.05zha>

ANEXO I

Código do gestuante	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
001	[10 - 19]	[2000 - 2005]	1	Centro	F	N.F.
002	[30 - 39]	[2011 - 2015]	1	Centro	F	N.F.
003	[40 - 49]	[2016 - 2020]	1	Centro	M	N.F.
004	[30 - 39]	[2006 - 2010]	4	Centro	F	N.F.
		[2016 - 2020]	3			
005	[20 - 29]	[2016 - 2020]	2	Centro	M	N.F.
006	[40 - 49]	[2011 - 2015]	2	Centro	M	N.F.
007	[30 - 39]	[2006 - 2010]	2	Centro	M	N.F.
	[40 - 49]	[2006 - 2010]	1			
008	[10 - 19]	[2016 - 2020]	3	Centro	F	N.F.
009	[10 - 19]	[2006 - 2010]	1	Norte	F	F.
	[40 - 49]	[2016 - 2020]	6			
010	[30 - 39]	[2006 - 2010]	2	Centro	M	N.F.
011	[30 - 39]	[2006 - 2010]	3	Centro	F	N.F.
012	[50 - 59]	[2016 - 2020]	1	Açores	F	F.
013	[10 - 19]	[2006 - 2010]	3	Sul	M	N.F.
014	[30 - 39]	[2011 - 2015]	1	Centro	M	N.F.
015	[10 - 19]	[2006 - 2010]	1	Centro	M	N.F.
016	[10 - 19]	[2006 - 2010]	1	Centro	F	N.F.
017	[40 - 49]	[2006 - 2010]	1	Centro	M	N.F.
	[50 - 59]	[2016 - 2020]	4			
018	[40 - 49]	[2011 - 2015]	1	Centro	F	F.
	[40 - 49]	[2016 - 2020]	2			
	[50 - 59]	[2016 - 2020]	21			
019	[30 - 39]	[2011 - 2015]	1	Centro	F	F.
020	[30 - 39]	[2006 - 2010]	1	Norte	M	N.F.
021	[40 - 49]	[2011 - 2015]	16	Centro	M	N.F.
022	[20 - 29]	[2016 - 2020]	15	Centro	F	N.F.

023	[10 - 19]	1992	3	Centro	F	F.
	[40 - 49]	[2011 - 2015]	1			
024	[20 - 29]	[2016 - 2020]	5	Centro	M	N.F.
025	[10 - 19]	[2011 - 2015]	5	Centro	F	N.F.
026	[50 - 59]	[2011 - 2015]	4	Centro	M	N.F.
		[2016 - 2020]	1			
027	[50 - 59]	[2011 - 2015]	1	Centro	F	N.F.
028	[30 - 39]	[2011 - 2015]	6	Centro	F	F.
	[40 - 49]	[2016 - 2020]	10			
029	[10 - 19]	1992	2	Centro	M	N.F.
030	[20 - 29]	[2016 - 2020]	6	Centro	M	N.F.
031	[30 - 39]	[2011 - 2015]	2	Centro	F	N.F.
032	[50 - 59]	[2011 - 2015]	1	Centro	M	N.F.
033	[50 - 59]	[2011 - 2015]	1	Sul	F	N.F.
034	[30 - 39]	[2011 - 2015]	2	Norte	F	F.
035	[50 - 59]	[2011 - 2015]	1	Centro	M	N.F.
036	[30 - 39]	[2016 - 2020]	2	Centro	M	N.F.
037	[40 - 49]	[2016 - 2020]	1	Açores	M	N.F.
038	[30 - 39]	[2016 - 2020]	1	Centro	F	N.F.
039	[40 - 49]	[2016 - 2020]	21	Norte	F	F.